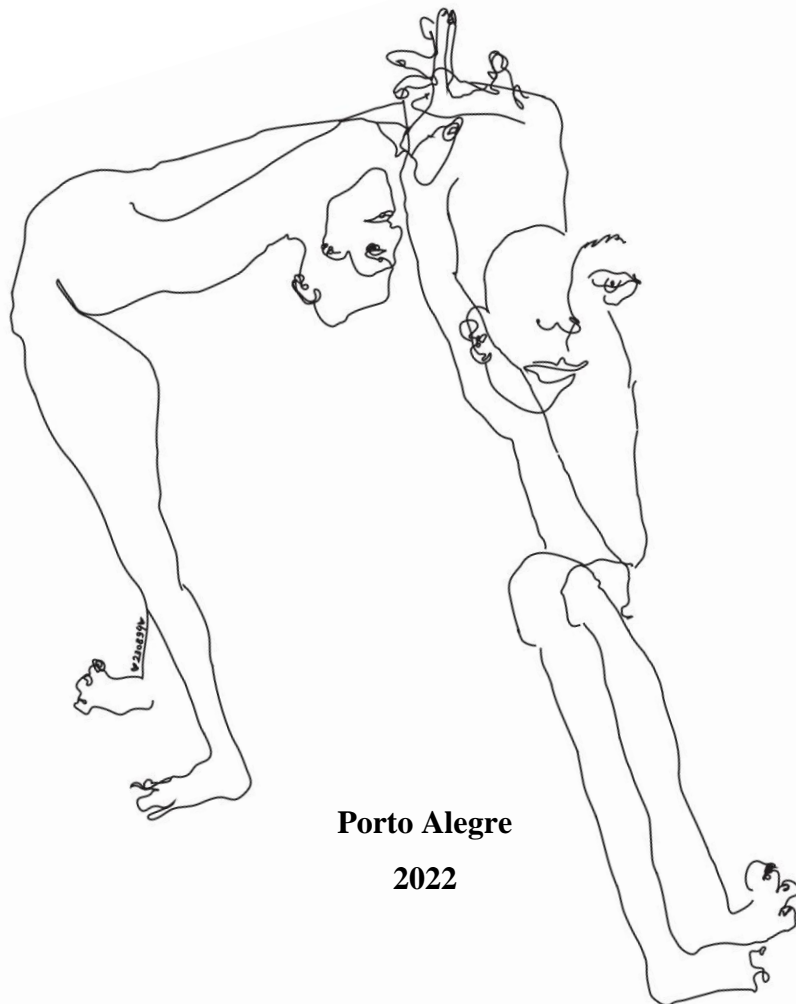


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
SOCIAL E INSTITUCIONAL

KAREM SÂMIA PAMPLONA PIRES

à **escuta** **das** **mulheres** **:**
a **poética** **periférica** **como**
dispositivo **clínico - político**



Porto Alegre
2022

KAREM SÂMIA PAMPLONA PIRES

À ESCUTA DAS MULHERES:

A poética periférica como dispositivo clínico- político

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

Porto Alegre

2022

KAREM SÂMIA PAMPLONA PIRES

**À ESCUTA DAS MULHERES:
A poética periférica como dispositivo clínico- político**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Porto Alegre, 17 de Fevereiro de 2022

Luis Artur Costa – Orientador

Luciano Bedin da Costa - PPGPSI/UFRGS

Rachel Gouveia Passos – ESS/UFRJ

Rosane Preciosa Sequeira– IAD/UFJF

AGRADECIMENTOS

Às minhas mãezinhas: mãe Dete, mãe Dilma e Patrícia, por serem meus amores-coragem. Obrigada por me auxiliarem no processo de ter coragem para viver meus sonhos. Vocês estão presentes neste trabalho e sempre serão minhas inspirações para escrita.

Aos meus familiares, em especial, aos meus maravilhosos (as) sobrinhos e sobrinhas, Cauê, Manu, Helô e Caio, com quem aprendo continuamente e escuto as melhores histórias, como também Samara, Rodrigo e papai.

À todas (os) psicólogas (os) com quem já encontrei nessa jornada, por nossos caminhos se diferenciarem e se encontrarem, pude obter inspirações, conselhos, leituras e contribuições maravilhosas durante o percurso.

Ao Luís Artur, que me acompanhou nesse processo de pesquisa e permitiu a tessitura deste trabalho com tanta liberdade e responsabilidade.

À todas as mulheres com quem cruzei caminhos, especialmente, às que consegui construir um laço de amor, amizade e companheirismo, sem vocês a ideia principal dessa dissertação não existiria.

RESUMO

O presente trabalho problematiza a violência misógina presente em diversas práticas voltadas à promoção de saúde mental. A partir da construção narrativa de personagens ficcionais, acessamos o campo crítico desde a experiência sensível destas mulheres que resistem e se insurgem contra as práticas coloniais psis. A produção de coletivos como forma de promover práticas de cuidado, e o uso das narrativas poéticas como estratégia para provocar encantamento e escuta, são as linhas que servem de guia para a escrita das diversas situações, poemas, músicas e outras muitas vozes que compõem o presente texto. Não se trata de uma tentativa de representar um objeto de estudo, ou ainda, de um texto que busca informar profissionais psis sobre como escutar às mulheres. Ao invés disso, trata-se de um texto-dispositivo que quer intervir em suas/seus leitoras/es provocando afetações de ordem clínico-política, as quais possam transformar suas possibilidades de escuta, transformar suas possibilidades de cuidado coletivo. Um texto composto por uma comunidade de vozes e que pretende provocar comunidades outras.

Palavras-chave: escuta, coletivo, feminismo, descolonização, ficção.

ABSTRACT

The present work problematizes the misogynist violence present in several practices aimed at promoting mental health. From the narrative construction of fictional characters, we access the critical field from the sensitive experience of these women who resist and rebel against “psis” colonial practices. The production of collectives as a way of promoting care practices and the use of poetic narratives as a strategy to provoke enchantment and listening, are the lines that serve as a guide for the writing of the different situations, poems, songs and many other voices that make up the present text. It is not an attempt to represent an object of study, or even a text that seeks to inform “psi” professionals about how to listen to women. Instead, it is a text-device that wants to intervene in its readers, provoking clinical-political affectations, which can transform their possibilities of listening, transforming their possibilities of collective care. A text composed by a community of voices and that intends to provoke other communities.

Keywords: listening, collective, feminism, decolonization, fiction.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Print Conversa Whatsapp	16
Figura 2- Publicação Instagram Tatiana Nascimento.....	18
Figura 3 - Ilustração da Fala de Ailton Krenak	22
Figura 4 - Colagens de revistas	27
Figura 5- Cortina de Balas.....	30
Figura 6- Rasga- mortalha.....	31
Figura 7- Cabelos Voando.....	32
Figura 8- Matinta.....	33
Figura 9- Ouvidos Sangrando.....	35
Figura 10- Comentários Instagram.....	37
Figura 11- Medicações	41
Figura 12 - Ilustração Ela disse, Ele disse	47
Figura 13 - Print Comentários Facebook 1	49
Figura 14- Print Comentários Facebook 2.....	50
Figura 15 - Feridas abertas	57
Figura 16 - Fotografia Muro.....	59
Figura 17 - Cuidado de nós	74

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo metodológico	13
Balas e agulhas.....	28
Coletivo, mulheres e escuta	31
Formigas nos ouvidos.....	34
Diário.....	79
Carta.....	100
Convite	103
REFERÊNCIAS	104

Introdução

Para introduzirmos a dissertação, nos desfazemos das costumeiras explicações. Escutar/pesquisar provoca vertigens. Nossos olhos não se voltam para o macro, interessam-se pelas minúcias que guardam potências, a produzir fendas em divergentes direções da nossa realidade tão mastigada. Acreditamos na força do miúdo, como afirmam Simas e Rufino (2020). Nossas alianças constituem-se com a ideia de cumplicidade subversiva, com estratégias de transformação e resistência ao inserir visões de mundo diferentes das eurocêntricas, das formas hegemônicas de produção de conhecimento (GROSFOGUEL, 2012).

Além disso, entendemos que o modo como dizemos nossos trabalhos é também estratégia importante de transformação. Por essa razão, os temas que trabalhamos incorporam a força poética da palavra, modo pelo qual diferentes povos encontraram a potência de conjurar mundos pela fala e pela escrita desde muito tempo. A partir dessas estratégias, somos tomados de curiosidade e sensibilidade pelos encontros inventivos que produzam fissuras nos métodos e intervenções em Psicologia. Com o desafio de superar as definições e concepções de sujeito como acabado, nos dispomos a alterar nossos modos de acompanhar e escrever os movimentos de produção de diferença no contemporâneo, sabendo que alguns métodos e intervenções podem não dar conta de tais movimentos.

A ciência psicológica transforma as mulheres em objetos de intervenção e pesquisa desde seu surgimento na modernidade como uma máquina de ajustamento e normalização. Mesmo a Psicologia que se propõe a falar das diferenças, em sua vertente crítica, possui a noção de normalidade articulada ao discurso eurocêntrico, branco, cisheteronormativo, que privilegia as classes detentoras de poder financeiro, assim como reproduz e legitima discursos associados às lógicas binárias de heterossexualidade e homossexualidade, normal e anormal, central e periférico, homem e mulher, branco e preto. Mbembe (2017, p.15) evidencia a psicologia como parte de uma rede de produção de existências fixadas, onde a “felicidade depende quase inteiramente da capacidade de reconstruir publicamente a sua vida íntima e de oferecê-la num mercado como produto de troca”.

Com isso, ressaltamos que não pretendemos representar, prescrever ou informar. O texto que propomos é transformativo, abriga a potência de transformar quem lê. O texto age, toca, é afetação como também intervenção. O texto é um dispositivo de(s)colonial e feminista de escuta- intervenção engendrado a partir de experiências de coletividade. Por isso, nos interessamos pelos encontros que o texto pode criar, como seu corpo reage, como você lê/escuta e acompanha o texto.

Nesse sentido, quem seriam as (os) destinatárias (os) do texto? O texto dialoga com mulheres e profissionais da área da saúde mental, em especial, as (os) psicólogas (os). Como profissional, pesquisadora e estudante fui incentivada a assumir posições de não-escuta. E como usuária já tive o corpo marcado por intervenções violentas. Porém, ressaltamos que o texto é formado por um coletivo de vozes que se erguem, não é só a minha voz e experiência.

Também, é necessário destacar que, enquanto campo acadêmico neste trabalho, a presença fraca da Psicologia pode produzir estranhamentos. Nossa operação crítica é fundamentada na força da experiência de quem encontra e resiste diante das violências coloniais reiteradas pelos fazeres psis. Por isso, construímos uma crítica ao campo psi pela força poética das palavras em uma composição ficcional, tramada pelas vozes de muitas mulheres que eu fui e com as quais estabeleci encontros: nas ruas, nos livros, nas revistas, em blogs, em filmes, séries e em publicações nas redes sociais.

No texto, os fragmentos se agenciam como coletivo. Temos um processo de coletivização de mulheres como rizoma, uma voz não se ergue sozinha, ela é outras vozes, as quais também podem ser compostas por vozes ocultas, desfazendo, assim, os fins e começos, dando movimento e multiplicidade às experiências narradas (DELEUZE; GUATTARI, 2011). No texto, apostamos em multiplicidade de estratégias para construirmos territórios sem limites precisos e demarcações, com possibilidade de novas entradas. Sendo assim, o texto assume estratégia de fazer comunidade. O texto é capaz de comunidade com quem lê.

Bell hooks (2013) nos traz que o ato de contar histórias abriga a potência de iniciar o processo de construção de comunidades, alicerçadas no respeito pelos saberes dos sujeitos e nos espaços nos quais sejam compartilhados a fala e a escuta. A autora também fala que um dos aspectos centrais e transformativos do feminismo é propor que as mulheres possam contar suas histórias, que elas se manifestem (HOOKS, 2020).

Com isso, acreditamos no que Ailton Krenak (2019, p.13) nos convoca a “sempre contar mais uma história”, como também, Bruna Battisteli e Érika Oliveira (2021, p. 697) nos trazem uma aposta interessante que dialoga com Ailton Krenak (2019), “contar mais uma história enlaça-se com a possibilidade de esticarmos nossa voz o mais longe possível (como fizeram mulheres como Esperança Garcia e Maya Angelou, por exemplo), para que façamos furos nas políticas de desencantamento colonial ao qual estamos subordinadas”.

Dessa maneira, o texto se compõe com narrares e escutares vários. Apostamos em narrativas ficcionais durante a pesquisa, pois a ficção é uma maneira de acompanhar a vida, aproximar-se das pessoas sem a necessidade de imperativos, entendendo que, os textos acadêmicos podem ter a cara das pessoas (e estas não são somente homens brancos cis e

héteros), podemos multiplicar as maneiras de inscrições neles, assim como torná-los combustíveis para criação de maneiras de viver. Uma metodologia que se propõe a desfazer os modos tradicionais e valores coloniais na pesquisa. Assim, o foco no sensível e a busca clínico-política por outras formas de afetar-deslocar nossos modos de existir pode nos tornar mais capazes (potentes) para afetarmos e sermos afetados por outras formas de narrar o mundo e a nós mesmos para além das hegemônicas.

As narrativas com fundo preto são um convite à escuta. Um livro chamado “Visagens e Assombrações de Belém” de Walcyr Monteiro (2000) que tinha na casa dos meus avós era de maneira semelhante com páginas escuras e a imagem do livro representava o medo de ler/escutar aquelas histórias, por viver na mesma cidade que as narrativas se passavam, a proximidade com aquelas narrativas me causavam medo.

Também, trazemos o medo de outras maneiras, o medo da invasão de línguas consideradas subalternas no contexto acadêmico apresentado no desinteresse, silenciamento e apagamento. Como também, o medo de assumir o lugar de escuta por quem sempre teve autorização de fala, como nos traz Ribeiro (2017). Simas e Rufino (2020, p.12) falam que o projeto colonial do Brasil teve sucesso em torna-lo “excludente, racista, machista, homofóbico, concentrador de renda, inimigo da educação, violento, assassino de sua gente, intolerante, boçal, misógino, castrador, faminto e grosseiro”, assim, todas as experiências e saberes que convoquem os sujeitos individual e coletivamente a fazer o projeto dar errado se tornam ameaçadores.

Outra abordagem do medo é em relação a escrita. Medo que faz nós corpos considerados subalternos hesitarem diante da escrita, sentirmos que se trata de mais um lugar que não devemos ocupar. Por vezes, um medo projetado em nós de que não há interesse no que temos a falar, que a vida e a escrita devem ser separadas, por isso, devemos aprender a língua vigente para sermos escutadas, como aponta Glória Alzandúa (2000). Desse modo, a autora critica também termos que continuamente apresentar justificativas para o escrever. Escrevemos porque vivemos. Nesse encontro com a autora, assumimos que, sem dúvidas, o medo maior deve ser o de não escrever.

As vertigens do pesquisar/ escutar têm seu centro no ato de escrever. As definições de “não sermos simples, diretas ou rápidas” (ALZANDÚA, 2000, p. 230) surgem e causam inúmeros desencontros com a coragem e a energia empreendidas no ato. Surgem e apontam a necessidade do rompimento da cumplicidade do que alimenta a indisposição com o escrever. E, se podemos novamente ressaltar a coletividade formada por mulheres no texto, pela tessitura

do texto evidenciamos que “na companhia de mulheres como estas, a solidão do escrever e a sensação de falta de poder dissipam-se” (ALZANDÚA, 2000, p. 234).

Poderíamos fazer convites ou convocatórias a fim de explicar mais a respeito do texto e suas composições. Ao contrário, preferimos manter o mistério e não aplicar rótulos ao texto, pois, distanciamos de uma noção de adultidade trazida por Noguera (2019). Acreditamos que a capacidade de afetação do texto pode diminuir caso tenhamos que explica-lo. Apenas reforçamos a importância de nos direcionarmos à escuta do texto, tendo em conta que nos aproximamos de “uma escrita falada que flerta com a oralidade” como apresentam Bastisteli e Oliveira (2021, p. 696).

Assim como vemos nos processos terapêuticos, escutar a si mesmo e aos outros não é simples ou fácil. Será que sabemos escutar? Essa é uma questão que nos incomoda durante a pesquisa inteira, como apontamos no título, não tratamos da escuta em si, mas de nos direcionarmos a ela continuamente. É um caminho árduo, por isso, de vez em quando, haverá um pouco de sangue a escorrer pelos ouvidos.

Capítulo metodológico

Após mais uma noite em que tentou produzir algo e não conseguiu, ela acorda angustiada por ter que remarcar a reunião com seu orientador. Enviou logo a mensagem antes até de levantar da cama, bem cedo. Sem ter obtido a confirmação do recebimento da mensagem, partiu para o banho por estar desmoronando com a vergonha. Ela queria que aquele acúmulo que se fazia em seu peito pudesse descer direto ao ralo junto com a água que molhava sua pele. Ansiava que a mesma facilidade com a qual água atravessava seu corpo, sua escrita também fizesse aquela travessia quando a decidisse convocar. Assim, quem sabe, deixaria de ter uma sensação de que nada daquilo fazia sentido em todas as vezes que encontrava seus escritos.

A metáfora repetidamente utilizada de “estarmos no mesmo barco”, criada a partir de apenas uma das muitas possíveis realidades e com pretensão de universalizar a experiência é cruel, pensou em seguida. O que Chimamanda Adichie (2019) alerta ser um perigo, tanto no sentido da produção de histórias únicas quanto do lugar de poder de quem conta esta história, pois quantas e quais as vozes são desconsideradas sem ao menos terem sido ouvidas com essa afirmação?

Secou seus braços e pernas cansados de nadar a tanto tempo, enquanto outros navegam de lancha com facilidade pelas mesmas águas. Colocou roupas diferentes dos pijamas habituais, enrolou os cabelos na toalha e preparou uma xícara de café para acompanhar seu momento de escrita. Abriu mais uma vez o novo documento que criou no computador. Depois do último envio do que havia escrito, o orientador tinha pedido que começasse tudo de novo, que o que havia produzido não estava bom. Todos os textos que ele tinha recomendado estavam impressos e empilhados ao lado do computador. Os dois textos principais, que eram de sua autoria, e ele disse para seguir como modelo, estavam completamente coloridos pelos marcadores dela.

Agora, ela não conseguia dar o pontapé inicial, sentia a sensação de incompetência junto a ela, segue sentada na frente do computador sem conseguir escrever uma palavra, pois ela não se considera boa o suficiente para fazê-lo ainda que saiba ser impossível dominar todos os saberes. Algumas memórias chegam como fotografias recém encontradas, memórias engavetadas em sua própria história: o ingresso na universidade, suas primeiras experiências desagradáveis com colegas e professores, a exaustão emocional de não querer mais voltar para sala de aula... Ela desengaveta tais memórias todas as vezes que se propõe a escrever, como um gesto indicativo de que, talvez, as respostas para suas questões a respeito do bloqueio com a escrita estivessem ali.

Imediatamente, questiona-se como consegue ser tão injusta consigo mesma ao pensar que, se tivesse nascido homem e branco, não teria essa dificuldade. Porque, embora haja uma

construção de que as mulheres são seres demasiado falantes e que adoram escrever os famosos “textões”, em suas experiências, homens que possuem a permissão e confiança de falar sobre o que quiserem e onde quiserem. Segurou o riso ao lembrar dos vários blogs e podcasts masculinos sem audiência significativa, nos quais os homens produzem continuamente os conteúdos sem bloqueios criativos. Riso que não duraria muito. Logo em seguida, lembrou do colega de grupo de pesquisa que havia terminado de escrever sua tese de doutorado em menos de dois anos, e dos seus seis artigos publicados naquele período.

Sem dúvidas, ele não tinha tanto medo de escrever quanto ela tinha. Ela levantou para pegar em sua prateleira o livro *Memórias da Plantação de Grada Kilomba* (2019), e foi até a página 66 onde havia marcado: “Às vezes, escrever se transforma em medo”. Com o livro aberto no seu colo, analisou o medo como um afeto que não poderia ser disparador para sua escrita, ela não poderia escrever sobre o medo de escrever. Pelo menos, era o que o orientador alertava a respeito de um limite demarcado para não se perderem em aspectos não relevantes para o estudo, um distanciamento com o propósito de manter a neutralidade e isenção científicas. Ela percebia o quanto tinha que anular tudo o que sentia como também suas vivências. Tratava-se de uma escrita silenciada que não chegava a ser notada, pois seus escritos eram apresentados e os artigos encaminhados. Assim, ela parecia ter voz, mas quando lia os textos já enviados conseguia enxergar o silêncio dos afetos e palavras que um dia não foram permitidos serem escritos.

Audre Lorde (2019, p. 53) fala que as mulheres foram socializadas no sentido de colocarem suas questões de linguagem e definição abaixo do medo, a aguardar em silêncio até que o medo se dissolva. A autora também questiona: “Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio?”

Com isso, ela lembrou do primeiro semestre, sua primeira avaliação de uma das disciplinas que mais gostava na universidade, na qual obteve nota 9,5. A nota não fazia sentido, pois não havia nenhuma anotação do professor quanto algum erro, apenas um verbo circulado, então resolveu perguntar o porquê do desconto de 0,5 na nota. Ele respondeu:

- É que tu usou um gerúndio e eu não gosto de gerúndio, porque lembra atendentes de telemarketing. Tu tens que pensar assim: “Será que Foucault escreveria dessa maneira?”

Ela olhou para ele e não conseguiu dizer nada, apenas pegou a prova de cima da mesa do professor e voltou para a carteira. Ela decidiu que não ia levar aquilo para o pessoal, porém, internalizou que não deveria mais usar gerúndios em seus escritos. Ou melhor, internalizou que devia atender a um modo correto de escrever definido por ele.

Depois, lembrou de uma avaliação de outra disciplina no segundo semestre, em que respondeu uma das questões com uma escrita poética. E, além do professor fazer uma crítica ao uso daquela maneira de escrever, ele a expôs diante da turma inteira presente.

Levantou-se para esticar as pernas e esquecer um pouco daquela cena e das risadas dos colegas de turma. Caminhou devagar descalça no chão até o banheiro, onde tirou a toalha que estava em seus cabelos. Penteou os cabelos diante do espelho enquanto dizia a si mesma que conseguiria superar aquelas travas na escrita.

Ao voltar para o assento, trouxe consigo um pequeno espelho retirado de uma antiga paleta de maquiagem e o posicionou no canto da tela do computador. Deixou ali, apoiado ao teclado, onde ela conseguiu enxergar sua imagem refletida ao lado da página em branco. Então, encarou e repetiu mentalmente pelo menos duas vezes: “Eu consigo, sou capaz”. Movimento que a faz pensar também numa busca de alteridade na escrita, uma vez que ela acredita que os textos precisam representar e dialogar com pessoas em seus variados modos de existência.

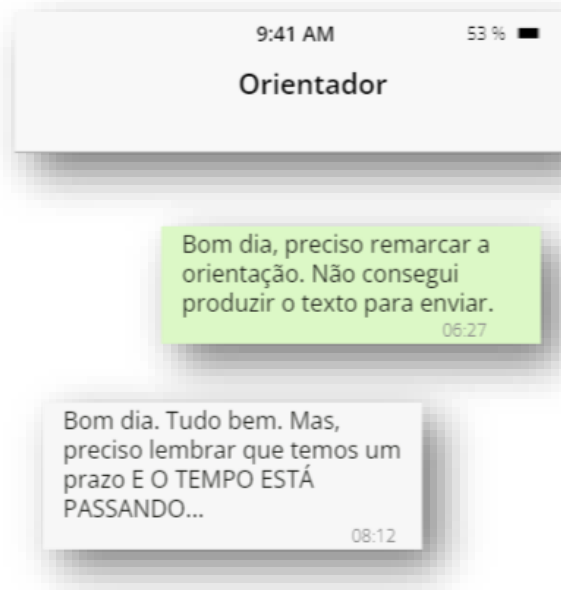
- Quais palavras eu deveria usar em meus escritos a não ser as que pertencem ao meu mundo? - ela questionou em voz alta. Nisso, ela concorda com Kilomba (2019, p. 58, 59) novamente: “Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro”.

Ao olhar para o espelho novamente, notou os estranhamentos produzidos no olhar atento e demorado ao espelho. Experiência de reconhecimento e estranhamento ao mesmo tempo. Reconhecia a si mesma no reflexo, porém, havia a impressão de que não era ela, era uma outra dela mesma. Percebeu que os textos não são espelhos, não se tratava de uma operação simples, de representar as mulheres pela escrita como espelhos do que elas são, pois assim, estaria apenas refletindo a escala e o questionário conforme as normas impostas pelo orientador.

Logo, o momento da escrita não era tão simples quanto o orientador dizia ser, não era apenas colocar no papel uma imagem refletida pelos espelhos das escalas e questionários. Ainda mais, porque agora ela sentia a distância das escalas e perguntas tanto da sua vida como da vida das mulheres que ela pretendia retratar. No texto que ela gostaria de escrever, ela gostaria de reconhecer a si mesma, descobrir-se a inventar-se por meio da escrita, ao invés de apenas refletir o questionário e a escala como o orientador priorizava: anulação de si e de todas suas experiências do texto.

Naquele momento, pensou na mensagem que havia enviado cedo. Pegou o celular e já tinha recebido a resposta:

Figura 1- Print Conversa Whatsapp



Fonte: Compilação do autor¹

Ele não precisava lembrar algo que ela não conseguia esquecer. Há mais de um ano que estava escrevendo aquela pesquisa e, em todas as suas entregas, ele repetia que ainda não estava bom. Contudo, ela se sentia sozinha em sua escrita e se perguntava para que(m) serviria aquele conhecimento. Quando se sentava para escrever imaginava o tanto de coisas que havia para fazer, que se pudesse dedicar sua energia inteiramente aos estudos, já teria acabado com o sofrimento de não conseguir produzir. Aquele parecia ser o fracasso da sua vida e não conseguia afastar o sentimento de ser uma fraude. Simas e Rufino (2020, p. 17) trazem que “ao encapsular o tempo na dimensão do relógio e dos ritmos da produção e do consumo, restringindo a vida a uma funcionalidade utilitarista e comunicada, somos destituídos de vivacidade e nos tornamos mais uma peça de uma engrenagem”.

Ela voltou ao computador e para a aba na qual estava aberto o texto “Cara colega de universidade” de Bruna Battisteli (2020), no qual a autora explicita os processos violentos que envolvem estar na academia: estilos de escrita, determinados autores a citar, colegas e professores que estão sempre a questionar ou diminuir suas propostas de pesquisa. O escrever não opera no mesmo tempo dos prazos da academia e a adequação ao meio acadêmico talvez seja um privilégio branco e de classe.

A partir do encontro com o texto, pensou no quanto era cansativo ter que estudar e trabalhar quando estava na graduação. No terceiro semestre, teve um professor que a chamava

¹ Montagem a partir de site de criação de conversas para Whatsapp

atenção por chegar atrasada, por estar desatenta ou pelas vezes que cochilou devido o cansaço durante a aula. Ela conseguia dormir apenas cinco horas por dia naquela rotina, infelizmente, não se cobrava tanto por não dar conta de tudo. Entretanto, ele cobrava. Deu um aviso diante da turma que, se ela chegasse atrasada outras vezes, levaria falta e seria reprovada.

E ela decidiu parar por ali, para não seguir a lembrança das vezes que assistiu às aulas com fome para chegar no horário ou do consumo exagerado de cafés e energéticos para conseguir ultrapassar o sono. Ela ligou a televisão, pois aquela pausa trouxe a lembrança do silêncio desconfortável após suas falas em sala de aula. Era como se sentisse novamente o que havia dentro de sala de aula: o incômodo com certos assuntos, comentários ou questionamentos. Mas, o pior era ser ignorada. Cansou de intervir, de falar algo e ter a sensação de não ser escutada. E, silenciou. A seguir, buscou as caixas onde armazenava seus textos e cadernos do período da graduação. Pegou os nove cadernos e deixou junto a mesa também. Ela queria arrancar o sentimento de arrependimento de quando via nos olhos dos professores que admirava a ânsia de que pudesse falar algo, porém, realmente não conseguia mais ter vontade de participar. Contudo, quando silenciou, encontrou na escrita maneiras de expressar seu descontentamento. Nos cadernos, estavam registrados que ela passava muito mais tempo pensando em formas de sobrevivência física e mental do que em estudar.

Seguidamente, ela passou a duvidar de suas conquistas como também de sua capacidade. E, no quinto ou sexto semestre, ela teve contato com a Síndrome do Impostor. O fenômeno do impostor surge a partir de atendimentos clínicos com mulheres, que viviam um sentimento de não merecimento do sucesso que alcançavam, atribuindo a outros fatores que não eram os que as realmente levavam a ter sucesso. Tal fenômeno leva à crença de que estes sujeitos afetados estão enganando as pessoas ao seu redor por acreditarem não merecer o sucesso acadêmico ou profissional, tendo o sentimento do risco de sua incompetência ser exposta a qualquer momento (CLANCES; IMES, 1978). Com os seus ouvidos e atenção voltados à televisão, ela consumiu a fala do ministro da educação, Milton Ribeiro, na qual ele afirma: "universidade deveria, na verdade, ser para poucos, nesse sentido de ser útil à sociedade" (G1, 2021). Ela olhou pela janela, para aquela cidade tão distante da sua cidade natal, na qual se sentia um corpo não-proveniente e não-pertencente, e se perguntou: "O que é que eu to fazendo aqui?". Variação da pergunta "O que é que tu veio fazer aqui?", repetidas tantas vezes por pessoas diferentes desde que chegou na cidade e universidade.

Pegou o celular novamente, abriu o aplicativo Instagram e leu a publicação de Tatiana Nascimento (2021):

Figura 2- Publicação Instagram Tatiana Nascimento



Fonte: Compilação do autor²

² Montagem a partir de imagens coletadas na rede social Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CQwFzgLHQfU/>> Acesso em 25 ago 2021.

Ela percebeu que era aquilo que sentia e comentou na publicação: “Muito obrigada!”.

Encarou a página em branco. No seu fichamento do livro de bell hooks (2019, p.28), ela tinha o seguinte trecho: “é sobre dor- a dor da fome, a dor do excesso de trabalho, a dor da degradação e da desumanização, a dor da solidão, a dor da perda, a dor do isolamento, a dor do exílio- espiritual e física. Mesmo antes das palavras, nos lembramos da dor”. Por mais que se sentisse sozinha naquele instante da escrita, cansada de nadar e distante da beira, enxergava os textos das autoras como correspondências deixadas em garrafas pelo caminho. Ela nutria profunda admiração pelas autoras por elas conseguirem “falar contra o silêncio e a marginalidade criados pelo racismo” (KILOMBA, 2019, p.69).

Voltou para a cama, exausta de tanto que tinha tentado escrever. A cabeça e os olhos doíam. Ela discordava dos modos que a sua pesquisa se encaminhava. Todas as entregas que ela realizava, ela não conseguia tirar o foco pessoal, o contágio provocado nos encontros e as histórias das mulheres que ela encontrava. A pesquisa consistia na aplicação de um questionário a fim de avaliar as estratégias de resiliência de mulheres vítimas de violência de gênero internadas em um hospital psiquiátrico. Ela não conseguia admitir que o modo que estava fazendo deveria ser considerado “errado” como estava sendo.

bell hooks em *Erguer a voz* (2019) insere a discussão de que, para introduzir a crítica e a fala libertadora, é preciso questionar os padrões de valorização que fomos levados a apreciar e seguir como modelo. A autora aborda essa necessidade ao contar a respeito da escrita do primeiro livro, momento no qual acreditava ser preciso extinguir o foco pessoal da escrita acadêmica a fim de garantir a erudição.

Frequentemente, pensava na moça negra internada há pouco tempo, que se recusava a participar da pesquisa se não pudesse ser escutada. Dizia que não era um ratinho de laboratório para que a pesquisadora aplicasse aquele questionário e depois fosse embora apagando seu nome, suas histórias. Aquele encontro havia provocado a pesquisadora a repensar sua ética e metodologia de pesquisa.

Mas, havia algo mais. As visitas ao hospital psiquiátrico para aplicação dos questionários tinham atordoado sua escrita. Algumas vezes, ela tentava conversar na orientação a respeito dessas impressões que atravessavam seu corpo e faziam morada em sua mente. “Essas coisas...”, o orientador dizia “...não são interessantes para nós”. E a lembrava do protocolo a ser seguido, qualquer interferência iria comprometer a pesquisa, caso ela não estivesse em condições de continuar poderia trancar o curso ou ele poderia pedir que um doutorando fosse aplicar os questionários.

A neutralidade era essencial naquele percurso, se houvesse algo de extremamente interessante poderia ser colocado no final quando tudo estivesse escrito e lá pelos rodapés. Ele perguntava também se ela tinha alguma dúvida de como proceder, se não tinha lido ou entendido os textos que ele tinha recomendado. “Não precisa ir tão fundo nas experiências dessas mulheres, queremos apenas as respostas ao que consta no questionário”, ele acrescentava.

Ela também lembrou de quando encontrou com os escritos poéticos de Stela do Patrocínio. Tinha apresentado algumas poesias ao orientador, pois ela acreditava ser uma escrita potente e quem sabe eles poderiam apostar numa pesquisa na qual as mulheres também pudessem escrever.

Estar internada é ficar todo o dia presa
Eu não posso sair, não deixam eu passar pelo portão
Maria do Socorro não deixa eu passar pelo portão
Seu Nelson também não deixa eu passar lá no portão
Estou aqui há vinte cinco anos ou mais
(PATROCÍNIO, 2001: 55)

Eu estava com saúde
Adoeci
Eu não ia adoecer sozinha não
Mas eu estava com saúde
Estava com muita saúde
Me adoeceram
Me internaram no hospital
E me deixaram internada
E agora eu vivo no hospital como doente

O hospital parece uma casa
O hospital é um hospital
(PATROCÍNIO, 2001: 51)

Ele disse que achava melhor não.

Ela sabia que não era uma questão de não saber escrever ou pesquisar. Ela sabia, mas não queria prosseguir daquela maneira. Pois, em seus encontros com as usuárias, tinham sido evidenciadas outras questões que, talvez, nunca caberiam em questionários ou em uma pesquisa/ escrita que se propõe neutra. Aliás, ela não acreditava na existência de neutralidade nas pesquisas, concordando novamente com Grada Kilomba (2019, p.58), a autora escreve que “todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas- não há discursos neutros”.

Mas também, assim como a autora, acreditava que se opor a esse modo de pesquisar não era o suficiente, tinha de haver invenção nesse processo. Logo, ela se pergunta: “E se eu pudesse me livrar de tudo isso e criar meu processo de pesquisa?”.

Como se levantasse de um mergulho provocado por uma onda forte, ela conseguiu levantar da cama e recuperar o ânimo. Pegou um dos cadernos que costumava escrever, pôs numa bolsa junto com uma caneta e as chaves. Resolveu seguir o impulso de sair na rua para escrever. Tentar superar aquela trava pelo movimento de seu corpo na cidade. Sua hipótese era de que no encontro com a cidade, poderia superar a sensação de solidão e medo.

Quando deu os primeiros passos na rua e sentiu o sol quente arder todo seu rosto, pensou que deveria voltar. Era bobagem pensar que iria sentar em algum lugar e repentinamente

começaria a escrever. A cada passo, seus pés travavam luta intensa com o chão para refazer o caminho de volta. Poderia dar a volta no quarteirão e voltar para casa. Era melhor voltar para casa, para seu espaço (des) confortável. No entanto, imaginava a mesma angústia abraçando seu corpo novamente assim que entrasse em casa e visse a página em branco.

Pensou nas pessoas que vão até um café para escrever ou trabalhar. Também, tinha visto alguém comentar nas redes sociais a respeito do hábito de escrever numa máquina de escrever. Não tinha a experiência de escrever na máquina de escrever, porém, lembrou do mimeógrafo que a avó tinha. Ao lembrar conseguiu sentir o cheiro do álcool que permanecia nas folhas e como adorava auxiliar a avó no processo de copiar as atividades que ela levaria para os alunos. Às vezes, sentia que estava operando um mimeógrafo ao reproduzir conhecimentos e metodologias hegemônicos. Com isso, pensou no exercício que Bruna Battistelli e Érika Oliveira (2021, p. 694) propõem: “reaprender novas formas de nos ocuparmos de nossas pesquisas”.

Caminhou até uma praça e sentou num banco. Mesmo com o sol forte, tinham pessoas caminhando e correndo pela praça. Ela começou a se incomodar com as pessoas conversando por perto. Depois, alguém com um som muito alto e com gosto musical diferente do dela. Pessoas que pediam ajuda financeira ou ofereciam seu trabalho. O cheiro da fumaça de cigarro. O lixo que alguém deixou no chão. Cachorro latindo. Transportes, suas buzinas e fumaças...

Mesmo assim, não iria voltar para casa. Desde o início da pandemia, sentia que ocupava um espaço de aprisionamento doméstico. Não poderia ser a única mulher a se sentir daquela maneira... Poucas vezes saía de casa ou encontrava com alguém, pois sempre pensava: “Será que as pessoas se cuidam como eu tenho me cuidado?”. Aos poucos vinha desconstruindo essa ideia na terapia por ter construído essa ideia do outro como ameaçador e por estar se isolando constantemente. Como precaução, solicitava a carteira de vacinação quando ia encontrar com alguém novo. Mas também, ainda não conseguia encontrar com pessoas que insistiam em dizer que a pandemia chegou para o crescimento espiritual dos seres humanos, que tínhamos que ver o lado bom daquela experiência, tirar um tempo para conhecer a si mesmo, passar mais tempo com a família, ler livros, enfim, todo esse discurso sobrecarregado de privilégios e insensibilidades. Ela concordava com Ailton Krenak (MASUTTI, 2021).

Figura 3 - Ilustração da Fala de Ailton Krenak



Fonte: Ilustrado por BC Crew³

Então, viu um homem com várias tatuagens passar correndo na sua frente. Apenas pensou numa das mulheres internadas que possuía uma tatuagem no antebraço escrito “Resiliência”, quando ela apontou o escrito elogiando a tatuagem, a usuária disse: “Eu tatuei, mas não acredito mais nisso”.

A pesquisadora não perguntou o motivo, mas imaginava ter a ver com a ideia da resiliência como uma superação individual. Ela não comentou a respeito com o orientador, porém, acreditava que eles poderiam estar estigmatizando, reforçando o pressuposto meritocrático e encobrendo as desigualdades sociais ao abordar o caráter adaptativo do conceito em situações de violência de gênero. Naquele momento, ficou pensando em quanta coisa pode se esconder num conceito, quantas formas de opressão ficam escondidas dentro da resiliência...

Em concordância com Krenak (2019, p. 12) imaginou quanta riqueza se perde quando é ofertado “o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo”. Ao pensar nessa perda de nuances, recordou dos vários artigos já lidos a respeito do uso da ficção na Psicologia Social. Da potência da ficção em

³ Disponível em <https://www.instagram.com/p/CY_1aPir7jt/?utm_medium=copy_link> Acesso em 21 jan 2021.

produzir novas relações que deem corpo a problemáticas virtuais difíceis de serem apreendidas pelas palavras. Para lidar com um território tão incerto como o das possibilidades, afetos e sensações, a ficção tem como aliado sua libertação do juízo de verdadeiro e falso: ela versa sobre um campo de possibilidades singulares e não de certezas gerais (COSTA, 2014, 560).

Assim, em vez de observar, aplicar questionário e explicar conceitos e resultados, ela gostaria de “multiplicar entendimentos possíveis, abrir mais os regimes do visível, do dizível, do que nos afeta e do que podemos afetar”, como nos traz Luís Costa (2016, p. 10). O primeiro passo, é claro, seria dialogar com o orientador para as mudanças na pesquisa. Então, pensou em voltar para casa e reunir todos os textos que tinha lido a respeito do uso da ficção, talvez, pela insistência do hábito de justificar e afirmar sua pesquisa como válida.

Ao abrir nossa escrita às infecções da ficção na pesquisa em Psicologia Social obtemos um triplo movimento de fraqueza, força e crítica: primeiro nos vemos fracos ao degenerar a generalização e a fidedignidade formais acadêmicas, depois intensificamos a complexidade e sutileza de nossas ferramentas de pesquisa e, por fim, desvelamos alguns subterfúgios ficcionais das pesquisas que se querem apenas objetivas. Enfermos, podemos então erigir novas possibilidades de produção de conhecimento (COSTA, 2014: 554- 555).

Para ser autor em um mundo tão complexo como este em que nos movemos, ele se propõe a realizar uma narrativa que parta do local. Isso não significa dizer que ela se restringe ao território no qual foi produzida, mas que dialoga com ele, o autor é partícipe de sua própria constituição, evitando qualquer posicionamento externo, neutro ou transcendente (GALINDO; MARTINS; RODRIGUES, 2014: 314).

(...) a ficção requer uma postura inventiva, de encontro e de constante narração e reinvenção de si e do processo de pesquisa (BOTTONI; COSTA, 2018: 95)

As modalidades narrativas que apresentamos são maneiras de buscar modos de falar sobre aquilo que é complexo sem que os autores e autoras se percam numa confusão ainda maior, que seria negar as complicações e complexidades do cotidiano, recorrendo exclusivamente a explicações (GALINDO; MARTINS; RODRIGUES, 2014:

(...) dispositivos de escrita que mobilizam expressões verbais, carregam mundos de práticas, reordenam espacialidades, Temporalidades e são engajamentos ativos na constituição de modos de viver (GALINDO; MARTINS; RODRIGUES, 2014: 296)

Passamos da mera descrição do já visto para a problematização do visível, a qual nos permitirá a multiplicação das relações possíveis com o mundo, já que não estamos mais no campo dado, mas sim da criação, do devir e do virtual: para além dos preconceitos para com as invenções (COSTA, 2014: 559).

Ainda que seja fundamental ao homem produzir um saber capaz de previsão e controle, este modo de relação com o mundo não dá conta de todos nossos problemas, de todas nossas questões e desafios existenciais. Há espaço também para um saber que não quer apenas definir as fronteiras duras do que é dado, mas sim desfazer as fronteiras instituídas para permitir novos pensares, novos afetos, novas existências (COSTA, 2016: 9,10).

As personagens foram sendo montadas com fragmentos do cotidiano de pessoas com as quais o pesquisador conversou, conviveu intimamente, de personagens literárias e de outras tantas fontes que emergiram num cotidiano transnacional intensamente marcado por atravessamentos políticos que colocam aqueles que dele participam, não raras vezes, em situação de vulnerabilidade (GALINDO; MARTINS; RODRIGUES, 2014: 303, 304)

Passou a noite inteira lendo e marcando os textos que dariam suporte ao novo fazer metodológico que estava construindo. Acordou cedo pela manhã para a visita ao hospital psiquiátrico, a primeira visita sem os protocolos e questionários. Ela iria encontrar com as mulheres e escutá-las.

Uma das histórias contadas a tinha mobilizado: a de uma moça que tinha perdido o pai e o tio num acidente de barco. Os dois a tinham convidado para ir pescar próximo às dez da manhã de um domingo. Quando eles pararam o barco e lançaram as redes, conversavam durante um tempo, mas as águas ficaram agitadas e o barco virou. Ela contou que não tinham tido tempo de pegar nem um peixe sequer. As ondas separaram os três. O pai e o tio eram idosos, sendo que o tio não sabia nadar muito bem. O barco afundou e o isopor que eles guardavam as iscas serviu de apoio para o tio não afundar. Ela disse que iria tentar nadar até a beira para pedir ajuda, que eles aguardassem ali. Nadou por mais ou menos duas horas e quando estava vendo de longe a beira, ela não tinha mais forças para continuar, ficou boiando na água. E com a correnteza, o cansaço se intensificava até para boiar, quando ela sentia que ia afundar, sentiu um banco de areia nos pés, que não encontravam um apoio desde a virada do barco. Então, começou a erguer as mãos acenando para as pessoas que estavam distantes na beira. Apesar da demora, conseguiram resgatá-la com vida, o que não aconteceu com o pai e o tio, que foram separados pela correnteza e não conseguiram sobreviver, sendo encontrados cada um em um ponto diferente dias depois.

Quando deixou o espaço de convivência das mulheres no hospital psiquiátrico, ficou com aquela história na cabeça e em como incluí-la na pesquisa, também levava consigo as questões de Ailton Krenak (2019, p. 8, 10): “Por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente?” e “Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade?”.

Sentou pelo pátio do hospital e abriu o caderno que costumava escrever e anotar suas visitas ao hospital. Começou a escrever sobre os efeitos da escuta daquela história, que quando ela se via prestes a afundar nesse processo de pesquisa, ela sentia a necessidade de acenar, erguer a voz para poder contar com outras mulheres. Ler e corresponder-se com as autoras que vieram antes dela possuíam o efeito de acolhimento e escuta, o que revela a “força da criação de comunidades de aprendizagem que possam andar juntas/os” como apontam Bruna Battistelli e Luciana Rodrigues (2021, p.156).

Lendo seus primeiros escritos, percebeu que podiam dialogar com as histórias das mulheres. Um exercício de escrita sensível, que pudesse dialogar com a própria história e com as histórias daquelas mulheres. Escutar e escrever as histórias tinham a ver com não as deixar afundar no esquecimento e apagamento. Agora, enxergava pesquisa como processo de cura, tendo em conta que Glória Alzandúa (2020, p. 234) evidencia que a escrita não começa fora, mas dentro, “nas vísceras, nos tecidos- chamo isto de escrita orgânica”. Assim, ela entendia a falta de sentido quando estava sendo incentivada a escrever sem se colocar no texto. Trazia para junto de si as respostas da autora quando se questionava do porquê escrever.

Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora (ALZANDÚA, 2020: 232).

Dessa maneira, ela se direcionava a uma metodologia e ética de pesquisa na qual as mulheres fossem destacadas como protagonistas de suas histórias, que pudessem contar suas histórias sem roteiros e silenciamentos, principalmente, sem transformá-las em objetos passivos de uma pesquisa. Também, ao trazer a sua própria história e compartilhar, ela poderia erguer a sua voz no texto e trazer as histórias daquelas que vieram antes dela. Uma metodologia na qual as fronteiras entre as tantas diferenças entre as muitas mulheres pudessem desaguar no texto em um oceano formado por uma multiplicidade de correntes. Com isso, seria possível notar as muitas e diferentes formas de ser mulher, como também se perceberia a complexidade e intensidade das tramas que unem tais mulheres mesmo em sua diversidade de experiências. E, ao abordar as mulheres possíveis, aquelas que habitam a virtualidade do mundo, poderia trazer para o texto a imaginação destes corpos em suas potências de afetação por meio da ficção que faz ver a realidade enquanto múltipla e sutil.

Ao pensar e escrever sobre os novos rumos da pesquisa, ela se sentiu tranquila, como se o medo começasse a dissipar após o reconhecimento das correntes que a prendiam. Caminhou até a recepção do hospital para solicitar um carro pelo aplicativo e sentou para esperar alguém aceitar a solicitação. Olhou as revistas que estavam amontoadas num revisteiro perto dela. Os dedos não resistiram em folhear as revistas.

Na experiência de percorrer os olhos pelas páginas das revistas rapidamente, notou a presença de muitas mulheres, só que imagens de mulheres nem tão diversas. Parou numa página com várias modelos e notou os modelos apresentados do que é ser mulher, que não se abre a diversidade. Era nítida a diferença daqueles corpos do seu apenas na aproximação de suas mãos, olhando os tons de pele e suas unhas não pintadas para as cores e perfeições apresentadas nas fotos. Como podem apresentar o mesmo repertório sem que isso gere algum incômodo em quem consome? Aquilo lhe lembrava dos gráficos da escala: dos números a apagar as histórias das mulheres. Logo, ela sentiu vontade de fazer algo para além das representações que ali estavam.

Daí, lembrou do costume de fazer colagens manuais quando adolescente: selecionava fragmentos, recortava e colava atrás da porta do seu quarto. Fez o mesmo movimento de quando selecionava os recortes, começou a folhear as revistas pelo fim até o começo. Selecionou palavras que até ali tinham a ver com a sua pesquisa, levou consigo aqueles fragmentos para executar a colagem. Pronto, dado o pontapé inicial, sentia-se lançada em afetos e disposta a escrever, a colagem não era um roteiro a seguir, era o material que ela iria enviar ao orientador. Ela enviaria a colagem junto do convite para ele acompanhá-la no novo processo de pesquisa.

Figura 4 -Colagens de revistas



Fonte: Compilação do autor⁴

⁴ Montagem a partir de recortes de revistas Gloss.

Balas e agulhas

No silêncio das manhãs, sentado na varanda do sítio, ele colocava os pequenos óculos na ponta do nariz, e de longe só conseguíamos ver os óculos e o seu bigode descolorido.

Era difícil amanhecer com chuva lá no sítio, lembro de acordar com o cheiro do café preparado pela minha avó que invadia a casa inteira, porque o que separava os ambientes era somente as paredes, não tinha forro. No máximo via a terra do quintal molhada quando pegava minha bicicleta e ficava dando voltas por entre as árvores. Com cuidado, por causa da jaqueira que sempre dava frutos e se caísse em mim, ia me escangalhar toda junto com a bicicleta.

Mas os dias de chuva também não eram um problema, a gente brincava de bola e depois ia comer umas tapiocas ou pupunhas com café. E, se não queria que chovesse era só prender a chuva: encher um copo com água da torneira e virar num prato, sem derramar a água do copo. Ou também, podia fazer uns bonequinhos de papel, daqueles que você recorta e eles ficam numa continuidade de mãos dadas, molhar com um pouco de água da torneira e colar atrás da porta fazendo a promessa de leva-los para passear caso eles ajudem para que não chova.

Eu gostaria de aprender ou reaprender a olhar pro céu e reconhecer quando a chuva vem, por aqui tenho olhado apenas telas de celulares e computadores e isso me desanima. Uma vez, numa praia, meu pai tava comprando uns camarões para comermos e estavam comentando se será que ia chover ou não com o moço que tava vendendo, pra nos prepararmos pra ir embora antes da chuva. “Mano, é só acompanhar essas nuvens aqui. Quando elas fizerem a curva ali, igual como se fossem pra outra praia, vai cair a chuva”, o vendedor falou. E era selado, as nuvens chegavam lá naquele canto direito e vinha a chuva, a gente “pegava o beco”.

Minha avó brigava com a gente quando a gente reclamava se tava muito quente ou quando tava chovendo. Ela dizia: “É só levar a sombrinha.”, “Tá muito sol? Abre a sombrinha.”, “Vai chover, não esquece de levar a sombrinha”. Dizia que tempo é o tempo, não tem essa de feio ou bonito, bom ou ruim. E ela sempre sabia quando ia chover, assim como sabia que ia faltar água quando chovia e diziam pra todo mundo tomar banho cedo lá no sítio. Quem não tomasse, ia ter que tomar banho de água de poço. Água mais gelada que a do chuveiro sem aquecimento. Só que, naquela manhã, eu tava toda cabreira com a história do lobisomem que o Seu Luís, o caçador que tem uma taberna lá no início da rua, tinha nos contado na noite anterior. Ele disse que eles tavam caçando fazia umas semanas esse lobisomem e que ele andava matando as

galinhas e outros bichinhos dos vizinhos. Quando vi os óculos e o bigode descolorido do meu avô, fui lá perguntar:

- Bença, vô. Que o senhor tá fazendo?

- Deus te abençoe. Eu tô trabalhando, fazendo as balas.

- Pra matar alguém?

- Não. Nem sempre elas precisam matar alguém.

A minha mãe vinha e pedia pra eu parar de perturbar, a fabricação de balas exige de alguma minuciosidade e atenção tipo quando ela ia costurar, quando tinha que colocar o fio numa agulha. E eu reclamei que queria saber se ele tava fazendo as balas pra dar um tiro no lobisomem. Ele disse que a gente ia fazer a cortina pra colocar lá entre a sala e a cozinha, que o lobisomem não ia nem chegar perto do sítio.

- Como faz?

Ele disse que iria tirar as medidas e ia lá no mercado comprar um rolo de fio e agulhas para fazermos a cortina. Todo mundo ia ter que ajudar. Ele pegou um banquinho, uma trena e tirou as medidas de largura e altura que ele gostaria da cortina.

Depois de almoçar, ninguém podia inventar de querer ir no igarapé. Tinha que se aquietar. De preferência deitar um pouco numa rede. Minha avó atava a rede dela no meio do quintal, onde o meu avô tinha instalado um gancho com algumas cordas nas árvores. Eu pegava a minha rede, atava na varanda, levava a agulha com o pedaço do fio medido e as cápsulas de balas. Deitava com uma perna para cima e a outra canela ficava para fora me embalando com a ponta dos pés. Até a rede pegar o impulso e me carregar pra lá e pra cá nos rangidos dos seus embalos.

Numa tarde, reclamei: “Que passarinho mais chato! Desde que tempo ta aí incomodando”. “Que passarinho, menina?”, minha mãe perguntou. “Pera aí, que ele já vai cantar de novo”. E quando o som surgiu de novo longe lá nas bandas do quintal, eu disse: “Taí”. Minha mãe começou a rir e me explicou que não era passarinho que fazia aquele som, era a minha avó assobiando para chamar o vento, uma prática que minha avó tinha aprendido com o pai dela. E quando parei para escutar e sentir, percebi que o vento respondia ao seu chamado.

Na rede, ficava imaginando o lobisomem. Não era mais fácil dar um tiro quando viesse? Meu avô dizia que não, que ele ia saber, que nem sempre a resposta pra tudo era a violência.

Quando a cortina ficou pronta, ele precisou da ajuda dos seus genros para erguê-la e pendurá-la na parede. Juntas as balas possuíam um peso enorme. E ele falou:

- Agora, sim. Nossa decoração tá pronta.

Eu perguntei a ele:

- O que é mesmo decoração?

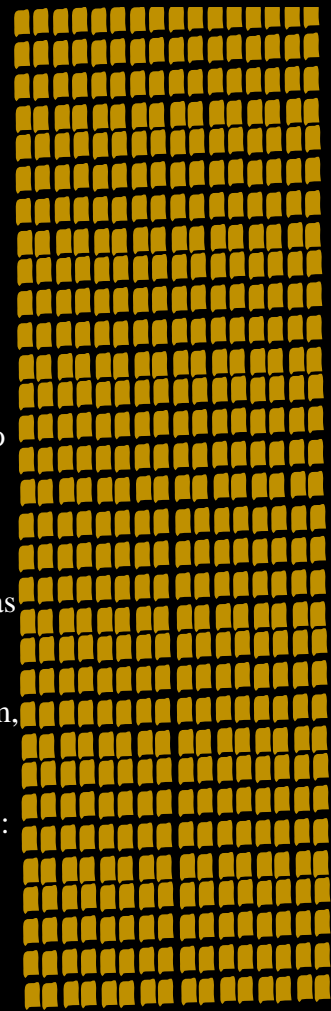
Ele respondeu:

- É decorar.

Se os adultos soubessem como podem redescobrir- se com perguntas como essas, pensariam mais em suas respostas. Ali ele tinha perdido a oportunidade de me dar uma boa resposta, pois fiquei sem entender.

Pelo menos, foi muito firme fazer a cortina. Todo mundo ajudou. Todo mundo se animou ao ver ela sendo colocada lá na sala. A gente vivia brincando de jogar seus fios pesados uns nos outros. Aquela experiência coletiva trouxe o prazer da brincadeira para o nosso cotidiano. O som das cápsulas batendo umas nas outras quando alguém atravessava a cortina se faz presente até hoje em minha memória... E acho que funcionou mesmo para espantar o lobisomem, porque a gente nunca viu ele por lá.

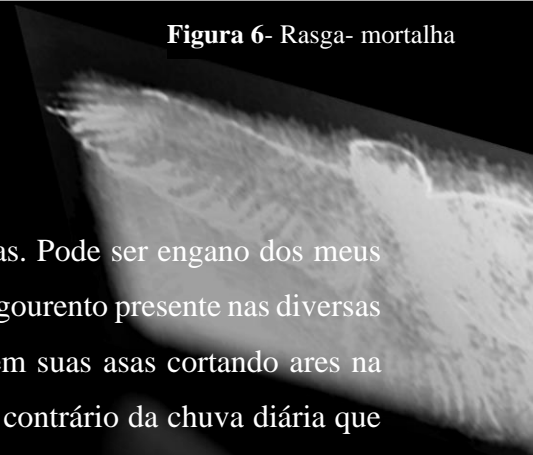
Hoje, pensando nas balas, nas agulhas e na decoração, fiquei me questionando: Como decorar nossas relações, cidades e palavras de maneira menos violenta?



Fonte: Ilustrado pela autora

Coletivo, mulheres e escuta

Figura 6- Rasga- mortalha



Noites seguidas escuto gritos de rasga-mortalha pelas redondezas. Pode ser engano dos meus ouvidos, mas o reconhecimento imediato acontece pela fama de agourento presente nas diversas narrativas que li e escutei em Belém. Por isso, é fácil pensar em suas asas cortando ares na escuridão a produzir o som característico de pano rasgando. Ao contrário da chuva diária que molha e alivia o calor, sua aterrissagem nos telhados é indicadora de desgraça

e morte iminente para algum morador da casa. “Oxe, cruz credo”,

Fonte: Ilustrado pela autora

diria qualquer um que sabe que não se trata apenas de uma pequena coruja branca com marrom, mas uma das possíveis metamorfoses da Matinta Perera.

Matinta desassossega qualquer um com seu assobio estridente e sua presença nas ruas facilmente afasta a circulação ao anoitecer. Embora, em sua forma humana, ela se apresente como uma velha pedinte com vestimentas sujas e rasgadas, cabelos desarrumados sobre o rosto, traz consigo uma lamparina que lhe confere aparência sobrenatural.

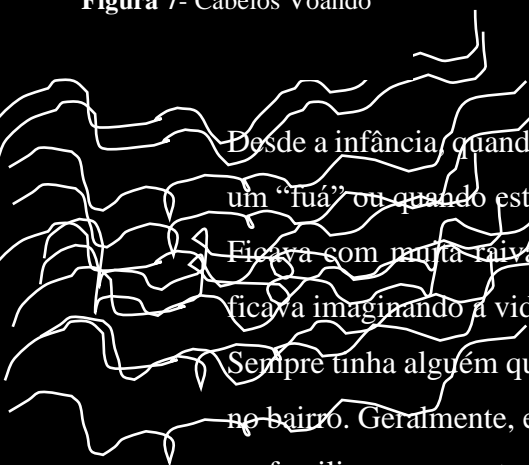
O conselho é dado: “Mana, convida ela pra buscar fumo ou tomar café na tua casa”. Geralmente, é dessa maneira que se descobre quem se transforma em Matinta na vizinhança, pois sempre surge alguma mulher para cobrar o prometido no dia seguinte. Aos que lhe negam os pedidos ou zombam, ela persegue, dá surra e amaldiçoa.

Ainda existem os que tentam capturar as Matintas com a receita de enterrar uma tesoura virgem acompanhada de uma chave e um terço perto da meia noite no quintal de casa. Porém, como Monteiro (2000) conta em sua narrativa, de nada adianta capturar e levar até a polícia, uma vez que transformar-se em Matinta Perera não é considerado crime.

Contudo, às mulheres resta a redobrada atenção caso escutem a pergunta “Quem quer?”. As Matintas quando estão próximas da morte devem passar adiante seu legado, logo, se alguma mulher responde “Eu quero!”, acreditando que irá receber algo bom, receberá a sina de se transformar em Matinta.

Da vez que perguntei a um amigo se ele tinha medo da Matinta, ele falou assim: “Mas é claro! Tu também não tem medo de uma mulher que voa, que pode se transformar em qualquer coisa?”. Eu ri, mas fiquei pensando nisso, nesse desconhecimento e medo que os homens sentem das mulheres que fogem dos padrões da sociedade patriarcal.

Figura 7- Cabelos Voando



Desde a infância, quando ficava correndo e brincando na rua de cabelos soltos até o cabelo ficar um “tuá” ou quando estava com roupas largas e sujas, vinha alguém e dizia: “Olha a Matinta”.

Ficava com muita raiva, porque é como chamar de condenada e amaldiçoada, mas também ficava imaginando a vida de uma mulher que se transforma em Matinta.

Sempre tinha alguém que contava de uma senhora que se transformava em porco e em Matinta no bairro. Geralmente, era uma mulher idosa pobre e que vivia sozinha, não tinha companheiro ou familiares por perto. Antes de darem o rótulo de Matinta, nas pessoas já existia o medo do que aquela mulher representa.

Federici (2019, p.63), em seu livro “Mulheres e caça às bruxas”, traz um trecho importante que lembra as histórias e perseguições às Matintas



Fonte: Ilustrado pela autora

a perseguição às “bruxas” desde os deslocamentos causados pelo desenvolvimento do capitalismo, em especial a desintegração das formas comunais de agricultura que predominavam na Europa feudal e a pauperização a que a ascensão da economia monetária e a expropriação de terras lançaram amplos setores das populações rurais e urbanas. Segundo essa teoria, as mulheres tiveram maior probabilidade de ser vitimizadas porque foram as mais “destituídas de poder” por essas mudanças, em especial as mais velhas, que, muitas vezes, se rebelavam contra a pauperização e a exclusão social e que constituíam a maioria das acusadas. Em outras palavras, as mulheres foram acusadas de bruxaria porque a reestruturação da Europa rural no início do capitalismo destruiu seus meios de sobrevivência e a base de seu poder social, deixando-as sem nenhum recurso além da dependência da caridade de quem estava em melhores condições. Isso em uma época de desintegração dos laços comunais e de cristalização de uma nova moralidade – que criminalizava o ato de pedir esmolas e desprezava a caridade, que no mundo medieval fora um caminho conhecido para a salvação eterna

Também, durante a infância, as viagens para Santo Antônio do Tauá e Santa Maria do Pará atualizavam o repertório de histórias, especialmente quando faltava energia. Os mais velhos faziam convite aos vizinhos caçadores da região para contar seus relatos de encontros com visagens. Quando estamos afastados da multidão de prédios, o espaço para a escuridão da noite fica maior, então, as reuniões aconteciam apenas com a luz do luar e de algumas velas dando destaque ao que estava sendo dito. A gente sempre queria ficar brincando com as sombras, mas vinha logo alguém pra dizer que “não presta” ficar brincando assim, porque isso chama os espíritos. E, como eu tinha muito medo de algum espírito vir deitar comigo, ficar balançando a minha rede ou tocar meus pés com mãos geladas, eu parava imediatamente.

“Quando um fala, o outro escuta”, escutava diversas vezes. Ao narrarem os misteriosos acontecimentos na floresta, dava um sentimento parecido com o de entrar nas águas escuras dos igarapés ou nos canais que não dão pé, apavorante e instigante ao mesmo tempo. Contavam

sobre o medo que sentiam e davam dicas de como escapar de situações como as que narravam. Krenak (2018, p. 4,5) aponta experiências como essas, de compartilhamento de saberes e histórias, importantes na constituição de um sujeito coletivo.

Pessoas que cresceram escutando histórias profundas que reportam eventos que não estão na literatura, nas narrativas oficiais, e que atravessam do plano da realidade cotidiana para um plano mítico das narrativas e contos. É também um lugar da oralidade, onde o saber, o conhecimento, seu veículo é a transmissão de pessoa para pessoa. É o mais velho contando uma história, ou um mais novo que teve uma experiência que pode compartilhar com o coletivo que ele pertence e isso vai integrando um sentido da vida, enriquecendo a experiência da vida de cada sujeito, mas constituindo um sujeito coletivo

Lembro de me contarem que dava certo horário da noite nos bairros da cidade e principalmente no interior, quando não havia fornecimento de eletricidade a partir das seis da tarde, não se encontrava uma pessoa sequer circulando na rua, por causa do medo de encontrar com uma Matinta. Hoje, é estranho pensar que uma figura feminina causava esse tipo de coisa, mas, é fácil imaginar a exclusão vivida por uma mulher acusada de ser Matinta. Isso de “não poder querer” ser outra coisa depois que se é Matinta e o alerta que só as mulheres poderiam ser portadoras da “maldição”, me causava uma angústia.

Mas, assim como outros mitos, o da Matinta é essencial para a compreensão de determinadas realidades, de um estabelecimento de um padrão para a conduta feminina, da demonização, isolamento e não-escuta das mulheres. Afinal, Matinta provoca a escuta.



Figura 8- Matinta

Formigas nos ouvidos

Se territórios de dúvidas são solos férteis para invenção de si, a caminhada após aquela sessão de terapia conduziu esse processo com várias questões em minha mente: Como fazer ele me escutar? Como dizer que não sou aquilo que está descrito no DSM (manual de diagnósticos de transtornos mentais), que posso ser e sou muito mais que aquilo? Com incontáveis possíveis em mim, por que me limitar com a ideia de uma personalidade imutável e dependente de substâncias de controle do corpo, do sentir, do ser?

As inúmeras vezes que me repetiram a pergunta “já tomou teu remédio hoje?” com o intuito de desvalidar qualquer discurso que eu apresentasse, vieram à minha mente, e meus olhos logo se encheram de lágrimas. No impulso de enxugar as que vazaram dos olhos cheios, levei as mãos ao rosto, o que me fez tropeçar em uma pedra e cair de joelhos e palmas das mãos no chão.

Aquela era só mais uma pedra no meu caminho. Já me deparei com tantas, que assim como Sérgio Vaz (2015), passei a colecioná-las. O poeta intitulou um de seus livros de “Colecionador de pedras” em homenagem à famosa poesia “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade. Como a poesia de Drummond se refere aos obstáculos (pedras) que encontramos no curso da vida (caminho), um colecionador de pedras é aquele que esbarrou com várias pedras em seu caminho e passou a colecioná-las. Ele se tornou eficiente em ressignificar tais pedras, as pedras não são mais barreiras, elas fazem parte do caminho.

Sérgio (2015) também fala que a primeira pedra em seu caminho foi a pobreza e que a poesia o ajudava “a não enlouquecer”. Por longo período, vi a pobreza somente como uma condição limitadora da existência, porém, ela possibilita “a chance de enriquecer as suas percepções, a sua experiência, e de aprender a mais valiosa de todas as lições humanas: a habilidade para colocar em questão as condições já estabelecidas de sua vida” (SENNETT, 1998, p. 360 apud LIMA 2014, p. 32). O encontro com a poesia foi uma ferramenta para ressignificação dessa condição, a poesia operou como uma fresta por onde se sai do engessado em busca de novas possibilidades de vida.

Notei que meus joelhos sangravam pela abertura da calça que vestia, e o sangue que saía pelo ferimento imediatamente deixava no solo a marca do meu desequilíbrio anterior. Sangrar daquela maneira na rua me fez recordar das competições de slam, pois alguns encontros que tive com essa comunidade associei aos versos da música “Sangrando” de Gonzaguinha (1980): “Quando eu soltar a minha voz por favor entenda/ Que palavra por palavra eis aqui uma pessoa se entregando/ Coração na boca, peito aberto, vou sangrando/ São as lutas dessa nossa vida que eu estou cantando/ Quando eu abrir minha garganta essa força tanta/ Tudo que você ouvir, esteja

certa que estarei vivendo/ Veja o brilho nos meus olhos e o tremor nas minhas mãos/ E o meu corpo tão suado, transbordando toda raça e emoção”.

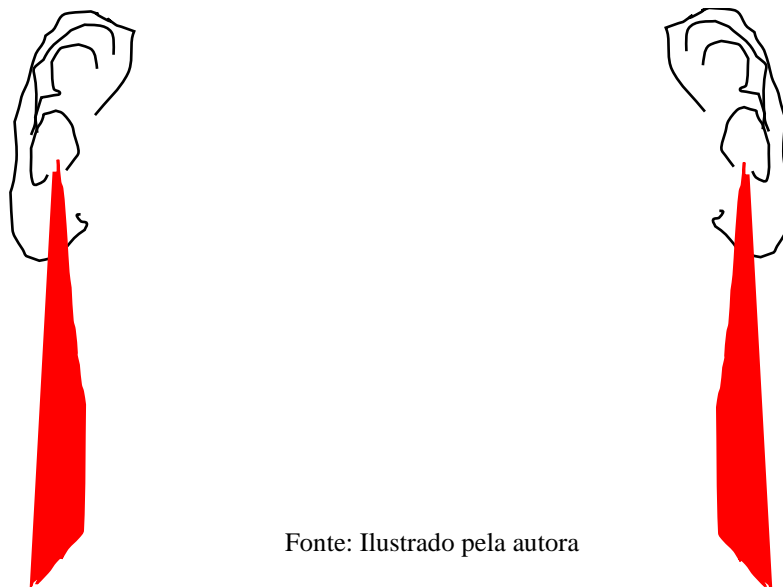
Ao invés de levantar da queda, apenas sentei e abracei os joelhos. Exausta de conter as lágrimas e reservá-las para um lugar privado, deixei correrem tanto quanto meu corpo pedia, me permitindo chorar- sangrar ali e ignorando qualquer julgamento dos passageiros da rua, pois naquele momento pouco me importava julgamentos de pessoas que talvez nem encontrasse uma segunda vez na vida. E mesmo se eu viesse a encontrá-las novamente, quem nunca desejou se jogar no meio da rua, em seu ambiente de trabalho ou escolar e simplesmente chorar as angústias que apertam o peito? Afinal, ser louca seria sentir e se expor demais?

O meu chorar- sangrar misturou-se aos ruídos da cidade, pude me sentir parte do caos que o espaço pode compor cotidianamente. Acontecimento raro. Geralmente, minha circulação na cidade é com fones de ouvido, adotando o “modo invisível”. O uso dos fones também podem ser proteção para andar imersa nos próprios pensamentos. Com os fones, é possível escolher o que escutar durante a travessia.

Penso que algumas coisas podem chegar aos nossos ouvidos parecendo o incômodo de ter uma formiga neles, impossibilitando pensar em outra coisa a não ser naquilo. Meu avô já teve um mosquito dentro de um dos ouvidos, em absurdo desespero, ele socou o próprio rosto bem na orelha e o mosquito saiu escorregando junto com o sangue... Sinto como se meus ouvidos sangrassem com certas coisas que escuto, principalmente, quando são pensamentos que ferem os meus...

Também, desde que um homem me abordou para pedir uma informação e ofereceu dinheiro para ir até um motel com ele, todas as vezes que ando na rua sozinha não esqueço de levar os fones de ouvido. Ele me perseguiu e insistiu mesmo eu dizendo que não iria.

Figura 9- Ouvidos Sangrando



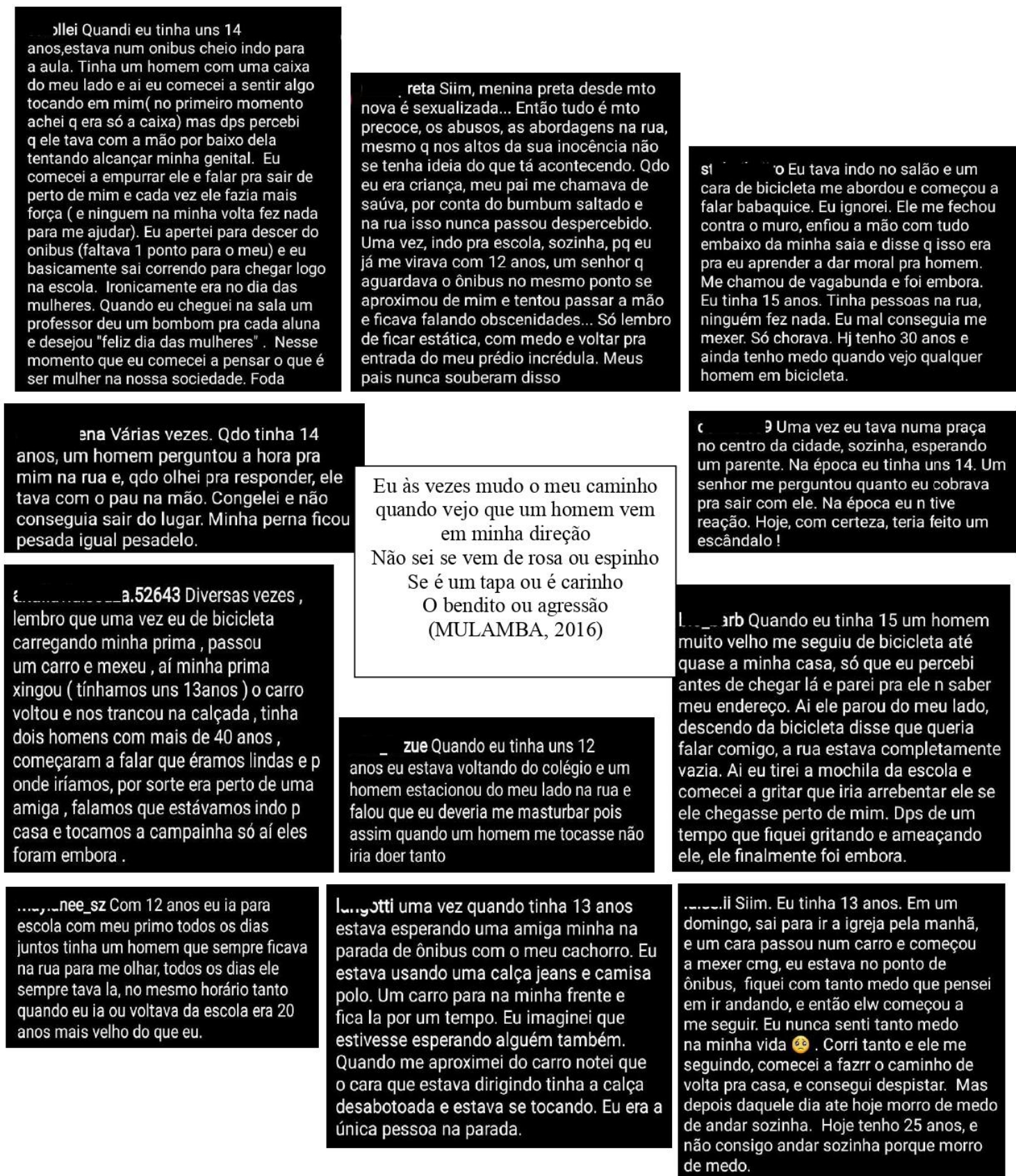
Fonte: Ilustrado pela autora

A cada vez que eu grito, choro ou sangro

Querem me fazer histórica

MARTINS (2019)

Figura 10- Comentários Instagram



Fonte: Compilação do autor⁵

⁵ Montagem a partir de colagens de comentários em publicação do Instagram. Disponível em https://www.instagram.com/p/CGXZzp_h9E7/?igshid=f86mdzo0qegn

Desde então, a lentidão alheia, troca de olhares ou esbarrar em alguém me incomodam devido a pressa para não ser vista e interrompida em meus trajetos na cidade. Durante algum tempo achei que a culpa era minha por me vestir de certa maneira, contudo, no Slam das Minas entendi que, infelizmente, faz parte do cotidiano das mulheres, mas não deveria fazer. Que o pessoal é político, e quando falamos, nunca é só da nossa experiência, mas do eu em relação. Essas falas são importantes para o coletivo, pois incorporam experiências compartilhadas. Com isso, lembrei de duas poesias recitadas nos slams, uma de Bell Puã e outra de Mariana Félix.

[...]Era uma vez um Brasil conservador
Aprenda a sentar feito mocinha
Ou prende o cabelo ou alisa de chapinha
Mesmo acompanhada de uma, duas, três, dez
mulheres
Dirão que estás sozinha
Vê se não encurta a roupa
Mulher trabalhadora é puta
Mulher que questiona é louca
Mulher inteligente é plágio?!
Fala por cima da nossa voz porque homem é o
sexo frágil

Vadias, vagabundas, putas
bruxas, feiticeiras queimadas na fogueira da
inquisição
Assediadas por amigos, pelo patrão, por
parentes, desconhecidos
e até líder de religião
Nosso corpo
As regras deles
Violadas dentro de casa, na mais movimentada
das avenidas
Espaço público é cenário de guerra com macho
que te seca
No ônibus abre as pernas, se esfrega sem a nossa
permissão
E até ejacula sem receber punição
Não!
Eu grito, denuncio homens abusivos, agressores
Desde mãe África ancestrais cheias de cores
Em senzalas estupradas
Por brancos senhores
Índias aculturadas em nome de cristo
Tantas irmãs perdidas para o machismo,

Mão direita do capitalismo fez da américa
desgostosa
A beira do abismo

Eu sou isso
Apenas uma moça latino-americana
Me agarro as lutas do passado
Pra ter força no presente
Não defendo vidraça de banco
Defendo gente
Ao injusto, desobediente
Me inspiro em Dandara, Aqualtune, Zeferina,
Carolina
Mas, principalmente, nas guerreiras de
atualmente
São as terceirizadas, trabalhadoras rurais,
professoras, empregadas
É tempo de primavera
Conceição Evaristo
Vovó Vilma, Vovó Vera
Marias, Gabrielas, Amandas, Rebecas,
Marianas, Sheilas, Eduardas, Sabrinas [...] (PUÃ, 2018)⁶

⁶ PUÃ, Bell. Especial Poesia - Bell Puã. 2018. (3m15s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zu2Ij_ypkQw>

Fragmentos

Isso que falo são fragmentos
 Versos soltos
 Como o silêncio que precede o esporro
 Eu sou aquilo que te causa mal estar
 Aquilo que somente a noite você vai lembrar
 Quando estiver apenas você e o travesseiro
 No intervalo de quando você bate uma
 Pensando na filha da vizinha que só tem 10 anos
 E mal tem seios...
 E que você diz que já tem cara de safada
 Mas você reconhece sua própria imundície
 Por isso diz isso, mas nunca em voz alta
 Eu sou o nó da gravata
 O incômodo do trabalho forçado
 Que pelas notas você faz
 Mas pra me ouvir não se dá nem ao trabalho
 Eu sou o barulho do comprimido caindo na
 bebida
 Da menina que mais tarde seria violentada
 E você não avisou, mas a chamava de amiga
 Eu sou o espaçovão daquela encoxada
 Que você me deu achando que eu não sentiria
 nada
 Mas eu sinto!
 Sinto muito!
 Pelos seios mutilados das mulheres que contra a
 ditadura foram a luta
 Hoje eu luto
 Eu sou o momento reprise de cada um dos seus
 surtos...
 Segurando a garrafa
 Da promessa de que rasgaria a minha cara

Eu sou o baque de cada soco dado em minhas
 costas já tão cansadas.
 As lágrimas escondidas no pano de prato
 Das vozes gritadas
 Ofensas endereçadas
 Dos corpos sem abraço
 Eu sou aquilo que antecede o estupro
 Do colinho do tio
 Dos 5 caras me coagindo no terreno baldio
 Do choro que ninguém viu
 Do banho que não me limpava
 Do medo que eu sentia do despertador da sala
 Da sua tortura com hora marcada
 Eu sinto nojo das suas cantadas
 O momento reprise de cada vez que eu já fui
 xingada
 “Sua vagabunda”
 “Recalcada”
 Eu sou o vômito daquela noite que você se
 esfregou em mim e disse: “Calada!”
 Eu sou o medo baixinho
 O corpo encolhido
 A culpa invadindo
 Eu sou as vezes que disseram que eu estava
 mentindo
 Eu sou a morte em vida.
 Eu sou todas as vezes que algum de nós
 presenciou algum crime e preferiu virar a
 esquina.
 “ALGUÉM ME AJUDA?”
 Mas naquela noite não tinha ninguém na rua.
 (FÉLIX, 2017)

Escutei alguns passos próximos e uma voz masculina me perguntar se estava tudo bem. Ao levantar os olhos, o seu rosto chegou como um daqueles estranhos que surgem nos sonhos, mas que é bem provável que já tenhamos visto alguma vez.

Eu respondi que não e ele estendeu a mão para me ajudar a levantar e, no instante em que levantei do chão, senti os joelhos vacilarem por eu ter mantido os membros inferiores machucados numa mesma posição durante alguns minutos. Talvez fosse a ocasião de arriscar um desabafo com aquele estranho conhecido. Porém, mudei de ideia assim que vi seus olhos cobrindo meu corpo. Antes que eu pudesse continuar a resposta, ele falou:

- Você se machucou foi?

- Pois é, acho que preciso questionar a moda atual quando for comprar uma calça de novo.

- Olha só, não fica triste, tu é tão bonita... Sempre te vejo passar por aqui nas terças...Eu trabalho ali naquele prédio da esquina. Quando tu quiser, eu te pago um café— ele sorriu e senti a mão direita deslizar do topo da minha cabeça percorrendo o meu rosto, antes de chegar no queixo, afastei seu toque. O movimento o afastou de imediato, embora o desconforto maior tenha sido pela frase usada por ele.

- Nossa, só queria ajudar.

Questionei mentalmente a ajuda que ele me ofereceu enquanto observava ele se afastar dizendo que eu sou “bem louca mesmo”. Sentia uma leve pontada de dor na cabeça e os resquícios das lágrimas derramadas secarem em meu rosto. Antes de colocar os fones de ouvido, lembrei de trechos de músicas brasileira, onde homens retratam mulheres a partir desse olhar invasivo no espaço público.



Com as poucas palavras que trocamos, percebi que os ouvidos dele e a minha boca vibravam em intensidades diferentes. Aquele diálogo me injetou mais reflexões por haver semelhança em sua fala com algo que eu havia escutado de um técnico de enfermagem durante a internação. Ele dizia para a minha família que poderíamos nos casar assim que eu me “curasse”. Além disso, ele e um enfermeiro costumavam entrar no banheiro para levar sabonetes (mesmo havendo vários) enquanto tomávamos banho.

⁷ Para acessar a playlist colaborativa, é necessário o aplicativo Spotify no celular. Ao abrir o aplicativo, clicar na lupa indicativa da opção de busca. Ao lado da caixa de pesquisa, haverá um ícone de câmera, é preciso clicar nesse ícone e direcionar para a imagem.

As músicas que constam inicialmente na playlist são:
Garota de Ipanema de Tom Jobim e As Vitrines de Chico Buarque.

Figura 11- Medicações

uma canção popular (séc. XIX-XX):

uma mulher incomoda
é interdita
levada para o depósito
das mulheres que incomodam

loucas louquinhas
tantãs da cabeça
ataduras banhos frios
descargas elétricas

são porcas permanentes[...]
as porcas loucas trancafiadas
são muito convenientes

interna, enterra

(FREITAS, 2017: 14)

Fonte: Ilustrado pela autora

“Bora atravessar a rua que aquela mulher ali é doida”, minha mãe reconhecia e me puxava pelo braço para direção oposta a que ela vinha, geralmente com uma blusa rosa neon e bermuda de ginástica. Ela aparentava ter uns trinta e poucos anos, pelo que eu lembro, encontrávamos com ela quando minha mãe tinha que resolver algo no banco para o meu avô, pois “a doida” costumava caminhar pela região da Duque de Caxias. Os cabelos sempre aparados me despertavam a ideia de que em algum momento ela ia para casa ou lugar em que passavam a máquina de cortar.

Como trazia os chinelos nas mãos, pensava se os pés não queimavam, se não tinham bolhas de tanto caminhar na calçada e asfalto quente. Ela também costumava falar e gritar enquanto caminhava. Nunca consegui compreender algo, nem podia parar para escutar. O alerta materno era do perigo inscrito naquele modo de agir: “Vai que ela jogue em ti”, “Quem anda sem rumo, à toa na rua é capaz de fazer algo ruim a quem cruza ou perturba seu caminho”. Outra coisa que lembro é que ela mijava na rua e a maioria das pessoas ria ou ficava com raiva de presenciar a cena.

Fui encaminhada a uma instituição psiquiátrica contagiada com essa imagem construída durante a infância, achava que eram espaços reservados para mulheres como ela, que a família e amigos já haviam desistido de ajudar. Como se loucura fosse algo contagioso, temia que grudasse no meu corpo desde que estivesse ali. Por isso, pedi, implorei, resisti o máximo que pude, mas o esgotamento dos meus familiares era explícito. Era verão, os leitos estavam lotados. Assim como eu, haviam outras mulheres deitadas nas macas do posto de saúde aguardando a liberação. Após o efeito da primeira injeção, minha mente ficou embaçada, completamente arrancada da realidade. As coisas estavam ali, mas não conseguia captá-las, pareciam cada vez mais distantes nas tentativas de aproximação. Estava presa num vazio sem fim, onde tudo parecia prestes a me machucar ou matar.

Quando fomos transferidas, soube que poucas conseguiam lembrar o dia que chegavam devido ao entorpecimento forçado. Para mim, aqueles eram dias perdidos. Algumas nomeavam como necessário. Outras já não se importavam com o tempo que passavam ali, pois diziam ter estado em lugares piores.

Era o caso de Regina, contava que se sentia em segurança como não sentia em casa. Por não ter condições financeiras, não conseguia se mudar, vivia com aquele medo. Todas as noites jurava que tinha alguém entrando na casa. Acordava todos com a desconfiança, o que os deixava irritados por tentar convencê-la que não havia ninguém onde ela insistia afirmar ter. Nenhum dos remédios fazia efeito na hora de dormir, por

isso, receitaram Fenegan. Acordava tão sedada com o antialérgico que se machucava ao tentar levantar da cama, pois seus membros inferiores não tinham forças para sustentar o corpo. Ela também tinha um grande apego a suas roupas, como se alguém fosse arrancá-las a qualquer instante. Por isso, ao pensar em Regina, lembro também de trechos da poesia de Rool Cerqueira (2018)⁸

Ela acorda na madrugada	Ela pensa na morte como uma forte saída [...]
Ela não sai sem estar agarrada a roupa	Tá vendo vultos de novo
Que parece sempre estar arrancada	Tremia
Ela sente-se culpada	Você acha mesmo que ela merecia?
Ela não pisca	Alguém a salve naquele relento
Ela fica ligada	Você reconhece quando alguém chora por dentro? [...]
Ela não sai da tomada	Você empatiza o quanto está doendo?
Ela se afasta [...]	Você se preocupa?
Ela não vai te dizer que foi com ela porque é vergonhoso [...]	Se preocupa mesmo ou finge não estar vendo?
Ela sente dores na alma	Você tem coragem de abraçar?
Ela sente tremores	Ela queria te contar
Ela sente ardores [...]	Mas os seus assuntos, eles são mais importantes para conversar [...]
Ela tem medo de estar aqui fora	
Ela não tira da memória porque acontece toda hora	

Regina não conseguia falar sobre tudo ainda, respeitávamos seu tempo. É preciso coragem. Com isso, tínhamos combinado que nos dormitórios, refeitório, pátio... onde houvesse uma disposta a falar, criávamos espaço para a escuta.

Quando nos dispusemos a escuta das histórias umas das outras, nos tornamos Companheiras como no texto de Eneida de Moraes.

[...] Algumas ficavam sempre, outras passavam dias ou meses, partiam, algumas vezes voltavam, outras nunca mais vinham. Havia as tristes, silenciosas, metidas dentro de próprias; as vibráteis, sempre prontas ao riso, aproveitando todos os momentos para não se deixarem abater. Os filhos de Rosa eram nossos filhos. Sabíamos as graças e as manhas com que embalavam aquela mulher forte, arrogante, atrevida sempre mas tão doce, tão enlevada pelos "meninos". Quando Rosa falava nos "meninos" ficávamos todas em silêncio. Onde andariam eles? A polícia arrancara-os daquela mãe, negava-se a informar onde se encontravam, não admitia que Rosa soubesse notícias da família: o marido foragido, a irmã distante. E os "meninos"? No silêncio das noites, Rosa fazia com que assistíssemos aos nascimentos, aos primeiros passos, à primeira gracinha, ao primeiro sorriso, e depois o crescer rápido, a escola, os livros, idade avançada. Onde estariam

⁸ CERQUEIRA, Rool. Tormento. 2018. (2m24s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6qYZy90t334>>

eles? Problemas de uma, problemas de todas (MORAES, 1989, p.131-132)

Dentre as possibilidades de apresentar a sua história, os sintomas e diagnósticos surgiam repetidamente como algo que as definia. Suely, mulher negra de 68 anos, contou sobre as semanas em que levantava da cama somente para tomar os remédios, sentia o corpo pesado demais para executar qualquer ação exceto ficar deitada de olhos fechados imaginando coisas ruins, sobretudo, o quanto era covarde por não conseguir tirar a própria vida. Seus cabelos crespos tinham sido cortados recentemente pela filha, por ter ficado aquelas semanas sem pentear e não conseguir desembaraçar o dread formado. Dizia-se depressiva crônica e se incomodava nos momentos em que nos empolgávamos rindo e falando alto. Não lembrava a última vez que se ouviu rir daquele jeito.

Oito internações em três anos. Ela não sabia dizer como era sem os remédios, como era viver com a sua família e quando a desesperança e vazio se instalaram. A próxima internação, ela comentava, seria para morar definitivamente numa instituição. Tentávamos animá-la com a possibilidade de não haver próxima, ela respondia que algumas coisas só entenderíamos depois de nossa saída.

O ônibus chegou. Alguém fez o sinal. Vi as lembranças desmoronarem no presente. Subi, sentei num dos bancos altos do fundo do ônibus com o cansaço recorrente que sinto quando as coisas parecem dolorosas demais, quando imagino necessitar daquela anestesia novamente. Os imperativos de ser forte, de estar bem me assombram diante da lembrança do controle da tristeza. Sim, entendo as palavras de Suely, sei o que é lutar contra algo que determina. O quanto machuca ser considerada incapaz de algo, ver tudo que produz no presente e o que aconteceu no passado explicado pelos parâmetros do diagnóstico dado, da loucura.

Diversas vezes, escutei de pessoas que talvez o tempo de internação não tivesse sido suficiente para que eu me “curasse”. Então, passei a omitir essa experiência para evitar que usassem essa informação como ofensa. Afastei todas essas experiências, fingindo que não aconteceram para que a loucura se mantivesse também distante de mim. Haveria algum lugar em que pudesse ser acolhida a partir dali? Onde poderia ser considerada potente?

Ao encostar a cabeça na janela, me encolhi com essas questões. Fechei os olhos, esperando aquela lembrança se conectar a outra. Antes de ter o sobressalto com a aceleração do transporte, separei o rosto do vidro da janela e me conectei a lembrança de Dani, bem nova como eu, nos falava de um curso de psicopatologia no qual foi dito que

era comum as pessoas se identificarem com alguns diagnósticos, que o que é considerado normal varia conforme o tempo.

“O homem é tão necessariamente louco que não ser louco representaria uma outra forma de loucura”, escreveu Pascal. Deve ter pensado nisso a psiquiatra Karen Horney quando fez uma lista de sintomas básicos da neurose, uma lista enorme, dela quase ninguém escapa. A loucura no cardápio. Basta ler e apontar, esta é a minha. (TELLES, 1980: 26)

Então, eu comentava:

- Diziam que eu tinha TOC, porque eu era quem ajudava minha mãe com a limpeza da casa para ela cuidar da comida e das roupas, quando estudava só um turno, e reclamava quando alguém sujava algo e não limpava. Mas nem era uma obsessão por limpeza, era que eu sabia que eles iam deixar sujo e eu que ia ter que limpar depois. O problema não era eu ter que limpar, mas a falta de responsabilidade com as tarefas de casa, que não eram divididas. Eu nunca vi o meu pai lavar um prato, ele dizia que trabalhava o dia inteiro e tinha um monte de mulher em casa para não ter que fazer isso, para não ter que pegar numa vassoura... Quando fiquei triste, comecei a me isolar e a não conseguir fazer as coisas, isso virou um problema pra todo mundo.

- Depois que comecei meu relacionamento, fui considerada a “Dani triste” onde quer que eu fosse, despertava uma espécie de pena nas pessoas que me cercavam, como se elas esperassem que eu viesse com alguma história pesada pra contar. E quando tinha momentos de felicidade, um ânimo, disseram que era “mania”. Fui de depressiva a bipolar. Isso em duas a três conversas com psiquiatra. Acho que conversa é até uma maneira delicada de chamar, porque ele só me perguntava e eu respondia, ele ia anotando e depois dizia tudo pro meu marido. Meu marido vivia usando isso pra me depreciar de alguma forma, dizia pra todo mundo que eu era bipolar agora, como se fosse uma modinha que eu tinha aderido. E eu acho que quando eu sair já vou ser considerada outra coisa, talvez, border, porque é um diagnóstico frequentemente dado as mulheres nos dias atuais.

Nós não sabíamos o que era isso de border, uma das jovens que não lembro o nome comentou que tinha esse diagnóstico, ela também não sabia dizer o que significava, mas sabíamos que ela estava internada porque tinha batido muito em um familiar até ser hospitalizado. O diagnóstico foi instantâneo ao acontecimento, como se aquela atitude momentânea, a qual ela demonstrava profundo arrependimento, pudesse definir também suas atitudes e decisões futuras, mas nos perguntávamos e se agora ela ficasse triste,

ansiosa ou tivesse crises de pânico em decorrência dos julgamentos e do abandono familiar pelo que aconteceu? O diagnóstico certamente mudaria. Com isso, íamos juntas pensando em quantos diagnósticos podiam caber numa vida inteira, ou seja, não precisávamos carregar o peso do diagnóstico definido por um psiquiatra, que nem conversaria isso conosco, apenas assinaria num papel quando saíssemos.

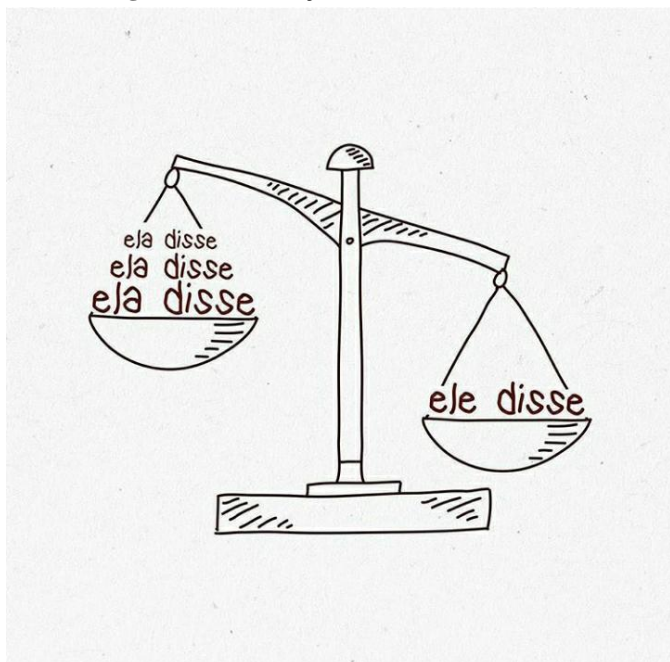
Todas as vezes que Dani começava a falar, fixava a visão em seus cabelos. Nunca havia visto cabelos tão lisos e claros como os dela. Enquanto ela citava Bauman (2008) para comparar aquela experiência aos jovens quando retiram os pôsteres de seus quartos para dar lugar a novos, pois se permitiria buscar novas referências para compor sua vida quando saísse, ficava imaginando o mundo de referências e oportunidades que ela teve acesso, diferente da maioria de nós. Eu ficava pensando que nunca tive um quarto só para mim, para enfeitar da maneira que gostaria. Mas pedia uma vez por ano para escolher um caderno para escola com o personagem/tema que queria. E isso variou durante os anos, em alguns escolhi de princesas e Barbie, depois comecei a escolher pelos que tinham Digimons e personagens do Dragon Ball, vieram os surfistas e, no fim, as escolhas foram pelas capas mais simples, com adornos ou cores que me atraíssem. Dani falava do seu quarto cheio de pôsteres de bandas de rock que ela gostava, das marcas que os pôsteres deixaram na parede naquele período. Complicado tirá-los perfeitamente como antes haviam sido colados, alguns rasgavam quase numa insistência de permanecerem a enfeitar o quarto, era como arrancar os vestígios do que ela havia sido. Contudo, era maravilhoso poder escolher os novos pôsteres para colocar ali no lugar dos anteriores.

Também, acostumei a olhar para os cabelos pelo constrangimento de encarar os olhos azuis, um deles ainda estava inchado e roxo desde sua chegada. Ela tinha sido internada pelo companheiro, pois ele declarou legítima defesa para não ser preso em flagrante quando ela chamou a polícia. Ele era professor do curso de direito numa universidade particular, sua declaração convenceu os policiais. Ela demonstrava firmeza na decisão de construir uma nova vida, separar do companheiro caso ele não mudasse o comportamento. Daí, no dia da visita, ele trouxe flores, arrependimentos e promessas... Ela nos apresentou a ele. Pela nossa recepção, ele deve ter percebido que sabíamos. Não tinha como não estarmos aflitas ao conhecer o agressor de uma companheira. Mesma aflição que nos acometeu no dia que alguém comentou as atitudes do enfermeiro e técnico de enfermagem, por trazer questões e decisões importantes para nós.

“Quem vai nos escutar?”, alguém lançou a pergunta. Nós sabíamos que, por trás da pergunta, havia na verdade a dúvida se nossos relatos seriam acolhidos e validados.

Havia o consenso de que ninguém queria ser acusada de mentirosa ou ter seu tempo ali aumentado e perturbado pelo rompimento do silêncio. Sabíamos do peso de nossas falas em relação ao que eles pudessem relatar.

Figura 12 - Ilustração Ela disse, Ele disse



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Br2f1tYB-zL/?igshid=ufusk4pqm0g3>

O remédio que eu tomo me faz passar mal
E eu não gosto de tomar remédio pra ficar passando mal
Eu ando um pouquinho, cambaleio, fico cambaleando
Quase levo um tombo
E se eu levo um tombo eu levanto
Ando mais um pouquinho, torno a cair.
(PATROCÍNIO, 2001: 54)

Nosso silêncio se referia também as diversas reclamações já realizadas a respeito das medicações e seus efeitos colaterais de tontura, enjoo, inchaços etc. A resposta era: “É assim mesmo”. Mas, não importavam os efeitos colaterais e sim os efeitos imediatos que os

remédios assumiam em nossos corpos. Nas visitas, meus familiares falavam para eu reagir a tudo aquilo, ressaltavam que tudo dependia de mim. É difícil reagir a química que altera seu corpo. Como algo poderia despertar em nós enquanto nos conduziam para o sono?

Clonazepam (2018)

QUAIS OS MALES QUE ESTE MEDICAMENTO PODE ME CAUSAR?

(...) As reações que ocorreram em \geq 5% dos pacientes em estudos clínicos foram: **sonolência**, dor de cabeça, infecção das vias aéreas superiores, cansaço, gripe, depressão, vertigem, irritabilidade, insônia, perda da coordenação de movimentos e da marcha, perda do equilíbrio, náusea, sensação de cabeça leve, sinusite e concentração prejudicada. Pós-comercialização: (...) Distúrbios psiquiátricos: amnésia, alucinações, histeria, psicose, tentativa de suicídio, despersonalização, distúrbio de memória, desinibição orgânica, ideias suicidas, lamentações, distúrbios emocionais e de humor, **estado confusional e desorientação**. Depressão pode estar associada à doença de base. Reações paradoxais: inquietação, agitação, irritabilidade, agressividade, nervosismo, hostilidade, ansiedade, distúrbios do sono, delírio, raiva, pesadelos, sonhos anormais, alucinações, psicose, hiperatividade, comportamento inapropriado e outros efeitos comportamentais. Alterações da libido (casos raros). (...) Distúrbios do sistema nervoso: diminuição da concentração, **sonolência, lentificação**, hipotonia muscular, tonturas, ataxia são frequentes e geralmente transitórias. Dor de cabeça (raro). Distúrbios reversíveis: **dificuldade para articular a fala**, incoordenação de movimentos e da marcha, movimento anormal dos olhos. Pode haver esquecimento de fatos recentes, associado a alteração de comportamento. Pode haver aumento das crises convulsivas em determinadas formas de epilepsia. **Perda da voz**, movimentos grosseiros e descoordenados de braços e pernas, coma, tremor, perda de força de um lado do corpo, sensação de cabeça leve, falta de energia e formigamento e alteração da sensibilidade nas extremidades.

[grifos do autor]

Os remédios possuíam esse efeito de impedir ou dificultar a vontade de falar. Os remédios funcionavam como a “máscara do silenciamento” que Grada Kilomba (2019, p.33) comenta, para além do controle do nosso comportamento, havia também um ímpeto de “implementar um senso de mudez e medo”. Assim, trazendo as questões de quem está autorizado a falar, quais as consequências desse ato e quais assuntos é possível abordar. Soube que algumas forçavam a saída dos remédios pelo vômito, se fossem descobertas, as doses aumentavam.

Bell hooks (2019, p.42) ressalta a diferença entre ser considerado sujeito e ser considerado objeto pela possibilidade de “definir sua própria realidade, estabelecer suas próprias identidades, nomear sua história”. Sujeitos possuem esse direito, objetos não o possuem.

Priscila nos mobilizava exatamente pela representação total desse lugar. Por meio da estagiária de enfermagem, soubemos que a família de Priscila viajava nos verões e deixavam internada declarando-a como em surto. Ela não conseguia verbalizar nenhuma palavra, não lembro se era surda também. Ou, se na verdade, era apenas surda e a mudez foi uma consequência.

Quase todos os dias entre 17h e 18h, ela arrumava as poucas roupas marcadas com caneta piloto preta com seu nome e anunciava com os dedos, gesticulando no ar que estava indo embora. Por isso, o psiquiatra havia receitado uma dose alta de Risperidona as 18h. Para conter a agitação psicomotora, ele dizia.

Tentávamos acalmá-la para que não a amarrassem ou sedassem. Era sofrido ver alguma delas amarrada. Priscila ainda mais, porque víamos a solidão e angústia de tentar se comunicar e não ser compreendida. Nenhuma de nós teve acesso ao ensino de libras.

Para nós, o atendimento do psicólogo e psiquiatra ocorria uma vez por semana. Para ela, não existiam sessões de terapia. E ela não conseguia participar das nossas conversas, compartilhar aquele espaço de diálogo diferente dos encontros com psiquiatras e psicólogos, os quais nos mediam a partir de uma régua de normalidade e exigiam de nós a exposição de segredos, aceitação da intervenção em nossos corpos e o desejo de retornar “curada” ao meio que nos adoeceu.

Acho que eu saía das sessões com a sensação de ter feito uma confissão a um padre, uma pecadora com o dever de rezar incontáveis vezes para me libertar da culpa de ser quem eu era, de sentir o que sentia.

Figura 13 - Print Comentários Facebook 1

le
eu estava nervosa pq ia fazer entrevista de emprego que eu queria muito e a terapeuta disse que eu deveria alisar o meu cabelo pra entrevista. sendo que eu tive que passar por um processo de aceitação do meu cabelo, depois disso eu não consegui mais voltar pra nenhum outro terapeuta

odio
Uma terapeuta me falou que eu deveria voltar para o meu ex....

Detalhe eu contei para ela que ele terminou pq achava que merecia coisa melhor que eu uma loira.... deixei a terapia e não voltei com ex.....

gas
Já ouvi que eu não tinha motivos pra ter depressão pq era nova e bonita, que eu tava com frescura.

ey
Comentei tudo que acontecia comigo e que nos últimos dias tudo que eu tentava fazer para aliviar minha ansiedade não era mais suficiente, ela me respondeu com um "pq você não muda sua forma de pensar?". Minha crise de ansiedade só piorou e ainda fui ignorada quando falei que perdi minha vontade de viver.

ina
Sim, a terapeuta chamou a minha mãe pra dizer pra ela que eu tinha experimentado maconha (sorte que ela já sabia), e nem tinha me avisado foi horrível e ainda ela ficou meio que insinuando que era culpa da minha mãe (?????????)

Ce
Eu tinha 17 anos e a terapeuta me tratava como se eu fosse uma criança e tudo que a gnt falava voltava ao tema d Enem. Eu me sentia péssima por não conseguir falar oq eu queria falar e sentia q só perdia o meu tempo ali.

Pr
Eu comentei que meu pai estava me criticando por usar camisetas masculinas. Comentei o quanto isso me afetava. Quando o julgamento vem de dentro de casa é mais dolorido. E olha que eu sou cis hétero. A psicoterapeuta olhou pra mim e disse "mas você não acha que tem algo de errado você gostar mais de roupas masculinas? Você normal mesmo?". Nunca mais voltei.

ani
Já me senti julgada. Não tenho a mínima vontade de fazer esse tipo de terapia novamente, prefiro ter um hobby.

Ci
Abandonei a terapia pq a psicóloga não me deixava falar. Falava o tempo inteiro, contava casos da vida dela e de outros pacientes, era super entediante sem contar que eu pagava pra ser ouvida, não pra ouvir histórias dela.

n
Eu ia nas sessões usando blusas de manga comprida, mesmo no verão, para que o assunto não fosse minhas tatuagens. Se elas estivessem expostas era só sobre isso que ele falava, e de uma maneira muito negativa. Quando me dei conta de que estava me cobrindo para as consultas, decidi procurar outra pessoa.

os
O dr. disse basicamente que "sou mal agradecida pq existem pessoas em situações piores que eu, e que precisava de Deus na minha vida". Tudo isso de forma super lenta e calma com uma louvor de fundo!

Fonte: Compilação do autor⁹

⁹ Montagem a partir de comentários em página do Facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/desintoxicacaodoromantismo/photos/a.666807356754096/2886410201460456>>

Na adolescência eu abandonei o ensino médio e estava em uma situação emocional muito ruim, muito mesmo, relacionadas a mim mesma e minhas relações familiares. Depois que contei tudo, o psicólogo olhou bem na minha cara e falou "você está assim por causa do seu último término. Pq não volta pro (fulano)?"..

Eu nunca levei isso seriamente pra terapia justamente pq não era o que eu tava sentindo.. e ele pressupôs que todos os problemas da minha vida se resolveriam tendo um homem do meu lado...

Depois disso, anos depois, procurei terapia novamente, e minha única exigência é que a terapeuta fosse uma mulher. Estou há mais de 3 anos com ela e simplesmente amo.

Fui fazer terapia psicodrama com um considerado bambambam da área. Eu era recém saída da adolescência ainda, ingênua e ele me assediou fingindo que tava fazendo a técnica da terapia, tocava no meu corpo e eu percebia que não era "normal", sentia que ele tava excitado e eu não sabia o que fazer, como agir, pq imaginava que ele nunca faria algo assim por mal e que eu devia estar imaginando coisas ou interpretando mal o maravilhoso profissional... A ficha só foi mesmo cair anos depois, numa sessão de terapia com um outro profissional (gay, inclusive, pq foi como eu consegui confiar), este sim que me curou de muitas feridas ao invés de fazê-las

Quando era criança precisei fazer terapia por ter diagnóstico dentro do espectro autista. Só que vivia numa cidade pequena, e o único psicólogo disponível era tbm o professor de psicologia da escola (ensino médio).

Nisso, minha mãe, que tbm é prof, pedia pra ele contar pra ela as sessões, "de um colega de profissão pra outro". Quando ouvi eles conversando, acho que depois da segunda ou terceira sessão, eu simplesmente comecei a ler os livros do consultório dele durante as consultas. Ele achou que era parte do diagnóstico, e minha mãe reclamava comigo que eu TINHA que falar com ele. Aí um dia ele trouxe isso pra sessão, eu só peguei um livro com tema "ética" e entreguei pra ele.

Parei de fazer sessões depois disso. Só voltei na adolescência.

Pela minha condição financeira eu era atendida por uma psicóloga de ONG, gratuita, eu tinha muitos problemas familiares, tinha sido abusada e engravidei e o tempo todo ela me tratava como se eu fosse culpada por tudo, como se eu fosse só uma rebelde sem causa, detalhe eu tinha 15 anos, ela me tratava com muito descaso, como se quisesse só que eu fosse embora logo, até um dia que ela acabou a sessão e falou pra minha mãe "espero o próximo capítulo da novela [nome]", me senti tão humilhada que nem consegui dizer nada, nunca mais voltei lá

Fonte: Compilação do autor¹⁰

¹⁰ Montagem a partir de comentários em página do Facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/desintoxicacaodoromantismo/photos/a.666807356754096/2886410201460456>

Em nossas conversas, foi possível estabelecer distância daquelas dores tão próximas a nós, narrar nossas histórias sem limites de tempo e direcionamentos de conteúdo, como também ouvir sem julgamentos previamente estudados. Explicitar as questões que não conseguíamos lidar e que nossos familiares e amigos também não.

Por tudo isso, a decisão tomada foi de não realizar a denúncia, mas de construir coletivamente nossa proteção. Semelhante ao movimento “Vamos juntas?”, criado por Babi Souza (2016), com intuito de unir mulheres que possuem medo de andar sozinhas na rua, na hora do banho alguma ficaria para vigiar a porta, ressaltando o quão importante é “estarmos juntas”.

Com isso, lembrei de cenas da minha infância, das inúmeras agressões físicas que minha mãe sofria. Todos os finais de semana isso se repetia desde antes de eu nascer. Quando as minhas irmãs chegaram à adolescência, nós não tínhamos mais como suportar aquela situação. Em uma das brigas, elas se intrometeram e nunca mais permitimos que ele a agredisse fisicamente. Não faz muito tempo que percebi o quanto essas experiências sempre foram as referências para os meus relacionamentos. A repetição desses padrões era frequente.

Das vezes que consegui relatar esses acontecimentos a alguém, senti que desvalidaram a minha experiência, como se isso só acontecesse na minha casa... Uma amiga me recomendou participar de um grupo de comunicação não-violenta, por causa da maneira que eu falava e me relacionava com as pessoas. Outro conhecido disse que eu deveria buscar ajuda psiquiátrica por ainda falar disso. Coincidência ou não, eram pessoas brancas. Parece haver grande dificuldade por parte das pessoas brancas em só escutar sem impor suas verdades como universais e necessárias.

Certamente, o processo de falar não é tranquilo. Este exercício acontece em meio ao tensionamento, sendo importante sustentar este conflito. A passagem dessas memórias pelo corpo novamente trazia o medo de vasculhar a minha história, pois parecem haver poucos espaços onde essa fala se torna possível de ser ouvida. Processo de negação da própria história, porque estamos tentando contá-la e recebemos alguma intervenção para que paremos de contá-la ou contemos de outra maneira.

Olhei para minhas mãos raladas com um pouco de sangue e não pude deixar de sentir a nostalgia da infância. O alerta dos pais é que você não largue das mãos deles ao caminhar pela rua, pois eles proporcionarão controle e segurança nessa caminhada. Mas, o desejo de experimentar a autonomia, liberdade de caminhar com o ritmo e velocidade que quiser e até fazer seu próprio caminho, leva a criança a soltar as mãos e, às vezes, em

seguida, cair. Porém, creio que as quedas assim como as pedras fazem parte do caminho, do caminhar. Fazem parte da decisão de caminhar sem a proteção dos pais ou alguém que evite a queda.

As conversas com Lavínia deram novos sentidos para a palavra autonomia, quando frequentemente deslizávamos para o assunto da medicação. Eu imaginava que tomar remédios e ir ao psicólogo e psiquiatra eram sinônimos de construção de uma relação de dependência. Ela respondia que era temporário, que estar medicada nesse momento era o melhor para ela e participar de grupos terapêuticos faziam parte do que ela entendia por autonomia. Demoraram alguns anos, mas ela participou ativamente na busca dos remédios que não causassem efeitos colaterais absurdos e das doses certas para o próprio corpo. Foi a primeira a me falar a respeito do Guia Brasileiro da Gestão Autônoma da Medicação (Guia GAM- BR). Ela entendia agora a autonomia relacionada ao estabelecimento de redes, vínculos, possibilidades de trocas entre diferentes (PASSOS et al., 2013).

Ela dizia que assim como um diabético ou hipertenso também não gostaria de tomar remédios. A participação em grupos terapêuticos com outras mulheres que tinham coragem de contar suas histórias foi essencial para a superação do medo de expor sua história a alguém, por ter sofrido tantos processos de silenciamento. No grupo, repetiam sempre a potência existente nos processos autobiográficos: “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo” (SOUZA, 1983, p.17).

Daí, ela me contou sobre bell hooks (2019) e o processo de autorrecuperação. Trata-se de um processo de recuperação da própria história, um primeiro encontro consigo mesma, onde é possível enxergar o quanto a condição de dominação a atinge. Para Almeida (2019 apud HOOKS, 2019), existem convergências entre a ideia de autorrecuperação e cuidado de si de Foucault (2010). O cuidado de si corresponde a atitudes em que os sujeitos se deslocam dos modos de vida previsíveis por meio da crítica, travando uma constante luta com as forças exteriores que ditam deveres ao invés de vontades.

Mas, disse também que “há certas coisas que sabemos na nossa vida e cujo conhecimento nós vivemos, além de qualquer teoria que já tenha sido teorizada” (HOOKS, 2013, p.104). E pensando bem, talvez seja sobre um cuidado de nós que bell hooks fala. Pois, Foucault fala de um cuidado numa cultura centrada nos homens, um cuidado que não inclui as mulheres. Logo, o que exerciam nos grupos terapêuticos era o

“cuidado de nós”, entendendo que se trata da inserção e escuta das diversas vozes para estabelecimento de um cuidado coletivo.

Na última vez que conversamos, ela estava entusiasmada com os efeitos que as aulas de dança provocavam em seu corpo. Foi quando lembrei do primeiro contato que tivemos com os homens internados no período em que estive no hospital psiquiátrico, aconteceu no período do feriado de carnaval. A maioria era negro e jovem também, pareciam mais medicados. Tocava a música do grupo Heavy Baile e eles formaram uma roda de dança, alguns improvisaram passinhos de funk. Nos reunimos ao redor para assistir eles dançarem, porém desligaram a música e pediram que não ficássemos todos ali. A música repetia várias vezes: “O baile foi feito pra curtir e pra dançar” (HEAVY BAILE, 2019). Dani disse que ouviu um dos profissionais dizendo que “por isso que dizem que na casa de pobre e preto falta tudo, menos tesão”.

Na internação, costumávamos cantar várias músicas nos dormitórios para preencher as tardes já que não havia muito que fazer e era algo que nos fazia bem. As horas se estendiam entre as refeições e horário dos remédios programados. As idas para o pátio externo junto com as fumantes não eram interessantes, era como se o sol brilhasse diferente lá dentro. Porém, estar no pátio era um bom momento para lembrarmos da vida existente fora do prédio, conseguíamos conversar mais sem a vigilância constante.

O sol não entrava no prédio, as janelas eram altas demais para conseguirmos olhar o dia fora, tinham telas. Os dormitórios tinham cheiro de prédio antigo. O ônibus parou em um ponto novamente e me distraí vendo pela janela um moço limpar as folhas na grama de entrada de um condomínio. Será que alguém limpava os dormitórios no hospital? Em que momento? Por que não consigo lembrar disso? Lembro somente dos técnicos de enfermagem reclamando da sujeira feita por algumas senhoras no banheiro pela manhã.

Havia somente um corredor que possibilitava a vigilância constante de quem passasse por ali. Numa das últimas noites em que estive ali, me assustei com um dos técnicos que aparentemente ficava a noite inteira sentado em uma cadeira no corredor em frente o dormitório. O primeiro dormitório tinha uma abertura pequena que dava na sala dos enfermeiros.

QUAIS OS MALES QUE ESTE MEDICAMENTO PODE ME CAUSAR?

(...) Distúrbios Psiquiátricos: insônia, ansiedade, nervosismo;

(...) Distúrbios do Sistema Nervoso: Parkinsonismo (movimento lento ou comprometido, sensação de rigidez ou tensão dos músculos, tornando seus movimentos irregulares, e, algumas vezes, até mesmo a sensação de movimento “congelado” e depois reiniciando. Outros sinais de parkinsonismo incluem: movimento lento e embaralhado, **tremor em descanso**, aumento da saliva, e perda da expressão do rosto)*, acatisia (incapacidade de permanecer sentado, inquietação motora e **sensação de tremor muscular**)*, sonolência, tontura, sedação, **tremor***, distonia (contração involuntária lenta ou sustentada dos músculos que pode envolver qualquer parte do corpo e resultar em postura anormal, embora, geralmente, os músculos da face estejam envolvidos, incluindo movimentos anormais dos olhos, boca, língua ou mandíbula)*, letargia, tontura postural, discinesia* (movimentos involuntários dos músculos, podendo incluir movimentos repetitivos, espásticos ou contorcidos ou contorções), síncope (desmaio);

Distúrbios Oftalmológicos: visão turva;

(...) *Parkinsonismo inclui: distúrbio extrapiramidal, rigidez musculoesquelética, Parkinsonismo, rigidez em roda dentada, acinesia, bradicinesia, hipocinesia, face em máscara, rigidez muscular e Doença de Parkinson. Acatisia inclui: acatisia e agitação. Distonia inclui: distonia, espasmos musculares, contrações musculares involuntárias, contratura muscular, oculogiração, paralisia da língua. Tremores incluem: tremores e tremor Parkinsoniano de repouso. Discinesia inclui: discinesia, espasmos musculares involuntários, coreia e coreoatetose.

[grifos do autor]

Tinha uma televisão fixada no alto da parede do refeitório ligada sempre no mesmo canal. Mal conseguia sentir o gosto da comida, parecia que o gosto dos remédios ficava impregnado o dia inteiro na língua.

Os terapeutas ocupacionais quando apareciam levavam a gente para pintar as unhas umas das outras e oficinas de costura, o que a maioria de nós não conseguia fazer bem e se frustrava. Nossas mãos tremiam, efeitos das medicações... Dia desses, encontrei o papel no qual anotei os nomes e telefones das companheiras de internação. Quase não reconheci minha letra, pois os tremores impediam que pudesse escrever com minha caligrafia habitual.

Por isso, quando cantávamos, fazíamos bem alto e sincronizadas, aquilo nos acalmava diante da perda de tantas referências. Uma iniciava uma canção, e as outras acompanhavam até o final. Tentávamos prolongar a nossa válvula de escape ao emendar o fim de uma música no início de outra, nos olhares que dialogavam, nos sorrisos que se confundiam, nas mãos que batucavam e nos corpos que, às vezes, dançavam ao som das músicas.

Nossas vozes, ao se erguerem, abalavam o prédio feito da lógica manicomial. Instantes nos quais nos envolvíamos de coragem, que podíamos contagiar e ser contagiadas pela alegria, escutar as melodias umas das outras e o momento de reagrupar nossas forças. As vozes percorriam os corredores em direção à construção de um novo território no qual podíamos sustentar umas as outras.

Mas iremos achar o tom/ Um acorde com lindo som/ E fazer com que fique bom/ Outra vez o nosso cantar/ E a gente vai ser feliz/ Olha nós outra vez no ar/ O show tem que continuar (FUNDO DE QUINTAL, 1988).

Éramos revestidas de uma felicidade duradoura quando algumas levantavam e dançavam sobre as camas,

pulando de uma para outra até chegar na parede. Ou quando alguma sugeria fazermos uma roda no meio dos dormitórios para girarmos até ficar tontas, sem conseguir cantar mais ao cair no chão aos risos.

Regina era uma das mulheres que não entrou nos cantos e danças de imediato. No dia em que ela pediu para cantarmos uma música que a mãe sempre cantava a ela, evidenciou que cantarmos juntas a estava auxiliando no processo de elaboração da morte da mãe, pois conseguia estabelecer ali uma conexão com a mãe, entrar em contato com a história de sua comunidade, sua ancestralidade. Aquele canto enfeitiçava e ela percebeu que nunca havia ensinado aquela canção para suas filhas e era algo que ela queria fazer quando saísse dali.

Gira, deixa a gira girar
Meu pai veio de Aruanda e a nossa mãe é Iansã
Ô gira, deixa a gira girar
(OS TINCOÃS, 1973).

O nosso cantar transformava a atmosfera do hospital, que nos levava a encarar a vida como dismantelo existencial, como trazem Simas e Rufino (2020), lógica que prende a vida num único modo obediente aos ritmos de consumo, produção e utilidade, em uma atmosfera de encantamento, um “ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida em suma” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 6).

E, quando aparecia algum funcionário do hospital, possivelmente cristão, para dizer que poderíamos cantar algum louvor da igreja ou para interromper as “cantorias”, questionávamos se até ali eles iriam prescrever como devíamos agir. Krenak (2019) fala que a transformação das existências em zumbis requer o esvaziamento dos cantos e danças, de tudo que ainda representa prazer na vida, levando a um padrão de desencanto. “O desencantamento diz sobre as formas de desvitalizar, desperdiçar, interromper, desviar, subordinar, silenciar, dismantelar e esquecer as dimensões do vivo, da vivacidade como esferas presentes nas mais diferentes formas que integram a biosfera” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 11).

Num território biomédico permeado de desencanto é possível criar uma territorialidade outra. Era isso que tentávamos fazer, era isso que os homens internados tentaram também ao dançarem. Muniz Sodré (2002, p.135) fala de elementos constituintes de outro tipo de resistência, criação para além da oposição. Trata-se da

afirmação de territórios de resistência. Experimentávamos outras narrativas para além das narrativas únicas que contavam a nosso respeito.

a dança é um jogo de descentramento, uma reelaboração simbólica do espaço. Considere-se a dança do escravo. Movimentando-se no espaço do senhor, ele deixa momentaneamente de se perceber como puro escravo e refaz o espaço circundante nos termos de uma outra orientação, que tem a ver com um sistema simbólico diferente do manejado pelo senhor e que rompe limites fixados pela territorialização dominante.

Ao sair do hospital, abracei forte a minha mãe, prometi que melhoraria para não ter que voltar a ter experiências naquele lugar horrível. Vi o céu e o sol diferentes, o tempo que regia a vida voltou ao que era antes. No entanto, já não eram mais os mesmos os meus pontos de referência.

Não sentia mais vontade de dividir meu cotidiano com a minha família que havia me internado. Eles diziam que eu deveria conseguir uma aposentadoria o quanto antes, me enxergavam como incapacitada. Não podia fazer atividades desacompanhada por causa das diversas medicações que ainda tomava.

A rotina era parecida com a do hospital, ficava o tempo inteiro dentro de casa. Comia, tomava os remédios, dormia, assistia algo não escolhido por mim na televisão... E sempre que aparecia na TV algum personagem com distúrbio mental, que fizesse uso de medicações ou que já esteve internado, alguém dizia rindo: “Olha tu aí”.

Algumas amigas me visitavam, mas eu só conseguia reclamar de tudo que estava acontecendo. Elas me diziam o quanto as medicações me deixavam diferente, o que as deixava preocupadas, que eu tinha um vazio no olhar, parecia robotizada.

Minhas irmãs diziam que eu tinha que reaprender a caminhar normalmente, porque senão todo mundo ia pensar que eu era doente mesmo. Diziam que eu tinha que fazer um esforço para não engordar mais e acabar ficando feia. Aquilo aumentava a minha vergonha e diminuía a vontade de circular com elas em qualquer lugar.

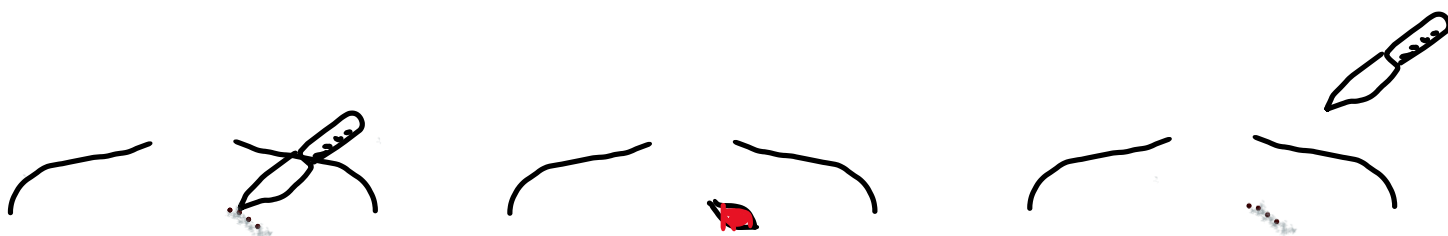
Quando meu primo fez dez anos, teve uma pequena comemoração em um salão de festas perto de casa, mas decidi que não iria. Meu pai também não foi e comentou comigo que preferia assim, ficar em paz sem se misturar com o restante da família da minha mãe, pois, segundo ele: “puta só e ladrão só” e “quem se junta com os porcos, farelo come”.

Na mesma noite, quando elas chegaram, repeti o que ele havia dito em tom de brincadeira. Contudo, minha mãe foi confrontá-lo a respeito disso e ele começou a gritar aborrecido:

-Vocês vão acreditar nela? Essa garota é louca, toma remédios!

Ao escutar aquilo, me encolhi como quem espera levar um tapa no rosto e comecei a chorar muito. Eu me sentia exposta e sangrando, pois eram palavras extremamente afiadas, capazes de abrir novamente minhas feridas. Como numa tortura de enfiar uma faca no mesmo local onde ela esteve anteriormente no corpo, tirar por um tempo e depois colocar de novo.

Figura 15 - Feridas abertas



Fonte: Ilustrado pela autora

Ser desqualificada daquela maneira trazia a conclusão de que eu pertencia ao silêncio, não merecia ser ouvida e não podia negar o lugar de falarem por mim. Uma aliança entre as lógicas patriarcais e psiquiátricas com propósito de justificar o silenciamento de mulheres que geram incômodo de alguma ordem. Mesmo depois de ter saído do hospital psiquiátrico, estando fora de seus muros, sentia a lógica manicomial repercutir no meu cotidiano.

Eu odiava ter que tomar as medicações. Eu via como eu estava frágil, como aquilo me desmontava. Também via como era fácil, eu tinha que ser a louca, pois ocupando esse lugar poderia ser usada e manipulada. Ao mesmo tempo, estava tão cansada de chorar por isso... Foi aí que comecei a pensar em fugir de casa. Sem planejar muito, pedi para olhar as crianças que estavam brincando na rua num final de tarde, sentar na frente de casa como alguns vizinhos faziam. E, em vez de sentar na cadeira que posicionaram para mim, apenas corri.

Numa explosão de adrenalina, meus pés pareciam mais saltar do que correr. Consegui uma distância longa de casa e da minha irmã que me seguia correndo também. Ao acelerar, tive que correr no meio dos carros quase sendo atropelada na pista, pois era a única maneira de não me alcançarem. Eu contornei uma paróquia que havia do outro

lado da pista. Íamos frequentemente nessa paróquia apenas para beber água, quando crianças e combinávamos de jogar bola numa pracinha perto dali. Desci pela escada que levava até esse bebedouro, os chinelos estavam escorregando dos meus pés suados, mas mesmo assim continuei a correr, subindo até um jardim na parte interna, onde desacelerei e praticamente me joguei na grama sem forças para continuar.

Duas moças vieram me ajudar a levantar e eu menti que tinha sofrido uma tentativa de assalto. E, parando para pensar agora, corri em direção da rua Duque de Caxias, onde sempre avistávamos “a doida” que a minha mãe tinha medo. Elas me deram um pouco de água e disseram para eu ficar um pouco ali.

Depois, caminhei até uma parada de ônibus, contei para as pessoas que estavam ali que tinha sido assaltada, se alguém pegaria o mesmo ônibus e poderia me ajudar a chegar em casa. Meu corpo ainda ardia por causa da corrida e eu me escondia num canto, no caso de alguém passar procurando por mim, não conseguir me localizar. Como quase todos os ônibus que passavam ali naquela parada, iriam na direção da casa de Arielle, logo consegui superar o nervosismo de ser localizada pelos familiares. Arielle era uma amiga que discordou da decisão pela minha internação, e que posteriormente me apresentou as competições de Slam.

A mulher que se ofereceu para pagar minha passagem em seu cartão de transporte, contou-me como conseguiu o emprego no hospital que trabalha atualmente. Ela levava os filhos quando ia fazer o serviço de diarista, porque estava recém separada e tinha ficado com a guarda das crianças. Pelo período de vinte dias, de segunda a sexta, ela entregou o currículo de manhã antes de ir e no final da tarde, quando saía dos serviços. Dois currículos por dia. Então, a psicóloga responsável pelas seleções a chamou para uma entrevista. Uma das principais coisas que a psicóloga perguntou era sobre quem ia ficar com os filhos, já que ela não ia poder levar para o trabalho. Ela disse que sua resposta foi que daria um jeito naquilo. Ela também falou que poderia entregar uns currículos lá no hospital.

- Você acha que eu conseguiria uma vaga? – perguntei.

Ela respondeu que sim, se ela tinha conseguido dar um jeito naquela situação dela, imagina eu que eu era jovem, livre e capaz. Acrescentou que eu tinha muito o que conquistar pela frente, que não deveria me deixar abater por coisas como as que aconteceram naquele dia, que se eu quisesse ela mesma me indicaria para trabalhar com ela. Depois, nos despedimos, ela desceria em breve do ônibus.

Naquele momento, consegui deixar a dor deslizar para longe mim, assim como fazia com as outras emoções que estão de passagem em meu corpo. O vazio dos meus olhos era preenchido por um fogo, queimando e iluminando onde parecia haver somente dor. Eu poderia trabalhar, não precisaria me aposentar como meus pais desejavam e ser marcada como inválida.

Quando cheguei na casa de Arielle já havia anoitecido, **Figura 16** - Fotografia Muro quem me recebeu foi a sua companheira Valéria. Contei a ela tudo o que tinha acontecido, comemos e depois fui descansar no sofá da casa delas até Arielle chegar. No dia seguinte, Arielle e eu fomos até uma pracinha que tem lá no bairro dela. No caminho, passamos por um muro, onde estava escrito “Nem tudo que dói faz mal”. Ainda tenho a fotografia desse muro na galeria do meu celular e lembro bem da conversa que resultou notar aquela inscrição.



Contei para a minha amiga quanto o processo depressivo me fez perceber a existência de muitas coisas desagradáveis na vida. A vida exige de nós inúmeras coisas desagradáveis. Você pode escolher fingir que elas não são e seguir, ou criar uma maneira de lidar bem com essas coisas desagradáveis. Ou seja, nem tudo que é desagradável deve fazer você se sentir mal.

Um moço nos interrompeu para perguntar se tínhamos seda para bolar um baseado, respondemos que não. E, então, conversamos como, às vezes, a dor pode ser uma provocação para pensarmos e agirmos de maneira diferentes. Tipo quando batemos aquele dedinho do pé em algum lugar e percebemos aquele membro importante para o caminhar. Contudo, uma dor localizada é mais fácil de nomear e tratar. Enquanto num sofrimento mental, voltamos ao estágio da dor onde é difícil apontar onde dói.

- A minha psicóloga me falou o seguinte num dia desses, que eu podia imaginar aquela minha cômoda que eu guardo minhas roupas como as memórias que eu vou acumulando durante a vida. Se eu acumulo coisas demais, vai ficar ruim, ela não vai fechar direito, não vou conseguir encontrar as minhas coisas. E também se eu quero viajar, seguir outros caminhos, eu não vou poder levar a cômoda nem todas as coisas que acumulei ali. Teria que levar só uma mala ou até uma mochila. Aí, ela me perguntou, quais coisas que eu iria levar comigo... Eu respondi que ainda não sabia. E ela falou que

Fonte:

https://www.instagram.com/p/COJcOKrljfV/?utm_medium=copy_link

era importante que eu selecionasse quais memórias que eu gostaria de levar comigo para onde quer que eu fosse me deslocar... Todas as coisas ruins ainda são recentes, mas em algum momento você vai ter que voltar pra casa e pode encarar essas situações de forma diferente... Quando a minha família me dizia: “Vai se tratar”, eu respondia “Vou sim, porque eu quero e tenho muito a melhorar! Vocês que continuem nessa vidinha de vocês fingindo e aceitando que tá tudo bem!”. Porque a gente sabe que eles fingem e foi o que a gente não conseguiu mais fazer... A gente sente e enxerga as coisas de maneira amplificada. E não dá mais pra voltar atrás com isso, começar de novo, só que dá pra construir novas memórias boas a partir de agora. O mais difícil é que esse processo dói, mas essas dores não podem durar mais tempo em nossas vidas... A gente tem que se munir de armas para quando os fantasmas vierem nos assustar, não sentirmos mais medo...

Não gostaria que o retorno para casa e convivência com a minha família e amigos fosse sempre como voltar as feridas. Não gostaria de ser um fardo ou ser mantida em cárcere privado. Ao contar tudo que acontecia na internação, minha mãe optou por não mais me internar, e me manter em casa era a melhor alternativa que ela via no sentido do cuidado. Entretanto, eu não conseguia conversar com eles sobre o quanto eles me machucavam usando algumas palavras ou me isolando, não permitindo que eu pudesse experimentar a vida e os encontros.

Muitos escolhem o silêncio para fabricar o esquecimento. O esquecimento também dá sentido à história. Por que é preciso esquecer? Alguém já disse que a fala e a mudez moram na mesma casa e que de vez em quando uma pisa no pé da outra. O lembrar e o esquecer coabitam o mesmo teto. Às vezes se trombam e sangram. (EVARISTO, 2017: 101).

Depois disso, uma senhora se aproximou e nos interrompeu, começou a contar que estava dando comida para uns pombos, como eles eram bonitinhos e que adorava a companhia deles. Fazia parte da sua rotina dividir a manhã com eles. Contou que fazia tempo que os filhos tinham saído de casa. A última visita deles tinha sido há vários meses atrás e que ela se sentia muito sozinha. Tinha uma moça, que ela adotou, que aparecia de vez em quando para ver como ela estava. Era ela quem ajudava com a questão financeira, ajudava ela a não gastar todo o dinheiro da aposentadoria. Ela se despediu depois de nos contar as histórias sobre a sua juventude e seus netos, porque tinha que ir até o posto. Fazia pouco tempo que descobriam alguns tumores, e ela ainda não tinha contado isso para ninguém. Foi um encontro muito rápido, ela nos contou tudo aquilo e foi embora.

Voltamos para a casa de Ari e levamos a memória daquela senhora. Lógico que gostaríamos de ter ficado conversando mais uma com a outra, contudo, se nós não tivéssemos escutado, quem iria?

O que fazer quando não se tem com quem compartilhar suas dores?

Após completarem mais de vinte e quatro horas sem as medicações, meu corpo iniciou uma forte crise de abstinência. Não conseguia levantar do sofá e tive incontáveis alucinações. Minha amiga conta que, quando eu levantava, dizia algo sem sentido ou brigava com ela e voltava a deitar. A preocupação dela cresceu quando viu que eu também não conseguia me alimentar, por isso, ela me levou até a emergência.

No posto, acionaram meus familiares e eles foram me buscar. Pouco antes de apagar totalmente com o coquetel de remédios, escutei o meu pai e minha mãe falarem:

- Dá logo os remedinhos, porque ela não tá bem. E é melhor amarrar ela, senão vai fugir de novo correndo.

- A gente vai inscrever ela na próxima corrida de São Silvestre.

Quando despertei da sonolência trazida pelas medicações, tive que escutar todos me dizendo que aquilo tudo era pra minha proteção. Para eles me ajudarem, eu tinha que querer ser ajudada. E eu ficava pensando onde se encontrava o meu espaço para querer qualquer coisa... Também, observei as recorrentes perguntas direcionadas aos médicos:

- Qual o problema dela? O que ela tem? Não tem como fazer uns testes e descobrir? Pra gente tem sido muito difícil ter que lidar com tudo isso.

No caminho de volta para casa, lembrei que desde criança, bem falante em sala de aula, não parava quieta. Fui imediatamente encaminhada para atendimento psicológico e psiquiátrico. Nos primeiros atendimentos com psicólogo levava os desenhos que ganhava na escola para pintar com ele, já que não tinha lápis de cor em casa. Tinha atendimento com grupos com crianças tão parecidas comigo, seja na cor da pele ou por terem tido seus corpos submetidos à medicalização tão cedo. Quem sabe num mesmo movimento pelos quais foram submetidos à catequização, os povos originários e os africanos escravizados.

Na escola, tinham crianças parecidas também. Que iam com fome para sala de aula e esperavam ansiosamente pelo momento do recreio para poder realizar uma refeição. Eu ficava agitada para não pensar na fome. Outras crianças repercutiam aquilo de outra maneira.

Nos atendimentos com o psicólogo, devia ter todo cuidado com o que eu ia dizer, porque poderia ser levada pelo Conselho Tutelar e nunca mais ver meus pais. Eles sempre me alertavam isso antes de sair de casa. Dentre os medos infantis, o meu maior medo era

do Conselho Tutelar. Lembro que cresci com uma revolta de não conseguir compartilhar com ninguém o quanto achava aquilo injusto. Frequentávamos uma igreja evangélica, e de maneira semelhante, lá também não podíamos comentar sobre as condições precárias que vivíamos. Tinha que ter fé, acreditar que algum milagre iria acontecer, dar o dízimo e as ofertas, só assim a prosperidade viria. Assim como chegou aos pastores da igreja, que trocaram de carro de duas a três vezes no mesmo carro, sempre para um modelo melhor. bell hooks (2019, p.25) traz que “muitas pessoas negras são criadas para acreditar que há muitas coisas sobre as quais não se deve falar, nem no privado nem em público. Muitas pessoas pobres e da classe trabalhadora de todas as raças têm tido as mesmas coisas enfiadas goela abaixo”.

A minha avó com seus oitenta e tantos anos não pode realizar visitas quando estive no hospital psiquiátrico, mas solicitou que me levassem na sua casa assim que soube que eu tinha fugido. Ela iniciou a conversa dizendo que ia contar algo que quase ninguém sabia. O que achava que seria sermão, transformou-se em algo que tinha interesse escutar, especialmente por ela ter adicionado a informação que não compartilhava aquilo com a maioria da família.

- Quando eu era bem juvenzinha assim que nem tu. Acho que até mais nova. Eu tinha um padrasto que abusava de mim. A minha mãe descobriu, mas mesmo assim quis ficar com ele. Eles se separaram por um tempo, mas ela trouxe ele de volta pra morar com a gente. Eu fugia pro mato toda vez que sabia que ia ter que ficar sozinha com ele. Eu corria muito, minha filha. Eu entendo essa tua vontade de correr, de fugir, porque eu já passei por isso. Eu era um animalzinho que corria, procurava um lugar seguro longe do meu predador. Só que eu não podia contar aquilo pra ninguém, eu me sentia culpada e achava que não iam acreditar em mim. É horrível se sentir desprotegida na sua própria casa e sem voz. Algumas vezes, as pessoas que mais dizem que te amam, acabam por te expor a situações desagradáveis...

Enquanto ela contava, retomei as memórias que tinha dele. Pensava que o conhecia, mas agora sabia que ele era um estranho para mim. Principalmente, quando ela começou a contar que ele dizia que a vida dela poderia ser mais fácil, bastava ela fazer as escolhas certas. Não precisaria sofrer. Se ela concedesse a satisfação que ele desejava, tudo instantaneamente se tornaria melhor para todo mundo.

- Tudo que eu escutava dele me machucava de um jeito que eu não sei explicar. Todas minhas confusões começaram ali. Até hoje fico pensando nisso: que eu só soffro porque faço as escolhas erradas. Às vezes, até chegava a pensar que tudo isso foi uma

invenção minha, que eu tava louca. De tanta confusão que ele gerava na minha cabeça. Quando ele morreu, eu pensei que isso iria acabar. Mas não acabou. E foi por isso que eu te chamei aqui e tô aqui falando isso. Essa história não morreu com ele e não poderia morrer comigo. Agora que eu compartilhei, é uma história nossa. E eu te agradeço por vir me escutar. Se você ainda não consegue conversar com ninguém sobre tudo o que aconteceu, vai escrever. Se não falamos ou escrevemos, nossa história fica mal contada ou no esquecimento. Ainda ocuparemos o lugar fora da memória e damos o espaço necessário para falarem o que quiserem sobre nós e em nosso lugar.

Sabia que eu tinha um caderno cheio de poesias? Andava com ele pra lá e pra cá, o tempo todo. Escrevia sobre o amor, e como eu nunca seria capaz de me apaixonar por um homem. Sobre a solidão e não ter com quem contar. Isso também no sentido da escuta. Não tinha ninguém pra me escutar, não tinha esse negócio de ir no psicólogo... Mas, se você escreve aquilo que está acontecendo, é como se você estivesse falando a alguém, mas sem necessitar dessa presença quando conversamos algo, aos poucos vai abrindo o coração e descobrir o que está sentindo. E depois, você também pode ler tudo o que escrever... Aí, você vai se escutar. Todas as vezes que eu lia o que eu escrevia, eu lembrava que eu não era louca. Na verdade, não era louca no sentido que tentavam me definir, mas já fiz muitas loucuras nessa vida...

Contei a ela a respeito dos últimos acontecimentos e da minha motivação de fugir de casa. Pude contar também a respeito das sessões iniciais com o psicólogo que tinham me encaminhado após a situação de fuga. Meu pai tinha dito assim para o terapeuta: “Pergunta pra mim, não acredita em nada do que ela diz. É uma incompetente, nem pra falar a verdade, ela serve”. Não podia contrariá-lo. Minha mãe havia me ensinado que não deveria dar a um homem a chance de ele achar que eu pudesse saber mais que ele, que todas as vezes deveria deixar que ele ocupasse o lugar, deveria ficar em silêncio e ser submissa.

- Não contraria, deixa ele pensar que sabe mais.

E, no meio disso, eu me confundia. Passava a pensar que ele realmente podia saber mais até a respeito da minha vida, do que eu sentia e pensava. E quando o psicólogo trouxe o meu diagnóstico, dizendo que fazia parte do tratamento e se chamava psicoeducação, eu estava completamente perdida.

Segurei os papéis e li rapidamente as frases iniciais, tinham sido retiradas do site Wikipédia, as seguintes traziam o que o DSM descreve a respeito daquele transtorno mental. Então, eu era isso? Em poucas páginas alguém poderia me dizer quem eu era e

quem eu poderia ser durante a minha vida inteira? E o que eu poderia fazer com aquilo além de aceitar? Ainda mais, porque era alguém que tinha estudado tantos anos sobre o assunto, não tinha porque duvidar. Naquele momento, o diagnóstico se tornou a minha história única.

Chimamanda Adichie (2019) alerta sobre o perigo da construção de histórias únicas por criarem estereótipos, os quais correspondem a apenas parte de uma realidade. A história da colonização formou histórias únicas sobre negros e povos originários, ao apresentarem repetidas vezes como objetos e não sujeitos, e, assim, eles se tornaram.

Ao mesmo tempo, era algo no qual eu poderia me segurar no sentido de justificar alguns defeitos. Procurei ser mais daquilo que me descreviam, às vezes, de maneira proposital. Foi uma maneira de obter algum benefício daquele momento de desencanto. Pode ser confortável caber num lugar no qual você responsabiliza uma doença pelos seus atos, o problema é quando queria que me vissem como alguém que poderia decidir e agir sobre a minha vida... Eu voltava ao lugar da impotência.

Dessa maneira, escrever era uma angústia. As minhas mãos tremiam demais. Não conseguia encarar minha letra, porque é como se não fosse eu, fosse outra pessoa escrevendo. A que necessitava daquelas medicações provocadoras de tantos efeitos prejudiciais ao próprio corpo. E na escrita eu parecia ter a prova de que havia me tornado essa outra pessoa que haviam dito que eu era. Tinha para mim que meu corpo estava coberto com uma tinta permanente, que todas as vezes que eu tentava retirar de mim, fracassava e a tinta persistia grudada.

- Eu sei que o teu pai batia na tua mãe. Todo mundo da família sabia. E eu sei que isso de ninguém se meter, não fazer nada, machucou vocês. Mas, assim que eles casaram, eu presenciei uma briga, fui lá com um pedaço de pau, dei nele e mandei a tua mãe voltar pra casa dos pais dela. Só que depois de uns dias, ela voltou. Aí, eu pensei: “Ah, ela gosta”. E, me diz, como eu ia mandar prender o meu filho? Ele já sofreu tanto né...

Acredito que um pouco da sensação de desamparo vivido na infância por ter presenciado as recorrentes violências físicas se dissolveu ali, quando escutei uma outra parte da história. Porém, novas questões surgiram. Por que as dores dele eram tão acolhidas enquanto as minhas não eram? Era tudo frescura, exagero, coisa de adolescente querendo chamar atenção. Como se a história dele fosse uma justificativa para que ele me machucasse, propagasse por mais uma geração aquilo que ele também sofreu, enquanto eu tinha que fingir que estava tudo bem. Era mais uma coisa que eu tinha que superar e aceitar. Não poderia sentir de outra maneira.

A história da colonização, do imperialismo, é um registro de traição, mentiras e enganações. A exigência do que é real é uma exigência por reparação, transformação. Na resistência, o explorado, o oprimido, trabalha para expor a falsa realidade- para reivindicar e recuperar a nós mesmos. Nós fazemos a história revolucionária, contando o passado como aprendemos no boca a boca, contando o presente como o vemos, sabemos e sentimos em nossos corações e com nossas palavras (hooks, 2019: 26, 27)

De noite, tive um pesadelo. Estava novamente no hospital psiquiátrico dormindo na cama ao lado da parede bem no final do dormitório, me espantava com alguém tocando meu corpo e depois senti o peso dessa pessoa deitar sobre o meu corpo. Quando abria os olhos, via o padrasto da minha avó. Eu tentava gritar, mas ele colocava a mão na minha boca e ao tentar afastá-lo de mim, me via amarrada na cama. Eu começava a choramingar imaginando que, assim que conseguisse, iria denunciá-lo. E, como se lesse meus pensamentos, ele dizia para mim: “Não vai adiantar, ninguém vai acreditar em ti.”

Alguns dias depois do encontro com minha avó, Arielle surgiu em casa dizendo que ia me levar para conhecer o slam. Nós saímos rápido antes dos meus pais chegarem em casa, para não ter que pedir autorização e ter negado o meu direito de sair.

Pegamos um ônibus até o centro, o encontro acontecia perto do mercado público, onde havia constante circulação de pessoas e inúmeras possibilidades de transporte público para todo canto da cidade. Chegamos pouco antes de começar, tinham vários grupinhos de jovens conversando. Sem demorar muito, as pessoas responsáveis pela mediação e apresentação da competição de poesia nos chamaram para nos aproximar e formar uma roda. Em seguida, todos os jovens foram se juntando e sentando no chão formando uma rodinha. Tinham algumas pessoas em pé, e eu tinha pensado em ficar em pé, mas Ari disse que para experimentar de fato teria que sentar junto de todo mundo. Pude sentir o calor de tantas pessoas reunidas, apesar do chão estar gelado.

Uma jovem iniciou explicando que o surgimento do *poetry slam* ou somente *slam* ocorreu em um bar na década de 1980 em Chicago nos Estados Unidos. Marc Kelly Smith iniciou, em parceria com o grupo Chicago Poetry Esemble, no bar Green Mill Jazz Club, competições de poesia nas quais o público julgava e atribuía notas aos poetas. O movimento se disseminou pelo mundo, tendo como sede das competições internacionais anuais a França. Embora haja variações em suas formas de realização, permanecem três regras: todos os poemas devem ser de autoria do *slammer* (poeta); o tempo da

apresentação é de três minutos no máximo, e não é permitido o uso de adereços e figurinos durante a apresentação (D'ALVA, 2011). Falou também que existia o momento do Verso livre, onde qualquer pessoa poderia declamar a poesia que quisesse. Daí, ela perguntou quem gostaria de ser jurado, que não precisava ter qualquer especialização em poesia, só não podia ter proximidade com os competidores e tentar lançar notas quebradas, tipo 8,7, para ajudar no momento das classificações para as seguintes fases.

Outro jovem trouxe também que uma das coisas mais importantes nos encontros era o silêncio. Por ser um ambiente democrático da palavra, no qual ninguém precisava pagar para frequentar, acontecia num lugar que tinha muito barulho de carros, ônibus e das pessoas que passavam. Por isso, quem estava ali tinha que fazer total silêncio para que todos pudessem escutar as poesias.

Naquela noite, um rapaz recitou no momento dos versos livres a poesia Amor-Coragem de um poeta sergipano chamado Pedro Bomba (2016). Muitas pessoas se emocionaram, inclusive Ari e eu.

Amor- Coragem

O nome que se dá ao amor
Seja ele qual for
Ou qual tipo seja
No primeiro gole de cerveja
Molha e mergulha as palavras
Talvez você saiba
Que o amor que fura farpado
Mata o amor de infarto que não é brincadeira
Cerca cercando, gaiolando, prendendo, os
braços abafando
O amor se encolhendo
Quase se convencendo
De que é assim sempre
O amor abafa a gente
Que nem polícia faz

O amor é assim, né rapaz
Corrente que prende e pára
Parem!
A minha boca fala de outro amor

Amor coragem
Amor coragem
Que é alicate
Torando a cerca
De qualquer pastagem
Amor
Coragem, que age
Sem máscara, sem disfarce
Que escreve na própria face
As marcas da vida

Essa ideia fudida

De propriedade
Vai deixar de existir

Coragem amor, coragem
Pois as pernas são pra caminhar
Pular catraca, correr da repressão, andar na
rua, subir ladeira
Chutar bomba de opressão
As suas pernas amor
São pra se confundir com as minhas

E quando nessa estrada tu caminhas e vai
longe
E vai porque carregas de Monte
O movimento das coisas

Coragem amor, coragem

Pra derrubar as dores que perseguem esses dias
Derrubar a apatia
E claro, o [sic] presidente
Eu sei que nessa cidade tem um monte de
gente
Que não liga nada no que se diz
Eu ouvi

Mas é que coragem é assim
Rebelde, ousada, não respeita nada
E quando se junta com o amor
Ela é o que há de mais
Revolucionária

Coragem amor, coragem

Depois da competição, fomos comer cachorro quente, um rapaz que parecia ser morador de rua se aproximou e observamos todo mundo ao redor esconder seus pertences pelo medo de serem assaltados. Ele pediu um cachorro quente para o vendedor e afirmou ter dinheiro para pagar pelo alimento. Quando ele tirou do bolso várias moedas e mostrou, o vendedor começou a preparar o cachorro quente. Ele ficou num canto e começou a falar algumas coisas sozinho que não conseguimos entender, um casal que estava do nosso lado ficou olhando pra ele rindo. E o moço que estava preparando o cachorro quente disse a ele:

- Queria ter essa liberdade que tu tem. Não tem que dar satisfação pra ninguém, pode ir e vir a hora que quiser. Não tem horário pra trabalhar, pra comer e dormir. Todo dia é como se fosse férias para sempre.

- É, eu sou livre né?

E ele começou a mexer as moedas nas mãos e voltou a falar algumas coisas em voz alta, mas que não conseguíamos entender por causa do volume baixo. Olhamos uma para a outra e não íamos dizer, mas parecia que pensávamos e sentíamos o mesmo. Pois ele não parecia estar distante de nós na busca de um compartilhamento, de uma escuta das muitas questões que habitavam sua mente e precisavam ser arrancadas. De quando alguém fala por nós, dos efeitos do olhar do outro sobre nós, que nos faz pensar ser considerados, mas não, somente ser olhado e notado não é suficiente para deixar de se sentir invisível.

Ele pegou o cachorro quente e saiu caminhando rápido. Ari comentou da fala da poeta Luz Ribeiro no filme Slam: Voz de Levante (2018)

[...] meu sonho na vida foi sempre ser menos invisível assim, sempre fui muito invisível. Então cada vez que eu subo e falo 3 minutos e alguém me ouve. E geralmente é mais de uma pessoa porque Slam consegue concentrar...bastante gente...Eu vou...eu me sinto menos invisível assim. E eu gosto de ser menos invisível não é só porque tipo...Sei lá, pra aparecer, mas...Porque eu acho que eu carrego...Acho que eu carrego muita coisa que não é só minha, sabe? E veio muitas outras antes de mim que carregavam muitas coisas que são minhas também e ninguém nunca ouviu. Então eu me sinto muito privilegiada por cada um desses 3 minutos que eu tenho e eu posso... falar por mim. Eu não preciso esperar que alguém fale por mim.

Então, conversamos sobre os efeitos do encontro com o Slam. Estava emocionadíssima e admirada com a coragem que eles tinham de escrever, decorar a poesia e compartilhar ali. Ela concordou comigo e assim como eu, ela estava acostumada a achar melhor guardar tudo que sentia, por achar que ninguém se importaria com aquilo. Só pode ajudar os outros, mas não pode ser ajudada.

- Eu só percebi que tava num relacionamento abusivo no dia que ele apareceu no meu intervalo do trabalho, ele tinha mandado mensagem para gente se encontrar. Ele tinha retirado o histórico completo de ônibus que eu tinha pegado desde que ele tinha compartilhado o cartão dele comigo, e tinha grifado os ônibus e horários que ele considerava suspeitos e pediu explicação. Ali eu notei que ele podia me deixar louca, porque eu não sabia o que dizer ou como reagir. Escolhi pelo silêncio. Tipo, quando a gente tá andando na rua e uns caras passam num carro buzinando e perseguindo a gente, sabe?

Eu parava no hospital todo final de semana por causa das nossas brigas. Ele dizia que se eu terminasse, ia acabar sozinha a vida inteira, porque ninguém ia me querer. E eu realmente acreditava naquilo. O relacionamento já tinha esmagado a minha autoestima. Pra quem olha de fora é tão simples... É só denunciar. Ir embora. Mas não é bem assim... É difícil abandonar algo que te faz mal, mas que um dia já te fez bem. Algo martelava na minha cabeça que eu poderia nos salvar daquilo que era só um momento ruim. Que o nosso amor seria capaz de superar tudo. Eu via as várias mensagens que ele trocava com outras mulheres. Me sentia muito mal. Mas ele dizia que elas que procuravam ele, e eu acabava com raiva delas.

Depois dele ter me batido, quando eu voltava do hospital, ele pedia perdão, chorava, dizia que não ia acontecer mais... E eu achava que eu poderia ajudar ele a mudar. Também, foi assim que fui ensinada: mulher quando quer é capaz de mudar totalmente um homem. Eu suspendia todos os sentimentos de tristeza, raiva, pois tinha que ser forte por nós dois. Dificilmente, as promessas duravam mais de 24 horas, logo ele vinha buzinar no meu ouvido...

Nos dias que eu arrumava as coisas e dizia que ia embora, que estava tudo acabado, ele desmaiava, passava mal. E eu tinha que ficar cuidando dele.

Na emergência, algumas pessoas chegaram a perguntar se ele me agredia, mas eu não conseguia dizer que sim, pois achava que eu merecia aquilo tudo. Que era eu que provocava. Eu tava me tratando com o mesmo desprezo que ele me tratava. Aquela velha história do cachorro que volta abanando o rabinho pro dono que acabou de chutá-lo.

Aí, eu comecei a pensar e tentar me matar... Comecei a escutar de muitos médicos e enfermeiras que eu tinha que amar a minha vida, que a vida era boa. Mas a minha não era, eu não sabia como sair daquele relacionamento... Eu achava que me matar era a única maneira de eu sair... Eu não tinha coragem de contar pra ninguém o que tava acontecendo, era muito humilhante admitir que eu ainda permanecia com alguém que tratava daquela maneira... Ele dizia que eu era uma incompetente, que nem pra me matar eu servia!

Acho que... muitas mulheres ficam presas nisso a vida inteira porque não enxergam outra alternativa. Ou não tem ninguém que dê apoio... Eu não fico contando isso pra qualquer pessoa,

porque vão dizer que eu tô querendo me fazer de vítima. E isso não é o que me define... Eu me sentia impotente... Tinha medo de tudo. Ficava pensando em cada passo que eu fosse dar e como ele poderia interpretar aquilo. E não quero que as pessoas pensem que ainda sou assim, alguém que sacrifica da própria vida, se desvaloriza, coloca a importância da sua vida nas mãos de outra pessoa.

- Eu imaginava que podia ser um relacionamento abusivo, mas não imaginava tudo isso. Como tu conseguiu sair disso?

- Lembra que eu fiquei grávida e perdi o bebê? Depois que ele me afastou da minha família e dos meus amigos, ele ficou insistindo em ter um filho. E ele simplesmente não perguntou se eu queria também, ele apenas tirou a camisinha e gozou dentro... Eu já não trabalhava mais por causa das tentativas de suicídio, eu ficava só dentro de casa. Ele trabalhava e me ligava o dia inteiro. Quando ele chegava, ficava dizendo que eu com certeza tinha visto outra pessoa... Como eu já tinha dito a ele que tinha me relacionado com mulheres, ele ficava dizendo que eu era indecente, promíscua... Fantasiava que eu traía ele com outras mulheres, que eu fingia que eram minhas amigas... No dia que perdi o bebê, a gente tinha discutido por causa disso, ele tinha me empurrado com força, furei meu pé num prego do rodapé e caí no chão... O prego abriu um buraco no meu pé, o chão ficou cheio de sangue, saía muito sangue até conseguir fechar a ferida. Ele começou a limpar o chão chorando e dizendo: "Olha o que tu faz eu fazer". Então, eu deixei ele limpando e fui pro atendimento... Uma assistente social veio conversar comigo por causa das seguidas vezes que eu aparecia machucada lá. Ela me ofereceu atendimento com a psicóloga e naquele dia eu aceitei. No outro dia, comecei a ter dores na barriga e alguns sangramentos, voltei pro hospital e eles me disseram que tinha perdido o bebê. Eu fiquei muito triste, mas hoje vejo que se tivesse aquele bebê seria alguém por quem eu me sacrificaria de novo...

Mas aí, eu comecei a ir na psicóloga... Ele ia junto... Igual quando a gente saía de noite juntos, ele ficava olhando de longe atento ao que eu conversava contigo ou com outras amigas, lembra? Era assim com a psicóloga. Eu ficava até imaginando que ele ficava na porta tentando escutar o que eu falava pra ela... Mesmo assim, eu consegui contar a ela o que tava acontecendo, mas não consegui denunciar, ficava pensando nas mulheres que já denunciaram e os companheiros quando descobriam, matavam... Mas, ela de alguma maneira me ajudou a entender que era importante me reaproximar da minha família e amigos... Voltar a trabalhar... Não fazer mais dele e do nosso relacionamento a coisa mais importante da minha vida... Quando decidi ir embora de casa... Queria que tivesse sido simples, mas tive até que denunciar várias vezes, pedir medida protetiva, porque ele me perseguia. Em todos os lugares que eu tava, ele aparecia e me

pedia pra conversarmos. Ele mandava mensagem pra minha família. Eu morria de medo e não queria mais sair de casa, porque se Maria da Penha e prender desse algum jeito, não tinha tanta mulher morta por companheiros ou ex-companheiros... Quando meu pai ameaçou matar ele, ele parou. Engraçado como os homens, às vezes, só respeitam outros homens, né?

- Nossa. Eu lembro que todo mundo tratava o Guilherme como se ele fosse um anjo, te salvando das vezes que tu tentou te matar... Lembro daquele dia que tu tava com o pulso enfaixado de cabeça baixa do lado dele, tendo que escutar teu irmão bêbado agradecendo ele por não ter te deixado morrer. E tu que ficava como louca depressiva...

- Tu viu aquele cara que se fantasiou de goleiro Bruno, o assassino da Eliza, numa festa de Halloween? Compartilharam no Instagram ele vestindo uma camisa do Flamengo com o nome Bruno nas costas, carregando um saco de lixo com o nome Eliza colado (LEMOS, 2021). Horrível pensar que aqui se mata mulher de uma maneira tão brutal e vira ídolo. O Guilherme era um dos fãs dele, até comprou máscara de cachorro para tirar foto junto com ele.

Escutar o relato de Arielle provocava um incômodo que consumia meu corpo, por ser um corpo sujeito ao mesmo tipo de violência. Sentia medo e angústia ao ver nossas dores tão invisibilizadas ou consideradas inválidas por serem recorrentes, que estamos longe de viver com liberdade, que esses homens não são monstros, doentes... O Guilherme, por exemplo, não dava nem para dizer que ele fazia isso porque era alcoólatra ou dependente químico, pois ele não usava drogas ou álcool, o que muitas pessoas veem como justificativa para a violência. Ele é apenas alguém que praticamente possui socialmente uma autorização para cometer isso. Diziam desde cedo para o meu primo em relação a menina que ele gosta na escola: “Vai lá, tu tem que agarrar e beijar ela”. Logo, jogar formigas nos ouvidos, nomear como loucas, medicar e a violência de maneira geral são práticas incentivadas em nossa cultura como práticas de governo dos corpos das mulheres.

Pensei em Dani. No quanto a medicação talvez a impedisse de sentir a tristeza e revolta necessária pela relação abusiva que mantinha. Na internação, comentávamos que quem deveria estar internado era o marido dela, pelo que tinha feito. Agora, sei que aquele é um lugar que ninguém merece estar em nenhum momento da vida. Porém, fiquei imaginando como seria interessante se Ari e Dani pudessem conversar, poderíamos tecer uma sólida rede para que ela não sentisse que deveria perdoar os abusos do companheiro.

Pensei nesse sentimento de não saber os limites do perdão quando se trata das outras pessoas. Mas quando se trata de si mesma, ser tão cruel a ponto de não conseguir se perdoar e permitir que essa culpa perdure. Sonhar com uma outra vida, mas achar que não merece. Mulheres são socializadas a priorizar o cuidado do outro no lugar do cuidado de si. Minha mãe

também fazia isso. Isso de se sacrificar. Desde as coisas mais complexas de sacrificar de exercer uma profissão fora do ambiente familiar, porque tinha que cuidar das filhas e da casa, até as coisas mais cotidianas, quando comia somente a mistura, porque dizia que preferia, mas na verdade era porque a carne tinha acabado, e ela queria que meu pai e nós filhas pudéssemos comer carne.

Na real, mulheres encarnam, por vezes, esse papel da guerreira, de um heroísmo, no qual salvar o mundo é mais importante que salvar a si mesma. Quando brincava de faz de conta com o meu primo, ele gostava de ser o herói e ele nunca podia ter ponto fraco. Morrer então, jamais. Não existe dor que o herói não possa ultrapassar.

Desde pequena, aprendi que ser mãe e ser esposa é algo sagrado, você tem a obrigação de ser uma leoa feroz a fim de defender seus semelhantes. Em vários momentos, você tem que sacrificar bem-estar e conforto para que outra pessoa o tenha, é sua responsabilidade. É como assumir o compromisso eterno de que as questões e necessidades de outra pessoa serão mais importantes que as suas. Uma tarefa interminável, pois a partir do momento em que se liga o alerta, você não consegue mais reconhecer quais são as suas questões e necessidades enquanto a dos outros não forem suficientemente satisfeitas.

Ser reconhecida como uma heroína é ser admirada e respeitada. Inúmeras vezes, vi mulheres orgulhosas quando reconhecidas como mães, esposas, filhas ou profissionais que se sacrificam, que abdicam do cuidado de si para investimento no cuidado dos outros. Não é à toa a presença de muitas mulheres nas profissões que envolvem o cuidado de outras pessoas.

Mas também, vi mulheres sobrecarregadas e esgotadas de ocuparem seus lugares de mártir, que tiveram seus corpos marcados como defeituosos, como não heroínas, quando demonstraram suas fraquezas e vulnerabilidades. Mulheres que vão ser nomeadas como péssimas mães, esposas, filhas e profissionais ou distanciadas dessas nomenclaturas, sendo desconsideradas até como mulheres, que são facilmente descartadas para não receberem visitas em hospitais psiquiátricos (o que acontece também nos presídios).

Le Guin (2021) indica que a figura do herói nas narrativas heroicas arrebatada, visto que ele está no palco com seus diversos conflitos a resolver. Porém, quando tiramos ele do palco e o colocamos numa cesta, ele não fica bem, ele fará parte de uma história onde o fim não é a resolução dos conflitos e sim a produção de continuidades. A autora fala de uma

cesta cheia de fraquezas e bobagens, e de minúsculos grãos de coisas menores que uma semente de mostarda, e de redes intrinsecamente tecidas que, quando laboriosamente desatadas, contêm um seixo azul, um cronômetro imperturbável marcando o tempo de outro mundo e o crânio de um rato; cheia

de começos sem fins, de iniciações, de perdas, de transformações e traduções, e de muito mais truques do que conflitos, muito menos triunfos do que armadilhas e ilusões; cheia de naves espaciais que ficam presas, missões que falham e pessoas que não entendem (LE GUIN, 2021 :6).

As histórias com mulheres que não são heroínas não parecem tão interessantes de serem contadas e podem causar incômodos a quem escuta. E, assim, percebi que por não ser uma narrativa heroica considerava a minha história não tão interessante a ser contada. Tinha vergonha e a sensação que iria me desmontar se começasse a falar das minhas experiências, eu era apenas um amontoado de retalhos mal costurados. Uma vez que atravessam nossos corpos experiências como as de Ari ou as minhas deixam marcas, muitas vezes, irreparáveis. E falar sobre isso parecia não ter efeito algum, pelo menos com o psicólogo. São feridas que eu via serem cutucadas e novamente abertas em vários momentos.

- Nem todo mundo é sensível a nossa dor. E nem é porque nunca passou por isso na vida, mas porque não quer deslocar seu lugar de escuta. É desconfortável né? No início da terapia, eu ficava pensando que a minha psicóloga fingia que entendia o que eu tinha passado, que na nossa relação de paciente e terapeuta ela não poderia dizer, por exemplo, que já passou por um relacionamento abusivo, então, eu não poderia saber se entendia ou não. Quando comecei a ir no Slam aprendi que é possível deslocar o meu lugar de escuta, ser sensível mesmo sem ter passado pelo que a pessoa passou. A diferença tá na escuta com certeza. Se eu não me sentisse escutada, não ia conseguir dar uma chance para mim ao invés de dar mais chances pro Guilherme. Não ia acreditar que merecia histórias felizes também. Você ouviu no Slam jovens que conseguem transformar experiências e memórias ruins em poesia, numa potência para afirmar vida para além daquelas dores.

Quando cheguei em casa naquela noite, tive que escutar que aquela tinha sido uma decisão extremamente impulsiva, que tinha deixado todo mundo preocupado. Tentei me explicar, porém, na linha tênue entre a abertura para novas experiências e impulsividade, me sentenciam impulsiva, tendo em conta o diagnóstico. Ainda acrescentaram que contariam para o terapeuta, para ele avaliar minha decisão. Fui deitar após deixar meus olhos inchados de tanto chorar. Antes, recebi a advertência que estava chorando alto demais, que eles tinham coisas para fazer no dia seguinte, não eram inúteis que nem eu...

Parei de chorar com medo que me dessem banho gelado de noite como já haviam feito. Fiquei pensando nas mulheres que chegavam com os pulsos enfaixados na internação. Era fácil ter a imagem de um brinquedo quebrado jogado num canto, triste por não ter uma função. Eram mulheres que num primeiro momento se isolavam. Elas achavam que nunca mais iam sair do

hospital psiquiátrico, o que todas nós já tínhamos imaginado em algum momento. Todas nós já tínhamos sentido como brinquedo quebrado que tinha que ser consertado. Por isso, nos afastávamos dos discursos moralistas sobre como é bom viver, sem antes escutar. O nosso desafio era fazê-las entrar no jogo do encantamento que estávamos construindo,

afirmar a vida neste e nos outros mundos — múltiplos feito as folhas — como pássaros capazes de bailar acima das fogueiras, com a coragem para desafiar o incêndio e o cuidado para não queimar as asas. Chamuscados, feridos, mas plenos e intensos, cantando por saber que a vida é voo (SIMAS; RUFINO, 2020: 18).

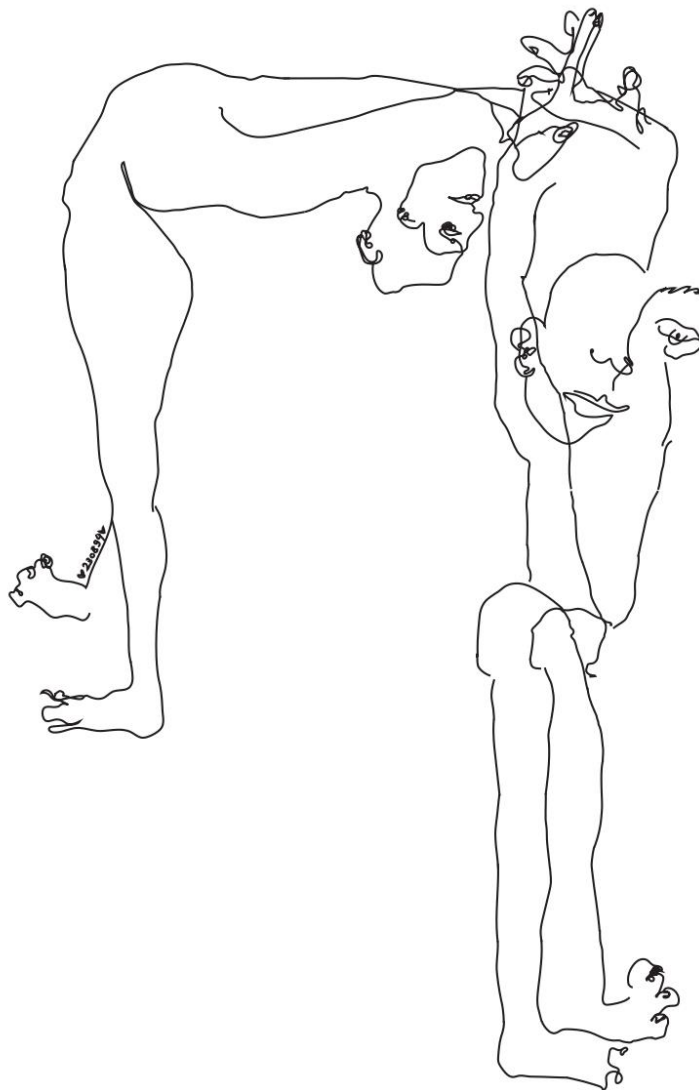
Sentia um estranhamento de quando vestia roupas ou calçava sapatos que não cabiam mais, quando a dor preenche todo o peito deixando sem fôlego, sem espaço para respirar, sensação de estar andando de mãos dadas com o passado no presente. Não havia espaço para seguir sendo a mesma coisa que me pintaram. Assim como a minha mãe doava as roupas que não cabiam mais, ela dizia que isso era coloca-las em circulação, gostaria de colocar em trânsito a existência. Lembrei das voltas que o ônibus deu quando fugi de casa em direção à casa de Arielle. A breve sensação de não mais pertencer a impotência, ser plural. Pensei nos giros que as medicações noturnas estavam a me provocar. Girar. Exceder o centro. Ali fazia sentido a escrita como uma forma de dar passagem a tudo que estava sentindo.

Dessa maneira, o lugar da escrita, das palavras em minha vida, sempre esteve atrelado a cicatrização de algumas feridas. De um encontro com a minha voz e com a possibilidade de me escutar. “Escrever foi uma maneira de capturar, agarrar a fala e mantê-la por perto” (HOOKS, 2019, p.33). Escrever significava acima de tudo não esconder mais as feridas e as cicatrizes. Produzir um espaço seguro para as minhas experiências. Espaço onde o que eu diria não seria considerado inválido ou parte de uma doença.

Nos instantes em que estive sozinha com as minhas dores, que acreditei que ser louca era estar quebrada e coberta com uma tinta permanente, nos quais me encolhi diante das palavras de outras pessoas, era fácil sentir que não deveria mais existir. No entanto, atravessar as zonas de desconforto por meio da escrita, formar coletivos e costurar as feridas pela escuta desafiavam-me a inaugurar novas maneiras de ser. Penso que esse era o acordo e desafio que tínhamos na internação: a construção de novos modos de ser por meio de um território coletivo de escuta. Possibilitar pelas falas e experiências, a transmissão de uma política do cuidado de nós. Tecer em conjunto uma rede de escuta e acolhimento que nos retirasse do aprisionamento e isolamento no qual a lógica manicomial nos colocava.

Figura 17 - Cuidado de nós

NÃO CORTAREMOS OS PULSOS,
 AO CONTRÁRIO, COSTURAREMOS
 COM LINHA DUPLA TODAS
 AS FERIDAS ABERTAS



Fonte: Ilustrado por Carolina Alves

“Não cortaremos os pulsos, ao contrário, costuraremos com linha dupla todas as feridas abertas” Lygia Fagundes Telles (1980, p. 46).

Percebi que já tinha passado do ponto do ônibus. O ônibus tinha parado e duas passageiras haviam descido. Antes do motorista acionar o fechamento das portas, levantei e gritei: “Vai descer!”. As pessoas que estavam perto se assustaram, viraram pra me olhar e eu desci correndo.

Desci do primeiro ônibus pensando que, talvez, as repostas para as minhas questões estejam na minha própria história. Seriam os meus relatos sobre a internação que produziram as definições e estagnações que contesto agora? O psicólogo clínico um aliado destas forças dominantes que fragmentaram o meu ser, das forças que me calam? Lembro de algumas vezes em que trazia alguma experiência e recebia ali a informação que não tinha capacidade de juízo sobre a minha vida. Ou estava “vendo coisas demais, interpretando errado” ou o contrário, “não via, não queria enxergar, estava negando”.

A ideia que me ocorreu era enviar uma mensagem desmarcando o próximo encontro. Parecia mais fácil bloquear ou simplesmente sumir, deixar de responder. Eu gostaria de encerrar a terapia na próxima sessão, mas fiquei imaginando as possíveis análises do psicólogo após a minha fala: “Não é a primeira coisa que você abandona, desiste. Trata-se de uma fuga?”. Kilomba (2019, p.42) expõe que “o falar e o silenciar emergem como um projeto análogo”, então, falar seria suficiente?

Eu poderia ir a pé para casa, mas minhas articulações pareciam ter envelhecido uns dez anos desde a queda e os instantes que mantive os joelhos dobrados numa mesma posição. Estava começando a anoitecer e eu não queria ser mais frágil ao caminhar sozinha. Não queria me transformar numa vitrine a ser olhada, estar vulnerável às formigas. Cheguei na parada poucos segundos após ter passado o ônibus que eu ia pegar. Tinha que esperar por volta de quarenta e cinco minutos para outro vir. Percebi que uma senhora estava falando comigo, saí da imersão que eu me encontrava e tirei um dos fones de ouvido para escutá-la.

- Acredita que eu tô aqui faz mais de meia hora e não passa nenhum ônibus pro centro? Passou só aquele que dá um monte de volta, mas se eu tivesse pegado, já tava lá.

- Poxa, mas tem uma parada ali mais adiante, naquela rua- aponteí para ela- Tem mais opções para o centro, mas é menos movimentada também.

- Pois é, eu nem sabia. Eu não ia querer ficar sozinha esperando o ônibus ali. Mas, tô com meus pés doendo aqui.

Contei que ia esperar junto com ela, pois o ônibus que eu ia pegar era aquele que tinha acabado de passar. Cheguei a pensar em reclamar também das mãos e joelhos ralados de ter caído na rua, quem sabe rir um pouco disso, no entanto, vimos que estava vindo o ônibus que

antes ela tinha decidido não pegar devido a demora da rota até o centro. Enquanto ele se aproximava, ela olhou pra mim e perguntou:

- E agora? Será que eu vou nesse ou não vou?

Pensei em falar: “Acho que a senhora deveria ir nesse”. Contudo, apenas retirei o outro lado dos fones de ouvido e acho que de alguma forma ela só queria compartilhar aquela dúvida, não necessariamente desejava da minha resposta ou interpretação da sua situação. Aprendi que para experienciar a escuta de fato, não deveria ficar esperando meu momento de falar, opinar. Para escutar é necessário ser companhia. Eu sentia respeito pela vivência daquela mulher e pela sua capacidade de escolha mesmo sem conhece-la profundamente, poderia acompanhá-la naquele momento.

Ela acabou decidindo não ir naquele ônibus, e logo que ele passou, ela disse:

- Sabe que eu não gosto de pegar ônibus aqui. Naquele prédio bem ali- apontou com o dedo um prédio marrom, bege e branco, morava uma pessoa muito importante na minha vida. Ela morreu faz uns sete meses, tinha tido Alzheimer antes de falecer, era difícil conversar com ela. Mas fomos amigas durante vinte e oito anos, acho que mais do que a tua idade... Geralmente, ela ficava conversando com os móveis. Na última vez que nos vimos, essa amiga disse que estava grávida, o nome dela era Heloísa. Eu dei parabéns pra ela né... Poucas vezes, a Heloísa lembrava quem eu era. Eu também sofria por ser esquecida daquele jeito, e dela ter esquecido de todos os momentos e histórias que compartilhamos. A gente pensa que vai levar nossas memórias até o dia da nossa morte, aí vem essa doença pra nos negar isso tudo. Quando ela morreu, eu não fiquei sabendo, ninguém da família dela me avisou. Fui descobrir só quando vim aqui fazer uma visita e me disseram que tinham outras pessoas morando ali... Agora sinto apenas a dor de não ter me despedido dela, de não poder mais conversar ou encontrar com ela...

Ao contar aquilo, ela começou a chorar. Fiquei imaginando-a chegando no prédio, entrando no apartamento agora habitado por pessoas diferentes, sem o cheiro, a presença e memórias da amiga. Ao vê-la sangrando diante de mim, pensei em sua dor como água parada. Sem poder conversar com a amiga, era como se as palavras não pudessem mais circular.

- A senhora podia escrever uma carta pra ela. Sabemos que a carta não vai chegar até ela e que não vai ter uma resposta. Mas, é uma forma de dar um destino a toda essa dor que parece que a senhora sente com a perda.

- Eu não saberia bem o que escrever... Parece uma boa ideia, eu vou tentar... Mas eu gostei muito de conversar contigo, como é o teu nome?

- Jéssica.

- O meu é um nome muito difícil de lembrar. Muito incomum.

- Ah, é? Qual o seu nome?

- Maria.

Em seguida, o ônibus que Maria queria pegar chegou e nos despedimos.

Então, ali estavam as vantagens de andar sem fones de ouvido: escutar as histórias e experiências de outras mulheres. Retirar os fones é poder escutar suas questões nas bocas de outras mulheres e não se sentir mais sozinha. Os fones traziam a sensação de solidão e isolamento. Retirar os fones é escolher escutar a cidade e as mulheres que a habitam. A retirada dos fones de ouvido estava relacionada ao cuidado de nós. Quando minha mãe contou sobre o mosquito no ouvido do meu avô, eu fiquei com medo de dormir a noite e um daqueles mosquitos que surgem cantando perto do ouvido quando a luz se apaga entrar no meu ouvido. Ela me disse que eu poderia cobrir os ouvidos com um pedaço de algodão para impedir a entrada de algum inseto. Não se tratava de incorporar a heroína a fim de impedir ou retirar os insetos dos ouvidos de outras mulheres, mas de me direcionar a um aquilombamento da escuta no diálogo com outras mulheres, direcionar-me à escuta de um coletivo. Construir uma escuta de(s)colonial que escape de um princípio do cuidado dos outros para pensar num cuidado coletivo, onde ninguém precisa se sacrificar. Conceição Evaristo (2020) no poema “É Tempo de Aquilombar” nos traz que

É tempo de formar novos quilombos,
em qualquer lugar que estejamos,
e que venham os dias futuros,
[...] a mística quilombola persiste afirmando:
“a liberdade é uma luta constante”

Fiquei pensando: “E se eu escrevesse uma carta para o psicólogo?” Benjamin (2012, p.30) refere que “a fala conquista o pensamento, mas a escrita o domina” e, para Kilomba (2019, p.28) “escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor ‘validada/o’ e ‘legitimada/o’ e, ao reinventar a si mesma/o nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada”.

Não via a hora de encontrar com o meu caderno, o que escondo estrategicamente para não ser descoberto, e escrever. Esconder o caderno nem sempre significa tirá-lo da visão de outras pessoas. Às vezes, ficava ali tão óbvio disponível de ser capturado e lido. O segredo é criar camuflagens, movimentá-lo. Já tinha vivido uma exposição e não queria que acontecesse de novo. Uma das minhas irmãs havia lido e sempre citava algo que eu tinha escrito. “Eu me sentia violentada, envergonhada, como se partes secretas do meu eu estivessem sido expostas, trazidas para fora e penduradas como roupa recém- lavada a céu aberto para todo mundo ver”

(HOOKS, 2019, p.34). Num primeiro momento, pensei em parar de escrever. Só que era um absurdo parar por causa da intromissão de alguém. Depois, criei códigos para as letras do alfabeto. Cada letra possuía um código e somente eu poderia traduzir o que estava escrito, mas extremamente trabalhoso. Então, pensei em trancar o caderno em alguma caixa com cadeado. Essa era a ideia mais engraçada, porque não me via fazendo isso. E eu me perguntava com frequência o porquê de me sentir envergonhada daquilo que eu escrevia, dos meus pensamentos, sentimentos e desejos... Para que continuar me escondendo, transformando tudo o que sinto e sou em silêncios? Mesmo que alguém pegasse e lesse o caderno, até poderia questionar o que eu estava escrevendo, mas já estava escrito/ dito e, de alguma forma, escutado. E, o mais importante, tudo o que escrevia pertencia ao meu íntimo, minha nudez, se as pessoas achavam que poderiam invadir, não iriam fazer com que eu me sentisse mal. Não mais.

Ao entrar em casa, fui direto pegar o caderno. Desta vez, ele estava dentro da fronha junto do travesseiro. Guardava a memória da última vez que o tinha manuseado, da posição que o deixei, para descobrir algum leitor. Agora, eu não tinha mais medo de que alguém lesse sem a minha permissão, sentia mais medo de ter que ler tudo que ali estava escrito. Como escutar a si mesma pode ser tão doloroso? Contudo, eu sentia a leitura como necessária, não iria ler todo o caderno para ter tempo de escrever um pouco, poderia ler apenas alguns trechos de escritos que me chamassem atenção.

Diário**3 DE MAIO**

Acabei de ser acordada tendo que escutar que a vida de princesa acabou. Um monte de prato pra lavar só me esperando. Se eu to boa pra sair de noite, to boa pra fazer tudo já.

É duro escutar tudo isso, ainda mais quando estou lutando pela minha melhora. Quando senti que poderia melhorar. Fazia muito tempo que eu não sentia isso... O encontro com o pessoal lá do Slam me provocou isso.

Eles conseguem falar dos traumas de forma poética que traz consigo uma força e me provoca a querer olhar as coisas de uma nova forma. Fazer algo com tudo isso que já me aconteceu.

Fui lavar a louça e como de costume coloquei os fones de ouvido com música bem alta, só para incomodar mesmo.

Um prato escorregou da minha mão e quebrou. Fiquei com mais raiva e quando fui juntar os pedaços do vidro, machuquei a mão.

Minha mãe se aproximou e disse que iria recolher. Pra eu ir lavar as mãos e ver se não tinha nenhum pedacinho de vidro no machucado. Ainda disse que iria recolher todos aqueles cacos antes que machucassem mais alguém.

Eu fiquei tipo: Qual o meu problema? Por que estou assim?

Fui lavar as mãos e fiquei tentando imaginar no quanto os meus cacos feriram as pessoas ao meu redor enquanto eu acreditava estar quebrada.

E se eu estive quebrada, acho que esse é o início do recolhimento dos pedaços.

O chão não é o meu lugar, eu posso me levantar e vou me reconstruir.

05 DE JUNHO

Mais um dia que não deixo o sol entrar. Tinha aberto, mas já fechei novamente a janela. Prefiro me esconder do dia. Prefiro me esconder de todos que podem me ver desse jeito. Não quero ser essa pessoa que passa o dia inteiro na deitada cama, e que não consegue fazer nada para mudar isso.

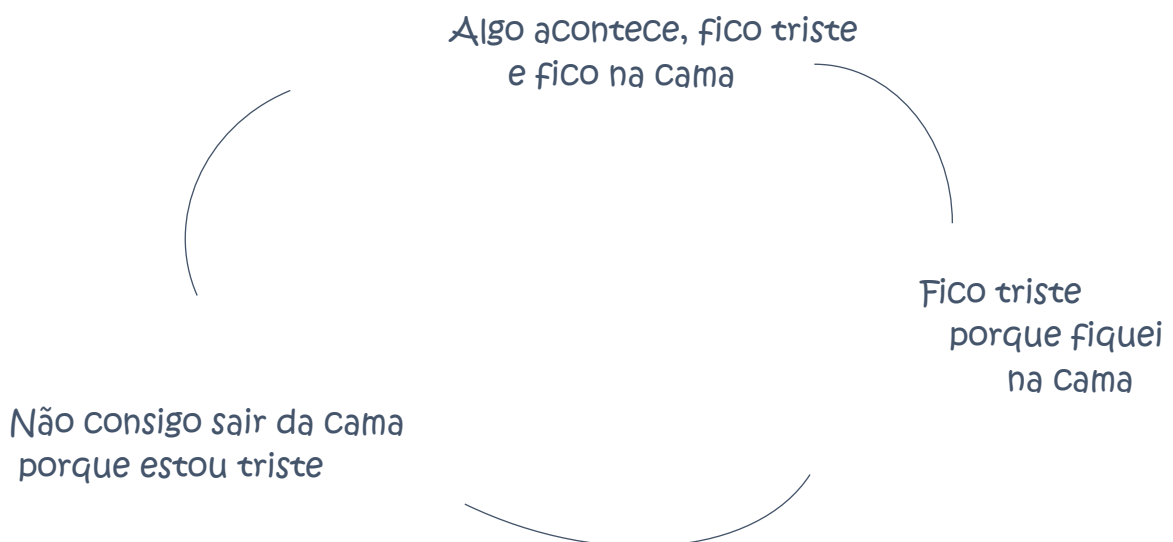
O que aconteceu comigo? Toda vez que penso nisso, penso se essa seria a pergunta correta, porque sei que me deixei consumir pela tristeza.

É como se eu estivesse fora do meu controle nos últimos dias.

Passo os dias nocauteada pelo desânimo, me deixei entrar na onda dos pensamentos ruins.

Quando me olhei hoje no espelho, pensei no tempo que não consegui me encarar. É como se eu não conseguisse enxergar nenhuma qualidade, como se tudo tivesse se perdido em algum momento do passado e não fosse possível de recuperar.

Porque eu sei que é um círculo vicioso:



E se eu voltasse a tomar remédios? Já que não estou conseguindo fazer nada para mudar, talvez, eles ajudem.

Eles fazem as dores pararem de latejar.

Talvez, devesse voltar para a internação. Ou só quero me anestésiar?

Sei que os remédios aliviam, mas falar também faz. E escrever também...

Por que persisto naquilo que não me faz bem?

Até quando serei cúmplice? Adiado minha melhora.

Ainda não consegui acertar as doses.

16 DE JULHO

Acabei de ler tudo que escrevi e consigo ver que a minha letra realmente muda.

Hoje pensei em falar com alguém, falar sobre quem eu sou agora. Ainda pode mudar. E sei que vai, mas queria falar de quem eu sou agora. Que é muito diferente de ontem e de anteontem. E do mês passado. E de quando eu fiquei internada...

Não sou mais aquela pessoa que usa o diagnóstico como geralmente usam os diagnósticos e signos: para justificar seus erros e defeitos.

Estou sendo paciente comigo e com meus processos. A escrita, as amizades e os encontros com o slam tem a ver com isso.

O silêncio é importante. Mas é quase impossível ter um pouco de silêncio e privacidade morando com tanta gente.

Vontade de dizer pra meus pais: Me deixem viver um pouco, eu não vou sair correndo por aí. Eu não to defeituosa.

Ainda não escrevi sobre a decisão de parar com as medicações, que nem foi por causa dos efeitos colaterais, mas o psiquiatra que me atendia disse simplesmente que não poderia mais me atender. Pedi para que ele pudesse ao menos renovar a receita dos remédios que estava tomando, ele disse que deixaria na recepção de onde me atendia, mas não deixou. E quando enviei mensagem perguntando pela receita, ele apenas visualizou e não respondeu.

Depois disso, fiquei imaginando algum motivo para ele ter parado de me atender. A primeira coisa que me veio a cabeça foi que no último atendimento tinha ido sem tomar banho, será que estava fedida demais e não percebi? Ele não quis mais me atender por causa disso?

Naquele dia, estava tão triste que nem me liguei que poderia pegar mal aparecer assim no consultório...

Lembro do movimento da recepcionista quando me atendia, como se fosse imediatamente desinfetar os lugares que toquei. Isso desde o primeiro dia que cheguei... Ela me perguntou se eu iria começar a prestar algum serviço de limpeza para o psiquiatra. Eu sabia que eu

não era nem parecida com os outros pacientes e que pagava um valor bem diferente pelas consultas, quase nada... Mas, precisava ser tratada assim?

Mas, não fez tanta falta as consultas. Ele não me encarava, ignorava o que eu falava. Teve aquela vez que ele disse pra mim que era chato ver uma menina que parecia até inteligente enlouquecendo a si mesma... Absurdo!

Eu cheguei a comentar o quanto me incomodava o assédio dos homens na rua, ele disse que podia ter a ver com o jeito que eu me vestia.

??????????????????

Quando existe escuta, podemos nos escutar melhor.

Um exemplo disso foi uma conversa que tive com minha tia Claudete, que foi prostituta durante um tempo para conseguir cursar o técnico em radiologia que tanto queria. Andava pensando em começar a trabalhar em algo em que pudesse ganhar dinheiro e com rapidez, mas também não me sentir tão explorada por um patrão. Eu já sou tão explorada aqui em casa...

Ela me falou a real de como era, nada fácil como eu imaginava. E eu disse a ela: "O pior para mim é eles acreditarem que estou à venda".

Ela me respondeu que na verdade o pior seria se eles pensassem que eu poderia tirar vantagem deles, porque eles acreditam que estão tirando vantagem da minha vulnerabilidade. Com o oposto, eles dificilmente voltam pra repetir.

11 DE AGOSTO

Forçadamente consegui levantar e sentar junto a mesa para escrever. Com tudo se automatizando, não consigo comemorar essas pequenas vitórias.

Ciclo sofrido, vicioso e fútil de se achar feia e não cuidar de si, logo, se sente pior ainda por não conseguir se cuidar. Por que estou tão focada em coisas assim e não consigo modificar esse modo que se automatizou no meu ser? Odeio me sentir capturada por desejos que não são meus.

Às vezes, sinto que não deveria mais escrever. Ainda mais depois de terem lido tudo o que escrevi. Me culpavam pelo psiquiatra não querer mais me atender. Me ameaçaram botar pra fora de casa. Se quisesse virar puta, tinha que ser bem longe dali (e boa sorte pra conseguir clientes).

Não sei o que a minha irmã ganhou mostrando pra todo mundo o que eu escrevia. Bom, se era só pra me envergonhar, ela conseguiu. Se era pra perder mais um pouco do fio de confiança que eu começava a ter, ela conseguiu.

Sobre confiança, lembro quando minhas irmãs insistiam em dizer que por eu ser a que tinha a pele mais escura de toda a família, era também a mais feia. Ou quando a minha avó disse para eu cuidar de estar engordando muito, assim, não ia conseguir emprego ou homem que me quisesse.

Isso era cruel. Por que mulheres falam isso pras outras? Seria uma forma de se sentir melhor? Mera competição?

Eu não entendo. Eu não pedi a opinião de ninguém sobre o meu corpo nem sobre o que escrevo. Por que causo incômodos?

Seria o medo de eu expor os segredos que sei deles, suas vulnerabilidades?

Existe alguma verdade no que escrevo e preciso ser silenciada?

Tempos antes da internação, eu comecei a enxergar tudo de uma nova maneira, notar e expressar minha revolta por coisas que antes eu me calava. Posso ter sido internada para me calar de novo. E, conseguiram por um tempo...

Quando eu escrevi que é possível me escutar melhor quando converso com alguém que me escuta, estava querendo dizer exatamente que a minha ideia de ser prostituta não era algo que eu realmente queria. Que aquilo podia me ferir no sentido de fazer eu me sentir de novo um objeto. Algo que eu não quero mais sentir...

Parei de escrever por vários dias e estava quase sendo engolida por tudo que anda pela minha cabeça nesse tempo. Sinto algo tentando rasgar meu peito. Não quero ficar me lamentando, mas é o que eu sinto. Sei que a vida pode melhorar, mas, às vezes, é difícil me responsabilizar pelo que me acontece. Preciso fazer coisas fora de casa, conseguir um trabalho que não seja o doméstico. Sei que preciso aumentar meu repertório.

Por isso, pedi pra Lavínia, amiga que conheci no CAPS para me indicar para trabalhar no bar que o pai dela tem. Sei que posso ter mais problemas em casa se eu conseguir, mas as coisas precisam mudar por aqui há algum tempo...

Assim, vou poder construir outras referências para mim. Não ser mais a Jéssica doente e inútil. Já to cansada de ser só isso.

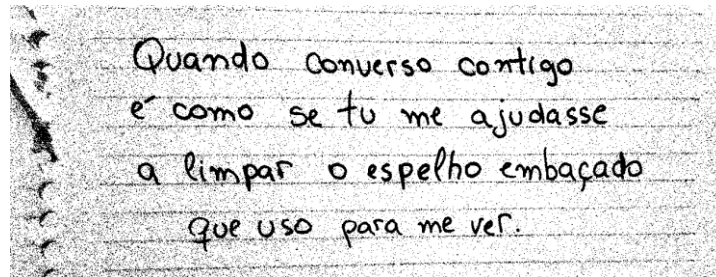
E, devagarinho, por mais que as coisas ainda não pareçam tão boas, vou repetindo afirmações para que os dias pareçam menos frios e menos presos na cama. Tem uma coisa que escutei hoje e diz isso...

Devagarinho
De manhãzinha, eu vou
Enchendo-me de alegria
Como a flor
Que recupera sua cor
Aos pouquinhos
Com a chegada do novo dia

(ANTUNES, 2020)

22 DE SETEMBRO

Fiquei emocionada com a mensagem que Lavínia deixou pra mim. Da última vez que fui na casa dela, não a encontrei, mas deixei um bilhete no pátio. Ela deixou a resposta do meu bilhete no pátio de casa.



Ela também me convidou para participar do coletivo que ela faz parte. Ela disse que é tipo um movimento social, tem muita gente legal interessada em fazer algo diferente no mundo, que eles escutavam e acolhiam todo mundo. Além das parcerias que ela tinha para fora do ambiente do coletivo.

Fui num dos encontros e achei legal. Já aprendi muita coisa sobre autoras negras e tenho muito mais a aprender. Vou participar mais dos encontros, percebo que sinto falta de estar com mais pessoas, especialmente por causa disso que Lavínia escreveu para mim...

Lembrei bastante das minhas companheiras de internação...

Nos dias de visita, nem todas tinham alguém para receber. Tinha uma jovem que tinha espancado o familiar chorava bastante no dormitório por ninguém aparecer. Lembro que eram poucas as pessoas que ela tinha como família, e elas se revezavam no cuidado do familiar no hospital, por isso, não tinham como realizar a visita. Voltávamos da visita e o enfermeiro dizia que ela estava no dormitório novamente soluçando e esperneando incontrolável.

Chegávamos no dormitório e, todas as vezes, alguém lembrava:

“Ei, sua louca, como tu quer que alguém apareça se eles tãõ tudo lá no hospital com o Fulano que tu deitou na porrada?”

Ela parava de chorar e olhava para gente segurando a risada, e quando ela abria um sorriso de canto, ríamos juntas. Todo mundo se via com um pouco daquela loucura e pedíamos para ela contar novamente como foi a história até chegar o dia daquele descontrole, ou qualquer outra história que ela quisesse.

E quando ela começava a narrar em meio ao choro e riso, ajudávamos na limpeza das lágrimas. Suely acariciava seus cabelos e perguntava qual penteado ela gostaria que fizesse enquanto ela estivesse falando. Era lindo: nós a escutávamos, ela relaxava e a abraçávamos repetindo que podíamos entender da sua loucura, porque era parecida com a nossa ainda que diferente.

No final, ela sempre dizia: "Eu sou um lixo".

Todas riam.

Eu dizia: "Se você é, todas nós somos também. Vamos pedir pra quando vierem recolher o lixo, recolher também todas nós pra jogar fora. Porque aqui todo mundo é lixo também".

No fundo pensava que se estávamos ali é porque já fomos jogadas né. Pensava nas palavras de Lélia Gonzalez (1984) sobre estarmos na lata de lixo da sociedade ou no quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus (1960).

Alguém falava assim: "Bora pensar que vamos ser recolhidas daqui e vamos poder sair. E aí nós vamos nos reunir e poder tomar uma cerveja"

E aí sempre tinha uma pra dizer: "Eu não gosto de cerveja".

Mas, aquilo tudo era pra gente lembrar que lá a gente não devia ter tempo para se sentir culpada ou ter pena de si mesma. Justamente por causa de todo o suporte que podíamos fornecer umas as outras. Era nós por nós.

21 DE OUTUBRO

Muita dor nas pernas hoje. Nos braços também. Noite de promoção, 2h da manhã e o bar ainda cheio.

Pensei em perguntar pra minha mãe se tinha algum relaxante muscular, quando a gente não tinha tanque, ela lavava as nossas roupas em uma bacia, agachada no chão. Ela dizia que a dor a acompanhava até a cama, e ela tomava o relaxante muscular para conseguir dormir. Mas, acho que ela diria que eu sou a rainha das dores...

Mas hoje também tem um cansaço mental enorme. Um grupo de jovens que atendi, acredito que tinham idade aproximada a minha, deixou um desconforto na memória de suas conversas e ações.

"Mariazinha, Joana", eles chamavam de maneira pejorativa, mesmo que eu repetisse meu nome. Pediam para eu sorrir em vez de demonstrar que não estava gostando daquela "brincadeira".

Ahh, nunca gostei de sorrir para "brincadeiras" assim, mas cresci sendo obrigada a sorrir, ou apenas ficar quieta e concordar, algo como na música Mandume:

"Eles querem que alguém
Que vem de onde nós vem
Seja mais humilde, baixe a cabeça
Nunca revide"¹¹

Pediram champanhe, um pedido que, durante o tempo que trabalho, nunca havia sido feito. Depois, pediram cervejas. Ficaram aborrecidíssimos quando informei que tinham acabado.

¹¹ EMICIDA. Emicida - Mandume ft. Drik Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzike, Raphão Alaafin. 2016 (8m47s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mC_vrzqYfQc>

Até a parte que eu mais apreciei no trabalho, de alguma forma, ficou desagradável. Não conseguia escutar o grupo Poetas Vivos declamando suas poesias.

Uma das meninas que estava na mesa dizia assim: "Ah, vamos falar de algo importante: Skincare! Chega desse mimimi.". O rapaz que estava junto concordou dizendo que era vitimismo demais.

Fui entender o que era quando cheguei aqui em casa o que era a tal da skincare e pesquisei um dos produtos citados por ela. O preço era mais ou menos três dias de trabalho meu no bar.

Enquanto eles reclamavam da falta da bebida e da maneira que eu havia servido (que tinha sido totalmente errada o champanhe), eu lembrava o incêndio recente que teve na comunidade. Eles diziam ser importante anotar tudo aquilo para nunca mais esquecer. E eu me questionava sobre o que é mesmo importante...

Não preciso forçar muito para lembrar os estalos que o fogo faz ao consumir as telhas e madeiras, o cheiro da fumaça que fica impregnado por muito tempo em qualquer coisa por onde tenha passado ou a visão do fogo subindo mais alto que uma fogueira de São João que costumávamos fazer durante as festas juninas no bairro.

Muitos ajudavam como podiam a retirar os pertences de dentro das casas, vi um senhor molhar um cobertor e correr para dentro de sua casa para tentar resgatar algo. Todos ligavam repetidas vezes para os bombeiros. E eles demoravam demais, o vento estava forte naquela noite e o fogo se espalhava com rapidez.

Por causa do vento, ouvi uns pedidos de misericórdia a Deus para que aquele fogo não se espalhasse mais. Tinha um rapaz filmando tudo e ouvi alguém dizer a ele: "Para de querer filmar a tragédia dos outros".

Fui até a casa de uma amiga, pois não aguentava ver a cena e a cada explosão de botijão de gás, a casa dela que também era de madeira tremia completamente.

Houve uma cobertura da mídia, que chegou bem antes que os bombeiros. Durante a manhã inteira o jornal explanou o acontecimento. E me impressionou ver repetidas vezes a palavra "recomeço". Difícil imaginar essa possibilidade, pois eram pessoas que já tinham tão poucos recursos para viver. Muitos tiveram perda total. Só o que lhes restou foi a roupa do corpo.

Exibiam as famílias vasculhando nas cinzas algo possível de se recuperar.

Recomeços...

Vi na televisão também um dos bombeiros dizendo que o que dificultou o acesso dos caminhões e contenção das chamas foi o espaço pequeno dos terrenos, o material e o modo de construção das casas na vila. Ele também falou que devia ser um aprendizado para que as pessoas não construíssem as casas de madeira e daquela maneira. Aquilo me causou uma revolta... Ele falou como se essas pessoas tivessem essa escolha...

Fiquei pensando se ser sensível a dor do outro seria algo adquirido ou que nasce com o ser humano?

Comparar dores? Será possível comparar dores e sofrimentos?

Sei sim que é fácil julgar uma realidade quando você é apenas expectador, mas é como vi num print de tweet esses dias: "todo mundo te manda fazer do limão uma limonada só que tem gente que tem espremedor automático que trouxe de Miami e tem gente que tem uma faca meio cega e a força do braço"¹²

Com tudo isso na cabeça é difícil pegar no sono, mas acho que irei assistir ao vídeo de uma poesia de Bell Puã, representa muito do que sinto agora.

¹² <https://www.instagram.com/p/CH1bO9DhuvH/?igshid=qy84dyfjcy>

Narrativas de cor e dor

Ouvi duas mocinhas brancas
 Declamarem seu passado
 Não filando fofoca de ônibus
 Mas em restaurante caro
 Falavam dos méritos de seus ascendentes
 Uma tinha avô advogado
 A outra um avô médico
 Que desbravou a europa

Eu cheguei aqui de pára- quedas?
 Vovô andava malandro pelo centro carioca
 Descalço, apelidado de macaco
 Preso duas vezes sem nenhum crime de fato
 Por 30 anos porteiro de edifício chique
 Em Copacabana
 Recebia ordens de um seu Raimundo
 “Elias, preto e funcionário só entra pelos fundos”

Enquanto a lembrança de vovô ecoava
 Ainda escutava sobre a avó de fulana
 Que aos 15 anos viajou pra Miami
 Meu peito ardeu de lembrar que vovó
 Desde os 9 anos de idade
 Limpava o chão de madame!
 Todo tipo de humilhação
 Sofrimento só pros filho estudar

Segundo Gilberto Freyre
 Branco pra casar
 Mulata pra foder
 E negra pra trabalhar
 Aprendi logo cedo que privilégio de branco rico
 Não é só ter dinheiro, ser o mais bonito ou ter cara de doutor
 É a sociedade ter mais empatia com a dor deles do que a nossa dor
 Mário assassinado no Ibura sem crime nenhum
 “pra morrer desse jeito alguma coisa ele fez”, comentou o burguês
 Seu crime foi nascer preto e na periferia
 Como Rafael Braga condenado a 11 anos de xadrez
 Sabe o que ele não fez?
 Ter nascido filho de desembargadora
 Podia portar 120kg de droga, AK 47 e metralhadora
 Que tava solto no mundo
 Mais um criminoso rico rindo à toa

Vó, eu não esqueci eu sei de onde vim
 Mesmo classe média perguntam se sou empregada no prédio que moro
 Lei Áurea é paia
 Sem qualquer indenização
 Atirados à barbárie

Tínhamos senhor e ganhamos patrão
Da senzala pros guetos
Da senzala pra fora dos filhos de história
Ficou na memória dos meus antepassados
Não bisneta de senhor de engenho
Mas de escravizados

Hoje a áspera angústia do desencanto nos une
Pois permanece impune o poder do capital
Ó deus-mercado confesso uma herege!
Individualismo não procede nessa mente marginal
Ó deus-mercado queime-me na fogueira
Onde queimam as utopias!
Respondo com sangue nos olhos
Na boca a poesia
E um foda-se!
Pra quem fala de meritocracia!
(PUÃ, 2018)¹³

¹³ PUÃ, Bell. [Slam BR 2017 - Final] Bell Puã - Narrativas de cor e dor - Legendado 2018. (3m15s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Te7cJ_-3TxU>

11 DE NOVEMBRO

A partir do momento que escrevo, eu me livro de tudo isso e boto pra fora tudo o que meu coração sente.

Por muito tempo, estive triste e impotente por viver sem grana, por não conseguir ter uma mínima qualidade de vida. Me culpava e culpava principalmente meus pais por terem me trazido ao mundo pra sofrer. Sofria também ao ver pessoas na rua nas piores condições de vida e não poder ajudar. Nunca soube viver bem dentro de uma bolha. E acho que é por isso que fico tão chateada. Julgo tanto as pessoas que tem todas as oportunidades e possibilidades e ainda escolhem criar problemas a si mesmas. Porque pra mim problema de verdade é falta de comida, de condições mínimas de saúde e educação...

Hoje depois da reunião do coletivo que Lavínia me levou, fomos num boteco no centro ali perto de onde tinha sido a reunião. Conheci Suzana, uma estudante de psicologia e atuante no coletivo há alguns anos. E a experiência não foi muito boa.

Estávamos de boa, tomando cerveja, um litrão gelado. E a conversa tava boa, fluía desde o clima bom do fim da tarde até sobre nossos cuidados em saúde mental. Quando chegaram alguns trabalhadores de alguma construção. Eles ocuparam a mesa ao nosso lado, e quando começaram a beber também começaram a falar alto e tentar se comunicar conosco.

De início, me senti incomodada. Mas, Suzana começou a tentar humilhar aqueles homens por causa de sua profissão, dizendo que aquele bar era super mal frequentado. Que eles deviam ter vergonha pelo cheiro e pelo modo que se comportavam em público. Já tínhamos pedido para eles pararem de nos assediar, e eles pararam, só que ela continuou insistindo que eles estavam olhando pra ela e que a gente precisava ir embora dali.

Ela disse que tinha que morrer todos os homens pra gente poder conseguir viver em paz. Que era um inferno ser mulher e ter que conviver com isso todos os dias.

Só que eu não conseguia enxergar daquela maneira. Via apenas trabalhadores pretos e pobres curtindo o início da sua merecida folga depois de uma semana cansativa de trabalho. Levantei e voltei para casa pensando na poesia *Mãos de Obras* de Beká.¹⁴

Fiquei lembrando do meu tio. No dia que ele me contou o quanto foi ignorado quando foi num banco e pediu apenas uma caneta pra escrever, que todo mundo ignorou ele por causa da sua aparência. E possivelmente, por causa do seu cheiro.

Também, tinha pouco tempo que Suzana começou a se questionar sobre seus privilégios. Foi no estágio que ela estava fazendo em um abrigo com menores infratores, quando eles viram ela chegar de carro, e eles comentaram que ela deve ter trabalhado muito pra conseguir comprar aquele carro. Quando, na verdade, ela tinha ganhado dos pais.

O mundo de quem passa mais tempo da vida dentro de um elevador, de um carro ou de um shopping do que nas ruas da cidade que mora, sem dúvidas, era algo distante da minha realidade.

Quando visitei o apartamento que ela morava com os pais, percebi que a minha concepção de riqueza era deturpada. Entrei com o mesmo sentimento de entrar numa lojinha que vende artigos frágeis e que tem uma placa escrito "quebrou, pagou". Mas ali, ia me custar muito mais que 20 ou 30 reais. Apenas um abajur que eles tinham numa das salas custava 20 mil reais.

A suíte dos pais dela dava duas da minha casa em extensão. A sala tinha pé direito duplo (o que descobri que existia quando entrei lá) e vários móveis criados por estrangeiros famosos para aquele apartamento. Pinturas e esculturas exclusivas compradas em leilões.

Por uns 10 minutos fiquei imaginando como seria se morasse ali, se a minha circulação pela cidade fosse sempre de carro. Do décimo quarto andar não se escuta os barulhos da cidade. Você não escuta nem mesmo o vizinho que mora a metros de distância. Isolamento acústico que não é barato. Você só consegue enxergar e escutar aquilo que está próximo de você, ao seu alcance.

¹⁴ BEKÁ. Mão de obras | Beká | SEGUNDA RODADA - Final Slam da Guilhermina. 2019. (4m17s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=W4cNoo8T3Vo>>

Não escutar, não sentir os odores e não ver a pobreza... Conseguia resumir aquela experiência imaginada em apenas uma palavra:

CONFORTÁVEL

Uma vez, escutei alguém do coletivo comentar que estava trabalhando com um grupo de surdos e que, algumas vezes, os que usavam aparelhos auditivos, costumavam desligar os aparelhos para se isolar do barulho. Acho que é mais ou menos isso que pessoas que podem, compram: uma cegueira e surdez para as questões do mundo, uma bolha de isolamento.

Outra coisa que estranhei foi ela contando que desde criança mal encontrava com os pais, que teve uma vez que uma amiga encontrou o pai dela e ele nem sabia que elas tavam ali em casa. Eles não tinham muito tempo para ficar juntos e conversar, o que era bom pra não ficarem incomodando, mas de vez em quando eles vinham incomodar... Ela disse que eles tinham câmera em todo o apartamento e prédio, nada fugia do registro das câmeras. Assim, quando eles quisessem, eles poderiam olhar tudo pelas câmeras. Mas, olhar pelas câmeras é diferente de viver junto né. Uma realidade muito distante. Então, ela dizia que eles não podiam falar nada, porque nem conheciam ela, não dedicavam tempo para isso.

O que me faz lembrar da última sessão com o psicólogo, que contava sobre como o slam se tornou importante no meu cotidiano. E ele começou a dizer que tinha ficado feliz ao ver tantos jovens reunidos no viaduto quando passou de carro ao retornar para casa após o trabalho na noite anterior. Ele disse que gostaria de realizar uma pesquisa com aqueles jovens.

Imaginei que se houvesse disposição de sua parte em baixar o vidro do carro ou parar por um momento para descobrir do que se tratava a reunião, sua fala seria composta pelo encontro, e não de um olhar distante sobre o que ocorria naquela noite. Ele era como o pai da Suzana que vez ou outra encontrava com algo que chamava sua atenção nas filmagens e queria falar daquilo como se seu olhar invasivo fosse sinônimo de cuidado.

Era muito fácil olhar de longe, dentro do carro ou até de dentro de um consultório, lugar protegido e confortável. Olhar distante, olhar de uma câmara.

Qual cuidado há nisso com aqueles sujeitos que ele pretende pesquisar ou atender?

Lembrei do trecho da poesia "Menimilímetros" da slammer (poeta) Luz Ribeiro¹⁵.

[...] Quando "cês" citam quebrada nos seus tccs e teses
 "Cês" citam as cores das paredes natural tijolo baiano?
 "Cês" citam os seis filhos que dormem juntos?
 "Cês" citam que geladinho é bom só porque custa um real?
 "Cês" citam que quando "cês" chegam pra fazer suas pesquisas seus vidros não se
 abaixam?

Não citam, não escutam
 Só falam
 Falácia!

Muito diferente do dentista que eu adorava ir no posto. Ele sempre me explicava tudo o que ia fazer, todo o processo e pedia autorização para iniciar. E, ele parava de fazer algo na minha boca quando eu queria falar para poder me escutar ou quando eu dizia que estava doendo. Tinha respeito, um cuidado que não era imposto, mas construído.

Fiquei pensando em tudo como uma experiência que já havia conversado com Ari, de pessoas que talvez tenham medo de deslocar seus lugares de escuta. Não desejam furar suas bolhas de isolamento, assim podem definir quem ameaça o seu conforto como perigoso, doente, inútil, preguiçoso... alguém que precisa ser consertado.

Novamente, pensei na poesia de Beká¹⁶.

¹⁵ RIBEIRO, Luz. Menimelímetros - Luz Ribeiro. 2017. (3m8s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CTY8Fs2K3k8&t=58s>>

¹⁶ BEKÁ. Mão de obras | Beká | SEGUNDA RODADA - Final Slam da Guilhermina. 2019. (4m17s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=W4cNoo8T3Vo>>

Mão de obras

É pau, é pedra
 Esse é o caminho
 De quem veio do sertão
 Sem lenço, nem documento
 Sozinho
 Perdido na selva de pedra
 Acolhido nos barracos de pau e nas ruas de barro de alguma favela.

Infância?

Não sabe nem o significado dessa palavra
 Aos dez anos de idade seu primeiro presente
 Foi uma pá e uma enxada.
 Aos doze teve que tomar uma dose de cachaça pra provar que era cabra macho
 E aos quatorze foi levado a um puteiro, pois diziam que já era hora dele perder o cabaço
 Hoje é um tiozin
 Que às cinco o galo canta, às seis ele levanta
 Pega um pote de sorvete faz uma marmita com o que sobrou da janta,
 Que dona Maria fez, faz e continua fazendo sem caô
 Não é visão de fazer dela Amélia, mas ela entende o esforço e suor do marido e faz isso com
 muito amor.
 Juliana de Jesus me disse um dia “Realidade que se vive é diferente de realidade assistida”
 Da ponte pra cá, é outras ideias mano, é outra fita
 As oito ele chega na obra, mal começa o dia e os peão já tão se perguntando: falta quanto pra
 meio dia?
 Entendo, pois muitos nem tomaram o café e já botam a mão no cimento ainda de barriga
 vazia.

Vinte peão trabalhando numa obra, mano

Quase todos são pretos, um só é branco
 E adivinha quem é o engenheiro?
 Sem erro
 Engraçado é que nem sempre quem sabe mesmo é que ganha mais
 Os tio miliano de obra fazendo história
 E quem ganha a medalha de honra ao mérito é um boy que cursou cinco anos de teoria
 bancado pelos pais.
 Sem novidade, massa que vai
 Concreto que vem
 Encarregado de obra que puxa saco de patrão na mão dos peão se torna refém.

A cachaça escondida é um remédio para amenizar as dores do corpo
 Mas também é um biotônico para abrir o apetite na hora do almoço
 Esquentar a boia, sentar no chão,
 Pega a coxa de frango na mão
 Garfo não,
 Ele gosta é de comer de colher,
 Lambe os beiço, bucho cheio
 Trinta minutos para tirar um cochilo
 E antes de voltar pra despertar

Um copinho de café
 E é com a fé mesmo que eles seguem pra poder continuar
 Pois ainda é uma da tarde e até as cinco tem chão, muito chão pra quebrar.

Marretada dada, suor pinga na calçada
 Experiência de peão não se comprova com carteira assinada, mas sim nas mãos calejadas
 O cigarro é tão essencial como a ferramenta de trampo
 Às vezes, nego veio nem é fumante, mas mata dez minutos do descanso fumando
 Mete o loco mesmo é pra cima dos patrões e das grandes empreiteiras
 O que é atrasar alguns meses de obra cujo dono contribuiu para o atraso de sua vida inteira?
 Tá de brincadeira?
 Mãos à obra lá na obra ninguém tem nome, mas todos tem vulgo
 É o Ceará, o Bahia, o Maranhão, o Pernambuco
 Vai dizer que nordestino é preguiçoso, mano?
 Isso é até um insulto.

Eu não julgo, as mina passa, os peão comenta, eu vou fazer o que?
 Como eu vou explicar o machismo pra quem o estado não fez nem questão de ensinar a escrever?
 Peraí, faz favor, tem quem gosta de fuder oprimido que já tá fudido, mas não vejo nada contra os opressor.

Tem que ver direitinho, tem que tá vendo
 Vou cobrar, sim, da minha geração
 Começando por mim mesmo.

Valeu Zé,
 Valeu João,
 Valeu Chico,
 Valeu Raimundo.
 Criam seus netos, sustentam seus lares cheios de orgulho
 Já dei um salve nas crianças poetas da rua
 Hoje o meu salve é pros tiozinho da vila
 Que entre o cimento, o sorriso e o lamento
 Nunca deixou de lutar pela sua família.
 (BEKÁ, 2019)¹⁷

¹⁷ BEKÁ. Mão de obras | Beká | SEGUNDA RODADA - Final Slam da Guilhermina. 2019. (4m17s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=W4cNoo8T3Vo>>

Após a leitura das páginas do caderno, tentei pensar na escrita da carta, porém, escutar a mim pelas páginas do caderno doía. É muito angustiante me ler cheia de conflitos, mergulhada em tristezas, confusões e dores. Em relação a algumas páginas, eu tinha o ímpeto de arrancar do caderno, rasgar, negando a existência daqueles pensamentos, sentimentos e acontecimentos. Assim, via também o medo do que a leitura podia me revelar, Glória Alzandúia (2020, p. 234) fala que a escrita pode revelar “os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla”. E, Conceição Evaristo (2016, p.109) no conto “A gente combinamos de não morrer” traz que “Escrever é uma maneira de sangrar”.

Em uma das vezes que manifestei o interesse em largar a terapia, o psicólogo havia me dito: “Tu prefere largar a terapia do que mudar?”. Essa pergunta reverberou dentro de mim durante muito tempo... Como pensei em destinar minhas palavras a quem pouco me escutou?

Guardei o caderno no mesmo lugar e caminhei para o quintal de casa. Minha mãe a pouco tempo plantou uma árvore, acho que ela mencionou ser um ipê amarelo. Já começávamos a imaginar a sombra, a beleza do seu florescer e as visitas dos pássaros que iríamos ter recorrentemente. Em seguida, pensei no que trazem Simas e Rufino (2020, p. 15): “Os ventos ensinam, como diz um velho provérbio congo, que os pássaros têm asas porque elas lhes foram passadas por outros pássaros”. Nos encontros que tive com mulheres, sejam com mais velhas ou mais novas que eu, pude aprender o sentido inacabado de quem eu era e que ainda tenho muito a aprender com estas que vieram antes de mim e com as que vivem no mesmo tempo que eu. A imagem trazida por uma poesia também habitou minha mente: ser guiada por Sankofa. Enxergava-me ali nesse movimento de “voltar e pegar, ou seja, apropriar-se dos ensinamentos deixados por aquelas/es que vieram primeiro para, assim, ressignificar o presente e tornar possível a esperança de um outro futuro” (JESUS; SOUZA, 2020, p.342).

Pensei na última vez que sonhei com a internação, que nós, mulheres e homens internados, brincávamos no pátio com uma bola durante uma tarde inteira, num jogo de não poder deixar a bola cair no chão, sem limite de tempo, ninguém nos interrompia. Fiquei pensando no quanto nos esforçávamos para não deixar a bola cair, nas risadas quando alguém deixava a bola cair e do quanto nos divertíamos em recomeçar a brincadeira. Eu ficava triste de não ter os nomes completos para procurar por aquelas mulheres nas redes sociais...

Por fim, pude me dar conta de que aquelas mulheres companheiras de internação eram as destinatárias da carta que eu gostaria de escrever. Era com elas que eu desejava me corresponder, então, busquei papel e caneta para escrever.

Carta

Queridas companheiras,

Desculpem a demora no envio desta carta. Havia vontade de escrever a vocês desde a saída do hospital. Admito a covardia que me acometeu, se eu me correspondesse com vocês, pensava que seria reflexo do desejo de voltar para o hospital também. Entendia que sentir saudades seria errado, pois de alguma maneira estaria me identificando com a doença e com a dor. Inclusive, tenho aprendido a não me definir mais pela dor. E já comento mais a respeito dessa questão, mas, primeiro gostaria de saber como estão, se estão em tratamento, se voltaram a ser internadas mais alguma vez, se lembram de mim... Gostaria de saber quais os caminhos que vocês seguiram, às vezes, sinto que estes caminhos ainda se cruzam com os meus.

Esses dias, quando encontrei com a minha amiga Lavínia, ela também foi internada (mas numa clínica particular com quarto individual, um terapeuta ocupacional para cada paciente, encontros duas a três vezes por semana com psicólogos e psiquiatras atenciosos), notei como saúde mental pode ser caro, não é? Seria ótimo ter tudo isso disponível em nossos tratamentos, além de remédios que não nos transformassem em robôs ou zumbis. Mas, como saúde mental tem se transformado em uma mercadoria, não é acessível a todos.

Nos últimos dias, também vi algumas pessoas comentarem nas redes sociais sobre a necessidade de isolar outras pessoas em hospitais psiquiátricos. Isso sempre me incomoda, porque só nós sabemos o quanto nossos corpos foram marcados por uma proposta cruel de cuidado que nos isola e apaga, que não nos escuta ou considera nossos saberes como válidos.

Um dia nos ensinaram que era errado ser o que somos. E essa acusação penetra em nossos corpos trazendo uma culpabilização individual. Eu tive que me olhar inúmeras vezes no espelho até compreender que um dia fizeram eu me odiar: me culparam por ser triste e fazer as escolhas erradas, por não saber

o que é melhor pra mim, por insistir no que me traz sofrimento e por não me esforçar o suficiente...

Mas, preciso lhes dizer que tenho aprendido que não estamos descoladas do meio que estamos inseridas, que as dimensões social e política não podem ser esquecidas quando falamos em processos de saúde e adoecimento. Por mais que tenhamos acesso a consultas com psicólogos maravilhosos que nos escutem, não é o suficiente. Não há terapia ou remédios que acabem com os efeitos das vulnerabilidades sociais nas quais estamos imersas.

Hoje, eu olho para as camisas de força e se vocês puderem olhar atentamente junto comigo verão que nossos nomes não estão inscritos em seus tecidos e cápsulas. Elas não foram feitas para nós!

Com isso, eu me pergunto: Será que é bom mesmo ser normal? Estar adormecido, anestesiado, cego e surdo para as questões do mundo? Se isso é sinônimo de saúde mental, prefiro continuar sendo louca.

E aqui vai a minha confissão para vocês: eu não tenho mais vergonha ou medo de ser considerada louca. Já me incomodei muito. Lembra que a gente dizia que era mesmo as existências perturbadas que todo mundo dizia que a gente era? Constantemente interrompidas e não compreendidas... Agora, eu me proponho a inverter essa lógica de ser perturbada pelos outros: como loucas, nós podemos desafiar, desobedecer e perturbar as estruturas.

Vocês lembram das tardes depois do almoço? Enquanto digeríamos o alimento conversávamos sobre tantas coisas... Tenho orgulho de ter conhecido e de ter aprendido tanto com vocês! Conseguíamos reconhecer nossas forças para além de uma vida de dor, porque a nossa força não está em aguentar ou passar por sofrimentos. Ter o sofrimento como algo normal e bom pode nos levar a desacreditar na possibilidade de viver algo tranquilo, onde tudo precisa ser sofrido e sacrificante para não ser visto como errado para nós.

As dores ainda existem e são várias, não vai ser de uma hora pra outra que iremos desaprender tudo aquilo que nos foi ensinado sobre sermos incapazes e não pertencermos a alguns lugares. Mas, quando sinto novamente que estou

sendo desumanizada, quando sinto as estruturas de dominação e de exploração a moerem meu corpo e me fazem acreditar que não mereço a felicidade, vejo suas mãos, olhos e ouvidos estendidos em minha direção. Eu canto, danço e também escrevo para reconstruir minhas forças.

Sei que não serão concretamente os olhos, as mãos e os ouvidos de vocês, mas esse gesto se atualiza quando me conecto e construo alianças com outras mulheres. Agora, o cuidado para mim faz mais sentido quando posto em circulação. Construindo relações em que cuidamos e somos cuidadas também. E descobri que isso tem a ver com a ancestralidade, que temos muito a aprender com as mulheres que vieram antes de nós, tanto com as que conseguiram quanto com as que não conseguiram se manifestar diante das opressões. Assim, tenho aprendido que nem sempre eu devo me proteger do mundo, que nem sempre ele está a nos machucar. Que a vida ainda possui bons encontros!

E poderia encerrar a carta com um “espero que fiquem bem”, mas sei que não podemos tomar isso como um imperativo, muito menos a possibilidade de que alguém nos escute. Por isso, eu espero apenas que não se calem, mesmo que haja produção de surdez, muros ou bolhas de isolamento diante de vocês. Continuarei a procurar por vocês e pelas suas lindas histórias nas redes sociais. Se puderem, entrem em contato comigo, sinto saudades!

Com carinho,

Jéssica

Convite

Se as palavras e linhas tecidas foram capazes de lançar-te numa catapulta de afetos

Se nos acompanhou e sentiu desde o cheiro do sangue a escorrer pelo papel

Ao som dos meus cacós, meus fragmentos sendo recolhidos do chão.

Você conseguiu enxergar os meus pés a correrem para longe de tudo aquilo que me feriu? E as minhas mãos entrelaçando-se com outras mãos?

Sabemos que ainda existem muitas feridas abertas a serem costuradas,

Por isso, o convite está feito:

@cuidadodenas no Instagram é a nossa comunidade virtual, criada para a contínua contação e escuta das histórias de mulheres e estabelecimento de um cuidado coletivo.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Marilea de. Prefácio. IN: HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.
- ANTUNES, Arnaldo. Devagarinho. O Real Resiste, Rosa Celeste, 2020.
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- BAILE, Heavy. Leo Justi - Heavy Baile Mixtape II. 2019. (30m49s). Disponível em: <https://youtu.be/LOx1zy63eZo>
- BATTISTELLI, Bruna Moraes. Cara colega de universidade. **N-1 edições**, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/35>
- BATTISTELLI, Bruna Moraes; OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. CARTAS: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 2, p. 679-701, maio/ago, 2021.
- BATTISTELLI, Bruna Moraes; RODRIGUES, Luciana. Contar histórias desde aqui: por uma sala de aula feminista e amefricana. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 23, n. 1, p. 153-173, jan./abr. 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BEKÁ. Mão de obras | Beká | Segunda rodada - Final Slam da Guilhermina. 2019. (4m17s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W4cNoo8T3Vo>
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOMBA, Pedro. Pedro Bomba e a poesia Amor-Coragem. 2016. (2m19s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XT_WMQsze1g
- BOTTONI, F. D.; COSTA, L. A. Ética ficcional- cartográfica: a procura humilde e a força frágil. **Quaderns de Psicologia**, v.20, n.1, p 89-100, 2018.
- CERQUEIRA, Rool. Tormento. 2018. (2m24s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6qYZy90t334>
- CLANCE, Pauline Rose; IMES, Suzanne Ament. The imposter phenomenon in high achieving women: Dynamics and therapeutic intervention. **Psychotherapy: Theory, Research & Practice**, v.15, p. 241-247, 1978.
- CLONAZEPAM. Rafaella C. A. Chimiti. Anápolis: Geolab Indústria Farmacêutica S/A, 2018. Bula de remédio.

COSTA, Luís Artur. O corpo das nuvens: ousos da ficção na Psicologia Social. **Fractal, Rev. Psicol.** vol.26, n.spe, pp.551-576. ISSN 1984-0292, 2014.

COSTA, Luís Artur. Compendo subjetivações biografemáticas: a arte como dispositivo nas práticas em saúde mental. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v.8, n.18, p.04-24, 2016.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**, n. 9, p. 119-126, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: _____. **Mil Platôs**. 2ª. ed. Trad. Ana Oliveira, Ana Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: 34, 2011. Vol. 1.

EMICIDA. Emicida - Mandume ft. Drik Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzike, Raphão Alaafin. 2016 (8m47s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mC_vrzqYfQc

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê Editora, 2017.

EVARISTO, Conceição. **É Tempo de Aquilombar** (Poema). 2020. Disponível em <<https://www.xapuri.info/cultura/tempo-de-nos-aquilombar>> Acesso: 10 nov 2021.

FEDERICI, Sílvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FELIX, Mariana. [Slam BR 2017 - Final] Mari Felix - Fragmentos – Legendado. 2018. (3m8s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p6DNOPTXB2g>

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. 2ª. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FUNDO DE QUINTAL. O Show tem que continuar. O Show tem que continuar, Som livre, 1988.

G1. Ministro da Educação defende que universidade seja 'para poucos'. 10 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/08/10/ministro-da-educacao-defende-que-universidade-seja-para-poucos.ghtml>. Acesso em: 5 set 2021.

GALINDO, D.; MARTINS, M; RODRIGUES, R. V. Jogos de armar: narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano de pesquisa. In: SPINK, B; NASCIMENTO, CORDEIRO (Org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2014.

GONZAGUINHA. Sangrando. LP De volta ao começo, EMI/Odeon, 1980.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GROSGOUEL, R. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. **Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 337-362, 2012.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, A. J. S.; SOUZA, F. S. Nossa arma- palavra: o ativismo intelectual das mulheres negras no poetry slam. Revell, v.1, n.14, jan/abr, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4995/pdf>

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, A. A potência do sujeito coletivo - Parte I. **Revista Periferias**. Rio de Janeiro, v.01, n.01, 2018. Disponível em: <http://revistaperiferias.org/materia/apotencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LE GUIN, Ursula K. A teoria da bolsa de ficção. São Paulo: **N-1**, 2021.

LEMOS, Nina. Fantasia de goleiro Bruno é retrato de país que glorifica assassinos... .UOL, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/nina-lemos/2021/11/03/fantasia-de-goleiro-bruno-e-retrato-de-pais-que-glorifica-assassinos.htm>
Acesso em: 06 dez 2021.

LIMA, Carlos Henrique de. A cidade insurgente: estratégias dos coletivos urbanos e vida pública. **Arquiteturarevista**. vol. 10, n. 1, p. 31-36, jan/jun, 2014.

LORDE, A. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARTINS, Monique. Monique Martins "Amora" Sangue. 2019. (3m20s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pFJVF1xCu0A>

MASUTTI, Vivian. Covid não veio para ensinar, mas para matar, afirma Ailton Krenak no fim da Flip. **Folha de São Paulo**. 5 de dez 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/12/covid-nao-veio-para-ensinar-mas-para-matar-afirma-ailton-krenak-no-fim-da-flip.shtml>. Acesso em: 03 jan 2022.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2017.

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**. 3. ed. Belém: Banco da Amazônia S. A., 2000.

MORAES, Eneida de. **Aruanda**. Belém: Secult; FCPTN, 1989.

MULAMBA. Mulamba - P.U.T.A (haistudio). 2018 (4m35s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZdpZ-93uUnY>

NASCIMENTO, Tatiana. **peessoas negras sentindo isso é apenas o racismo. o racismo é uma engrenagem que constantemente nos deslegitima [...]**. Instagram: tatiananascimento. 30 jun 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQwFzgLHQfU/> Acesso em 25 ago 2021.

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento: diálogos em educação**, E-ISSN 2316-3100, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr., 2019.

OS TINCOÃS. Deixa a gira girar. Os Tingoãs, EMI/Odeon, 1973.

PASSOS, Eduardo et al. Autonomia e cogestão na prática em saúde mental: o dispositivo da gestão autônoma da medicação (GAM). **Aletheia** **41**, p.24-38, maio/ago. 2013.

PATROCÍNIO, Stela do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

PUÃ, Bell. Especial Poesia - Bell Puã. 2018. (3m15s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zu2Ij_ypkQw

PUÃ, Bell. [Slam BR 2017 - Final] Bell Puã - Narrativas de cor e dor - Legendado 2018. (3m15s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Te7cJ_-3TxU

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Luz. Menimelímetros - Luz Ribeiro. 2017. (3m8s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CTY8Fs2K3k8&t=58s>

RISPERIDONA. Jarsonita Alves Serafim. São Paulo: Accord Farmacêutica Ltda, 2020. Bula de remédio.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Encantamento (sobre política de vida)**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. E-book.

SLAM: Voz de Levante. Tatiana Lohman, Roberta Estrela D'Alva. Marisa Reis, 2018.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma- social negro brasileira**. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia 2002.

SOUZA. Neuza Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Babi. **Vamos juntas?** - O guia da sororidade para todas. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

TELLES, Lygia Fagundes. **A disciplina do amor.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

VAZ, Sérgio. Ensaio Poético Sérgio Vaz. 2015. (18m35s). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=O6afdxORa3E>